

COMÉDIA
Intitulada
VIDA HUMANA

Representada no Colégio de Coimbra
da Companhia de Jesus

Autor
LUÍS DA CRUZ
Da mesma Companhia
Nascido em Lisboa

COMÉDIA VITA HUMANA

ARGUMENTO

O queixume geral dos homens que não educam honestamente o seu carácter costuma ser o de que, seja com a permissão seja com a intervenção de Deus, eles são castigados por causa da sua maldade. Não reconhecem que estiveram eles mesmos na origem das desgraças que sofrem. Mas não. Descarregam impiedosamente sobre Vida Humana o azedume do seu espírito e queixam-se dela muito frequentemente. É por isso que sobem à cena muitos que seguem os vícios. Até a própria Vida Humana, que mostra que cada um deles é atormentado com razão por causa das próprias culpas e dos próprios pecados também.

PERSONAGENS DA COMÉDIA

PRÓLOGO
VIDA HUMANA
FILAUTO, homem insolente
CARISTO, filho de Filauto
ORGESTES, camponês irascível
BÍRRIA, filho de Orgestes
PÂNFIAGO, glutão e parasita
CLITIFÃO, vizinho de Caristo e da mesma idade
CORO I, em versos sáficos
CRIADO de Filauto
FILÓCIO, amigo de Filauto
CORO II, em versos asclepiadeus
PÓLIPO, homem agarrado ao dinheiro e avarento
DORIÃO, criado do avarento
CORO III, contra a avareza, em versos alcaicos
ÊUMENES, invejoso
MORTE
CITAREDO
CANTO E DANÇA DA JUVENTUDE
CRIADO
ANTIFONTE, amigo de Filauto
CORO FÚNEBRE
MEIRINHO, acompanhado de guardas
SOFRÓNIO, que despreza as riquezas
IRO, pobre
LEGADO RÉGIO
ORÁCULO DIVINO
CORO V
POEMA HERÓICO DO EXORTADOR

[RESUMOS DE CADA ACTO]

RESUMO DO PRIMEIRO ACTO

Após o prólogo avança em cena Vida Humana. Acusa os homens de a atacarem injustamente, pois são eles que criam a desgraça. Aparece Filauto. Este, amante de si próprio em demasia, arroga-se de muita coisa e queixa-se de que o não procurem para dirigir os negócios do estado. Como pai, é demasiado indulgente para com o seu filho Caristo. Vida Humana, diante deles, repreende uma e outra coisa, a saber, a soberba e a brandura na educação do filho. Surge Orgestes, precisamente a figura do homem colérico. Este, exaltado, arma uma cena com o filho. Filauto repreende-o, mas a repreensão acaba em rixa. Nesta, Orgestes leva uma surra. Intervém Vida Humana. Repreende Filauto por bater num homem livre. Mas Orgestes retira-se, ruminando vingança no seu íntimo. Aparece entretanto Pânfago, abominável glutão. Este, procurando formas de encher o ventre, impinge uma série de mentiras a uns jovens, Caristo e Clitifão. Segue-se o coro que canta que a juventude deve entregar-se a bons senimentos.

RESUMO DO SEGUNDO ACTO

Orgestes avança armado com uma espada. Gaba-se de vir preparado para com ela fazer frente a Filauto. Querendo cumprir a façanha pelas costas, foge, assustado de todo. Filauto queixa-se ao mensageiro, bastante agastado com uma certa desfeita. O seu amigo Filócio tenta em vão consolá-lo. Este Filócio é uma pessoa desocupada e amiga apenas da boa vida. Vida Humana repreende-o por estar sentado e nada fazer de bom. Regressa de novo Orgestes, sedento de vingança. Esbarra com Pânfago, a quem revelou o seu propósito. Prometeu-lhe ajuda o sicofanta, desde que aquele lhe desse dinheiro. Depois de receber o dinheiro e a espada, zurze Orgestes. Mas Vida Humana, acudindo, depois de repreender verbalmente o glutão, restitui a Orgestes o que lhe fora tirado. Filauto, ao saber que Pânfago era esgrimista, entrega-lhe Caristo e Clitifão para que os instrua na arte da esgrima. Enquanto isto se passa, Vida Humana faz ver o erro dos que combatem e do próprio Filauto, por entregar o filho a um parasita, para esse o deducar. Avança o coro II. Inectiva-se a soberba, a ambição, a ira e a preguiça, pois foram estes os vícios imitados no segundo acto.

RESUMO DO TERCEIRO ACTO

Pólipo, um avarento posto em cena, acusa o amor pelas coisas venais e defende-se a si próprio e à sua avareza. Vida Humana insurge-se contra Pólipo. Dorião, o criado do avarento, queixa-se de passar fome, provoca desconfianças no homem, fala de roubar o

dinheiro. Sentindo o problema, Pólipo rumina uma série de coisas, mas não segue os bons conselhos de Vida Humana. Dorião, entretanto, estabelece planos com Pânfago: fá-lo passar por seu tio materno e apresenta-o a Pólipo para que, uma vez acolhido em casa como familiar, ambos se entreguem à tarefa do roubo. Mas Pólipo, desconfiado, nem deu hospitalidade a Pânfago nem ficou descansado. Pelo contrário, pondo fora de portas o criado, entrou em casa e, tendo desenterrado o tesouro, saiu com ele. Os dois, Pânfago e Dorião, viram onde o escondia. Orgestes vai ao encontro de Pólipo, que não lhe dirige a palavra. Orgestes, contudo, por anteriormente a espada de pouco lhe ter servido, sai a terreiro com uma espingarda. Enquanto lhe chega fogo, para a experimentar, assusta-se com o estampido e foge, após arremessar aquele engenho. Segue-se o coro III, em versos alcaicos contra a avareza.

RESUMO DO QUARTO ACTO

Vida Humana, magoada com o crime da avareza, queixando-se amargamente, insurge-se contra o invejoso Êumenes. Para reprimir os crimes, por ver que o exemplo dos que morrem é importante, ela chama a Morte e fala-lhe. A Morte vagueia de forma cruel e tira a vida a quase todas as personagens que se evidenciam na peça, ou seja, o invejoso Êumenes, o avarento Pólipo, os jovens Caristo e Clitífão, o parasita Pânfago, o invejoso Orgestes. No coro, os jovens são levados em funeral.

RESUMO DO QUINTO ACTO

A Morte vira-se contra Pânfago, um ladrão que ela não quer matar de forma diferente da que está prevista nas leis, com o castigo destinado aos ladrões. Por isso, ele é preso pelo oficial de justiça, por denúncia de Dorião. Segue-se a morte de Orgestes. Já Sofrônio, homem justo, impressionado com o exemplo dos que morreram, abandona a cidade e a Academia. Retira-se para um lugar solitário. Vida Humana exorta-o a abraçar a carreira política. Dá-lhe o dinheiro de Pólipo, para que conforte os pobres. Ao indigente Iro, que se queixava da sua penúria, ele doa-lhe as próprias vestes e, refugiando-se numa caverna, adopta um estilo ascético de vida. Mas procurando o Legado Régio um homem excelente para a condução dos negócios públicos, conduzido por Vida Humana vai ter com Sofrônio. Este, que se mostrava renitente, levado pelos conselhos divinos, acaba por entrar na carreira política. O coro quinto é contra a ambição de honrarias e de dinheiro. Finalmente, o Exortador comenta aquela máxima do Salvador, a saber: “Que interessa ao homem ganhar o mundo inteiro se o faz em prejuízo do seu espírito?”.

ACTO I

ARGUMENTO

PRÓLOGO

A personagem que dá início à comédia
entende ser unicamente esta a tarefa de que a incumbiram:
informar a plateia da trama da fábula.
Não me opus a que fosse este o meu papel.
Mas vós contemplais estas fachadas e pórticos 5
e a minha pessoa que vos fala, não é? Escutai benévolos
qual o fim desta modesta encenação.
Se alguns queriam conhecer os costumes
do seu tempo, vamos lá, não se atormentem:
não incomodem o espírito com reflexões; 10
abram bem os olhos, enquanto estiverem sentados.
Propomos um espelho para contemplação pública,
ou se quiserdes, falando então com mais clareza,
a pretensão desta peça é simplesmente
a de levar à cena o comportamento eventual de cada um. 15
E por isso digo com clareza, para ninguém ficar a ignorar:
Vida Humana é o nome da comédia,
encerrada nos domínios da humanidade.
as leis do tempo em que vivemos,
sabeis serem estas, mais coisa menos coisa: com sacrilégios 20
não nos impressionamos; com os crimes, muito poucos se lamentam
que eles ofendam a majestade de Deus.
Até o povo utiliza em seu proveito este dito:
“Pecaste? É humano!”, como se isso bastasse para o perdão.
Mas atrás dos pecados vêm os castigos. Derrama-se então 25
sofrimento e dor, e toda a espécie de amargura,
e escuta-se uma contínua acusação à Vida.
Eis como todos se queixam dela: “Ai! Quanta infelicidade
e dor imensa te rodeiam, ó Vida!”
Razoável seria queixar-se cada um de si próprio, 30
acatar as leis do eterno Deus

e não servir-se da vida para a maldade.
 Soberba, avareza, luxúria, preguiça,
 ira, gula e inveja, eis tudo o que nos mata;
 não a vida, cujo uso é agradável a Deus 35
 e constitui dom precioso do Pai que nos quer bem.
 Tende então presente o seguinte: a primeira a entrar em cena
 será Vida Humana, trajando como outrora,
 sóbria e modestamente. O seu papel será 40
 ensinar aos mortais que são eles a causa da sua ruína.
 Quem aqui se envaidecer e, com insolência
 vangloriar-se, contemplar-se-á ao espelho
 na figura dum homem soberbo que entende
 que o Estado não está à sua altura, porque ninguém se governa 45
 nem a si próprio, nem aos seus, pelo contrário, perde a família
 e permite que os filhos se depravem no luxo
 e vivam acompanhados de mestres de esgrima e de parasitas.
 Subirá depois à cena uma personagem de modos grosseiros
 que dará expressão à ira. Revela-se grosseira 50
 porque, em geral, ninguém arde em ira
 sem explodir com palavras indevidas
 e clamar por vingança, como os camponeses.
 É esta a acção do primeiro acto. Nem tudo
 vos dou já a beber, para não vos demorar muito 55
 nem enfasiar com excesso de pormenores.
 Em cada acto ter-me-eis como Prólogo,
 ao jeito de quem distribui vinho pelos convivas,
 enchendo-lhes o copo com frequência, para que bebam.
 Mas não me alargarei em demasia. 60
 Na verdade, ainda há bem pouco, na companhia do rei,
 bebestes durante dois dias no festim trágico.²
 A este manjar seguir-se-á uma ceia modesta.
 Quem comeu e bebeu em abundância ceia pouco,
 não vá o estômago ficar doente de indigestão. 65
 Refeito moderadamente, digere de noite
 e descansa num sono bem agradável.
 Eis, pois, esta ceiazinha, razoavelmente confeccionada,
 do agrado, penso eu, dos que não enjoam.
 Vida Humana, a primeira a surgir em cena,
 não se apresenta cansada sob o peso dos anos, 70
 mas na primavera duma juventude em flor,
 para que contempleis os instantes da brevidade,
 e vejais que não está longe o termo da vida,

tal como nos é dado ver nas flores da primavera,
e para que de vossos olhos mane por vezes uma torrente de lágrimas, 75
por quem hoje respira com vida
ter de amanhã baixar à cova.
E por isso mesmo trazemos também a Morte a este palco,
pois é lógico para quem vive morrer, 80
e a negra Morte finca seus passos
onde a Vida põe seus pés, em seu andar incerto.

[CENA I] : VIDA HUMANA

Pobre de mim, acusam-me indignamente de mil maneiras,
eu que suporto afrontas de muita gente
e experimento a insolência de línguas atrevidas. 85
Quando sucede alguma calamidade, logo ouço
os queixumes dos homens. Atormentam-me de forma vil
e cobrem-me de mil injúrias, os insensatos.
E chegam mesmo ao pior dos ultrajes:
o que de bom os deuses deram ao homem 90
foi permitirem-lhe que acabe um dia por morrer.
Mas o meu carácter não me faz sentir tão miserável
quanto o faz a detestável malvadez dos mortais,
a sua desonestidade mental, indolência e desmazelo.
Que lancem insultos. Não me atribuam é a mim, que o não mereço, 95
mas a si próprios, os danos que suportam merecidamente.
Chamam-me Vida Humana. Isto leva-me
a não considerar alheio à minha pessoa tudo quanto é humano.³
Afligir-me com as desgraças inesperadas que abalam a vida
é algo que me toca, não o negarei, certamente. 100
É que existem sentimentos neste frágil corpo.
Regozizar-me nos bons momentos com sã alegria,
ter esperança em dias melhores, recluir os infortúnios,
qualquer pessoa sensata julga que isso não me fica mal.
Aceitar as contrariedades ao ponto de se perder o ânimo, 105
entregar-se de tal modo à alegria até se ficar fora de si,
ansiar tanto pelas coisas que, face à demora,
qualquer espera gera mal-estar no espírito alvoroçado,
ou, para acabar, recluir de tal modo o desfecho trágico duma desgraça
que, se tal acontecer, uma pessoa morre: ninguém, só um insensato 110
me tornará responsável por isso. São vossos tais crimes;
são uma doença do vosso espírito, não do meu.

É por me sentir desafiada por tanta injustiça vossa
 que hoje, pela primeira vez, aceitei de bom grado vir à cena
 para que, ouvidas as partes,⁴ fique claro para todos
 se é por culpa minha que os homens são infelizes 115
 ou se é por culpa destes que sou eu a mais infeliz.
 Na verdade, tudo o que existe de amargo e insuportável
 existe talvez por serem muito poucos os que condescendem
 naturalmente comigo. Porque se condescendessem,
 fugiriam do pecado como de veneno de víbora 120
 e, sendo prudentes, afastariam perdas danosas.
 Ou, caso não conseguissem, usando de prudência, evitar tais danos,
 dispor-se-iam com coragem a suportá-los pacientemente.
 Quando não consigo evitar uma desgraça, tomando precauções,
 busco segurança para mim, suportando-a sem fraquejar. 125
 A constância é um bastião contra as desgraças
 e um porto de abrigo contra as tempestades mais violentas,
 como me ensinou uma longa experiência.
 Deixo de lado a perniciosa queda do nosso primeiro pai.⁵
 Nela se radica a infelicidade original da raça humana; 130
 devido a ela a morte reina implacável sobre nós, os degredados;
 dela derivou o mar imenso de sofrimento.
 Deste mal me confessarei sempre doente.
 Mas desde que o Cordeiro Celeste, com sua morte,
 expiou e retirou do mundo a culpa antiga,⁶ 135
 eu resisto, com a garantia da salvação
 e, na medida das minhas forças, não avivo o rasilho
 abandonado nas palhas, mas tento apagá-lo,
 robustecida com as forças que o céu me envia. 140
 As crianças, alimentadas por leis honestas,
 crescerão e transformar-se-ão em homens íntegros.
 Se a velhice acolher estes em idade bastante avançada,
 de novo o mundo verá os santos heróis
 cuja vida enriqueceu os desertos,
 os Paulos, os Macários, e novos Antónios.⁷ 145
 Mas, para exemplo, apresentem-se os mestres do mal,
 e todo o tipo de crimes na presença dos filhos
 praticados pelos pais; acrescente-se depois
 a inclinação natural que nenhum conselheiro contraria.
 Esperar-se-á que seja bom quem cresceu no meio de tantos males? 150
 Uma devassidão moral que ignora as leis,
 um lamentável aviltamento das mentalidades,
 um entendimento que se afasta da senda da verdade

e que odeia a beleza da rectidão e da honestidade,
 encheram o mundo de escândalos e de depravação. 155
 Além disto, todos se armam em preceptores de si próprios.
 Acresce ainda a febre da insolência
 e uma sede desmedida de honrarias, que neste momento
 reinam como dois monstros. Então, ambicionando muito
 e nada conseguindo, as pessoas ficam frustradas 160
 pelo odioso fracasso e enchem depois o mar e a terra
 com os seus queixumes. Porque vos demoro com palavras?
 Falem por mim os crimes dos mortais.

CENA II : FILAUTO, e seu filho CARISTO.

Filauto – Ó Lusitânia mesquinha, da forma que me trataste
 não me teria tratado o rico Adriático, 165
 tão célebre outrora, onde, no mais recôndito do seu golfo,
 se ergue soberba a gloriosa Veneza!⁸
 Aí, onde apenas a virtude dos cidadãos protege
 esta famosa república, salva pelas suas leis!
 Aí, onde nenhum homem de valor se vê privado do fruto da glória, 170
 seja porque o elegem senador, seja porque lhe concedem
 a chefia de exércitos contra territórios inimigos.
 Tivesse eu nascido em Veneza! Porquê? Acho que teriam feito de mim
 um doge da cidade, ou entregar-me-iam o comando da armada
 para pôr em debandada a frota turca com uma esquadra naval. 175
 Possivelmente, logo depois do famoso Dória⁹ viria eu.
 Mas a minha infelicidade, foi mesmo
 Filauto ter como pátria esta terra
 onde nós, os nobres, somos ingloriamente desprezados,
 arredados dos cargos públicos, em tempo de guerra e em tempo de paz, 180
 cargos esses entregues precisamente a gente sem nome.
 E tem o poder quem lá chega por favores,
 não pelos méritos da sua vida. Por isso me entrego, em privado,
 a divertimentos honestos que, mesmo afastados
 da ribalta pública, não se desviam 185
 da minha forma de pensar: sou para mim
 como gostaria de ser, já que agrado ao meu espírito.
 Tenho além disso um filho, que eduquei desde pequenino
 com muito amor e a quem é concedido tudo o que lhe apetece.
 Nele me comprazo, e cá está ele. Olha filho, 190
 sou muito condescendente contigo.

Caristo – Eu sei.

Filauto – E dessa condescendência
 não me arrependi até agora, nem tu farias
 com que um pai tão benevolente disso se viesse a arrepender.

Caristo – E faria eu isso, eu, que te amo mais do que estes olhos?

Filauto – A sério, meu rico filho?

Caristo – É como te digo, meu pai. 195

Filauto – Pedirei aos deuses do alto que vivas para além de mim.

Caristo – Ser-te-á concedido.

Filauto – Assim espero que seja, meu filho.

Caristo – É este também o meu desejo: quando for mais velho,
 venerar com toda a consideração um pai tão brando.

Filauto – Ao contemplar os anos da tua adolescência 200
 e o meu natural amor por ti, prefiro condescender
 com a tenra natureza a constrangê-la.

Os que sujeitam a meninice a uma disciplina muito severa,
 a maioria das vezes condicionam o seu carácter
 da pior forma, porque geram terror 205
 com palavras severas e, de forma cruel, com ameaças
 e vergastadas, incutem nos corações o funesto medo.
 Ora a idade infantil, apoquentada por estes males,
 fica bloqueada devido ao medo,
 e depois nunca se arrisca a nada de grandioso. 210

Ou então, se alguns nascem com temperamento bastante rebelde,
 ao ponto de tornarem os mestres muito severos,
 esses, por efeito das vergastadas, resultam muito atrevidos.
 A estes, quando começam a desprezar a dor,
 não há palavras nem vergastadas que lhes metam medo. 215

Deriva daqui uma grande propensão para o desaforo,
 que irá escancarar as portas a toda a espécie de crimes:
 não são obstáculo para quem os atravessa, nem o rio intransponível,
 nem o monte coberto de neve, nem o mar encapelado;
 nem o frio do inverno, nem o calor do verão, 220
 nem mesmo a fome farão vergar um espírito obstinado.
 A tudo se submeterá impiedosamente para tudo conseguir.
 Daí que, como pai, prefira refrear-te
 mais pelo mérito da generosidade do que pelo medo da vergasta,
 para que faças de livre vontade o que todos os teus amigos aprovarão 225
 e te esforces por retribuir de forma igual: é o que eu espero de facto.
 Sem dúvida que retribuirás, Caristo, quando fores um filho
 tão condescendente para comigo quanto eu, teu pai, o sou para contigo.

Caristo – Acolho com um abraço esta afeição; elogio

zelo tão notável na educação dos filhos. 230
Na verdade, tu ensinas que é melhor ser-se educado com ternura
do que com o terrível medo da ameaçadora férula.

CENA III : VIDA HUMANA, FILAUTO, CARISTO

Vida Humana – Alegra-me ter ouvido o que Filauto lançou boca fora.
Vejam só quem ansiava ter nascido 235

fora da Lusitânia e, inchado de orgulho, se apresentava
a si próprio como um doge¹⁰ da República de Veneza:
não consegue controlar-se nem a si próprio nem ao filho
e a um pai destes é que é de dar um pedagogo,
como se dá a uma criança desajeitada, devido à idade.

Que prole ficará enobrecida com os seus conselhos? 240

Ele fará do filho um estouvado, para sua própria desgraça.

Mas se desta insensatez que agora semeia
vier a recolher desgraça, a culpa atribui-la-á
a mim, injuriando-me, não a si próprio.

Filauto – Ouve, Caristo do meu coração, tomarei agora providências 245
para que o frio bastante incomodativo do Inverno não te moleste,
nem abafes de calor no mês de Maio ou de Junho.

No rigor do Inverno cobrir-te-ás de peles
que de tempos a tempos os mercadores trazem da Alemanha,
mas no verão envergarás vestuário leve de seda. 250

Caristo – Estou a ver que isto é que é ser pai.

Vida Humana – O menino lisonjeia-o,
e o grande palerma ignora que daquele rebento
mal podado sairá veneno
que ele há-de beber, não tarda.

Filauto – Mandei aprontar tudo,
pois te quero muito, em ordem a que sejas tu 255
o único a passares melhor que eu.

Caristo – Excelente, pai!

Vida Humana – Que estas tolices tenham agradado ao juvenzinho,
não me surpreendo muito, mas tamanha insensatez do pai
que resultado dará? Horroriza-me pensar nisso.

Filauto – Meu filho, atenção; 260
faz por não apanhares nenhuma doença,

pois esta, para quem é novo, representa grande prejuízo.
Se é verdade que o doce orvalho é muito agradável às árvores,
quando cai em abundância torna-se pesado para as plantas;
o que é que trarão, a uma criança como tu, preocupações e sofrimentos?

Pretendo aliviar-te, não constranger-te com aflições. 265

Caristo – Deixas-me então os dias livres para me divertir?

Filauto – Se te divertires um pouco de noite, fecharemos os olhos.

Caristo – Com este Favónio¹¹ navegarei às mil maravilhas.

Vida Humana – Destroem-me. Isto é um acto abominável e um sacrilégio
 contra a vida. Poder-se-á imaginar coisa pior 270
 do que merecer aprovação o que eu ouço ser apreciado?
 O pai há-de favorecer e dar uma oportunidade aos vícios?
 Que videira terá o inexperiente vinhateiro
 se a poupar à acção da foice?¹²

Se o excesso de folhagem prejudica as videiras, 275
 o que é que provocará o luxo numa juventude sem educação?
 Aquí está como um pai forma erroneamente o seu filho.
 Um miúdo a quem devia pôr travões,
 é deixado em liberdade, livre do justo domínio da lei.

Filauto – De quem é a voz que me chegou aos ouvidos? 280

Vida Humana – É minha a voz que te chegou aos ouvidos.

Caristo – É a Vida Humana, pai.

Filauto – Ouço-a falar nas minhas costas
 em tom de ameaça.

Vida Humana – Ele escutou. Põem-me fora de mim
 e transtornam-me de tal modo que expludo de justa indignação.
 Desgraça! Ordeno que passes mal, homem de agoiros. 285

Filauto – Ai de mim! Que pretende esta bêbeda? Donde vem ela?
 Que pretendes, cara de enterro?

Vida Humana – Já te direi!
 Não sou eu que estou fora de mim, e tu no teu juízo.
 Terei um ar cadavérico, mas mais depressa
 Filauto será cadáver. 290

Filauto – Afaste Deus o agoiro.
 Ele fará com que sejas tu a mentirosa e eu viva por muito tempo.

Vida Humana – Fanfarrão, ignoras que nada é duradouro?
 Bem depressa te recensearão no rol dos mortos.

Filauto – Que diabo, Vida Humana, que tens tu a ver comigo?

Vida Humana – Excremento plebeu, não és de estirpe aristocrática 295
 (ainda que proclames bem alto a nobreza dos teus antepassados);
 reconheces estes presságios?

Filauto – A que propósito
 esse palavreado?

Vida Humana – São precisamente os cognomes
 do teu nome, miserável.

Filauto – É assim que vens ter comigo?

Com artes de maldizer e com a língua bem afiada? 300
 Infligir-te-ei um castigo e vingarei a tua petulância.
Vida Humana – Não me toques, por agora, apura os ouvidos;
 ensinar-te-ei quem és. Se lançares azeite no fogo,
 diz-me, não se seguirá uma grande labareda?
 O que é a tenra idade do teu filho 305
 senão uma espécie de chama? Se a avivarem com sopros,
 incendiar-te-á a casa, juntamente contigo, sem que nada possas fazer.
Filauto – Farias isso, Caristo?
Caristo – De modo nenhum, meu pai.
Vida Humana – Goza, que o gozo acabará em lágrimas.
Filauto – Que me censuras? De que me acusas como é teu costume? 310
Vida Humana – Ouve com paciência a verdade; não vou dizer mentiras.
Filauto – Pedes-me paciência quem não sabe o que isso é.
 Mas escutemos. Vá, que pretendes? Desembucha.
Vida Humana – Vês que o teu filho está na flor da idade?
Filauto – Vejo, e alegra-me que fales em flor da idade. 315
Vida Humana – Que esperas tu que essa flor elegante traga consigo?
Filauto – Um fruto do mais doce sabor,
 e além disso com o mais agradável aroma.
Vida Humana – Mas isso não acontecerá em resultado dos teus conselhos.
 Os cuidados do agricultor fazem medrar os melhores rebentos; 320
 a sua incúria deixa-os morrer.
Filauto – Não cruzamos os braços. Amamos deveras os nossos filhos.
Vida Humana – A tua afeição por ele é pior do que a terrível peste.
 Ao seres brando, alimentas um veneno com a tua indulgência.
 Por meio desta destinaste-te a ser inimigo de teu filho. 325
 Continua por aí, que o conduzes para o meio dum grande redemoinho:
 depois de lá entrar, não virá à superfície; será absorvido.
 Tu, que és pai, semeias inquietação num espírito infantil?
 Tu prometes tudo arbitrariamente?
 Faria diferente quem quisesse ser muito mau? 330
Filauto – Ó língua cruel! A indulgência
 para com os filhos recomendada pela natureza
 atreves-te a designá-la de mais atroz que a peste?
 Ninguém considerará crime amar os filhos.
Vida Humana – Amar não é pecado. Perdê-los no luxo, 335
 lançar fogo a uma vida em botão, isso sim, é crime.
Filauto – Ouves, Caristo, o que diz esta bruxa?
Vida Humana – Lágrimas, vigílias, preocupações, lamentos,
 dificilmente criam os filhos de acordo com os desejos dos pais.
 Educá-lo-ás com carinhos, está-se a ver! 340

Filauto – Se me interpelas furiosa por ter decidido
moldar o carácter do meu filho com bastante brandura,
eu por mim não faço caso disso. Que me queres? Cala-te.

Vida Humana – Calar-me-ei quando falares acertado, senhor do teu juízo.

Filauto – Estou fora de mim?

Vida Humana – Completamente. 345

Filauto – O que eu quero mesmo
é que te vás embora de vez.

Vida Humana – Não me dê ordens; obedece-me.

Filauto – Porque te enfureces tanto?

Vida Humana – Porquê? Porque matas os que te são queridos.

Filauto – Ó mestra, admiro-me com a tua inconstância.
Há pouco chamavas-me brando, agora chamas-me duro.

Vida Humana – És uma e outra coisa, pois com a tua brandura 350
suja as mãos no sangue dos teus.

Filauto – Ah! Agora rio-me divertido! Ou seja,
acreditas que se pode ser morto com uma espada de cera?

Vida Humana – Assassinar-te-á a cera preparada pelas tuas mãos.
Dão azo frequentemente a massacres tanto a excessiva brandura 355
como a bárbara crueldade de tiranos ferozes.

Tu forjas estas armas para enforcas teu filho.¹³

Filauto – Que viva, e peço aos deuses que viva por muito tempo.
Afastaste-te daqui o Austro¹⁴ com suas tempestades de nuvens;
sobre com toda a sua brandura o sereno Favónio. 360

É a tranquilidade que eu pretendo, ó Vida, não a agitação.

Vida Humana – Pedes vida para o teu filho; não deixo de estar de acordo.
Mas como pai que és, pede uma vida de costumes irrepreensíveis.

Filauto – Desde que viva, dou-me por satisfeito. É só o que peço. 365
Que buscas tu, ó mãe do austero Licurgo?

Queres que conduzam meu filho aos altares, segundo o uso espartano,
e aí seja golpeado até derramar sangue?¹⁵

A velha Esparta já não tem nenhuns Espartanos:
basta-nos ser discípulos da Lusitânia.

Vida Humana – Quem dera o fôsseis?

Filauto – Não o somos?

Vida Humana – Não como os vossos avós, 370
que admoestavam assim os filhos,
postos em sentido durante o discurso dos pais:
“Eh! Tu, tem cuidado – assim falava o pai –
não esperes, enquanto for vivo, que te seja permitido
fazer alguma coisa proibida pela justa lei do respeitável decoro. 375
E apenas tolerarei que digam que és meu filho

enquanto praticares acções dignas da nossa estirpe
 e de mim, teu pai, que não amoleci no ócio.
 Pelo contrário. Com a tua idade naveguei como soldado
 pelo mar oceano até à Índia ou alcancei a África 380
 como cavaleiro, sempre armado dia e noite,
 buscando com coragem entre os batalhões inimigos,
 quando a sentinela da guarita dava o sinal,
 ou a recompensa duma morte gloriosa ou a vitória.
 Foi assim, com sacrifícios, que granjееi riqueza e glória.” 385
Filauto – Outros costumes, outros tempos.
 Agora vivemos num mundo mais urbano.
Vida Humana – Mais inerte, talvez. Esse modo de ver
 que te é caro, em vez de homens a sério deu ao Reino
 pálidas sombras de homens, quebrantou aqueles corpos 390
 que não sabiam o que era recear a ponta da cruel espada.
 Amoleceu os ânimos treinados nas lides de Marte,
 tornou inofensivos os que tinham nascido para as armas.
 Havia em tempos aquela heroicidade em que se professava
 defender a pátria pelas armas 395
 e perseguir os bárbaros infieis.
 Ela armava os espíritos com a coragem e as mãos com a espada.
 Agora, muitos fazem a guerra na sua pátria, mas poucos fora.
 A disciplina militar, oh! Que vergonha!
 O cúmulo a que se chegou: a barba cortada à maneira turca e estrangeira; 400
 formas de vestir que desnudam o que devia ficar coberto
 e cobrem a nuca com mantos que se poderiam dispensar.¹⁶
 Os costumes dos antepassados,
 a antiga firmeza de ânimo, são votados ao desprezo.
Filauto – Filauto ouve tais coisas sem dar luta? 405
Caristo – Não te apoquentes, pai. Não lhe ligués.
 Mantém-te calmo. Permanece firme nos teus propósitos
 e não alteres o teu pensar por causa dela.
Vida Humana – Caso ele não mude, serás tu mudado, rapaz.
Caristo – Eu? 410
Vida Humana – Tu, neste momento, és a alegria dum pai ignorante;
 serás dor. Tu mesmo lhe retribuirás este favor.
Filauto – Entre outros defeitos, tu tens este, Vida Humana:
 tudo o que desagrada ao teu mau humor,
 costumes incluir isso entre os grandes erros.
 Todos nós nos encontramos sob este tipo de censura, 415
 como a que atinge os que constroem casas à vista de toda a gente.
 Quando tais casas são olhadas por muitos, não se cansam de repetir

uns que elas são mais altas do que o que seria razoável,
 outros, que são mais baixas. Quando ouço tal gente,
 acho-os incompetentes nos negócios alheios 420
 e construo as casas como me apraz.
 Contigo, dever-se-á agir assim: passa muito bem.
 O que te é molesto e não te agrada, agrada-me a mim.
Vida Humana – Assim mesmo?
Filauto – Exactamente.
Vida Humana – Calo-me.
Filauto – Se eu tiver algum amor a este meu filho 425
 e o acariciar com solicitude paterna,
 julgas-me insensato e pouco razoável.
 Diz-me a consciência que sou diferente.
 Se parte dos meus bens se dissipar
 ou Caristo os malbaratar aqui,
 creio que não morre para mais ninguém: morre para mim. 430
Vida Humana – Vejam como ele aceita deitar a perder a família
 ao recusar deixar-se conduzir pela razoabilidade.
 Mas não. Ele corre atrás da sua própria desgraça.
 Assim, embora morra por culpa própria, não minha,
 clamará quando se consumir em aflição: 435
 “Ó Vida Humana, com que desgraças nos oprimes!”
Filauto – Vai-te, enfadonha, e não voltes mais para aqui assim.
 Caristo, vai para onde te aprouver: para a escola, jogar a bola
 ou para junto dos teus companheiros, e diverte-te.
Caristo – Ordenas-me, pai? Irei. Passa bem até eu regressar. 440
Filauto – Lembra-te que o teu pai não ceia sem ti.
 Voltarás à tarde, antes do crepúsculo.

CENA IV: ORGESTES, camponês; seu filho BÍRRIA; FILAUTO

Orgestes – Vá, põe-te a andar. Rua!
Filauto – Um camponês a berrar, de mau humor.
Orgestes – Vamos lá, não te retiras?
Bírria – Porque me hei-de retirar?
Orgestes – Teimas?
 Tens de te pôr imediatamente a milhas desta cabana. 445
Bírria – Mas porquê? Que mal fiz eu?
Orgestes – Ainda me perguntas, desgraçado?
 Por causa de ti há sempre barulho em casa.
Bírria – Por este mesmo motivo podes tu ir-te embora primeiro,

pois nunca há paz aqui por causa do teu mau feitio.

Orgestes – Atreves-te a dizer isso ao teu pai? 450

Bírria – Tu não és pai,
quando pões fora de casa o teu filho com toda essa fúria.

Orgestes – Hei-de alimentar discussões? O cajado ensinar-te-á a falar.

Bírria – Porque castigas um miserável à cacetada?

Orgestes – Para te sentires miserável.
Hei-de tolerar que ignores todas as boas maneiras?
Dormes dia e noite e empanturras-te de comida, 455
como se fosses da raça das porcas muito gordas.
Acata as minhas ordens sem demora. Põe-te na rua. Já.

Bírria – Expulsas de casa o teu filho, assim tão furibundo?

Orgestes – Dei-te boa comida, mas saíste-me uma grande besta.
Vá, procura o teu sustento, servindo às ordens de outro. 460
Livra-te de voltar a esta casa enquanto eu, teu pai, for vivo,
a não ser que queiras ser uma seara de agulhões.

Bírria – Bírria não quer ir-se embora; disso estou certo.
Vai antes tu, com esse teu ódio. Nenhum pai
tem o direito de expulsar de casa o seu filho. 465

Orgestes – Voltas para casa, desgraçado? Juro
deixar-te sem barba se perder as estribeiras.

Filauto – Ó fúria exaltada de camponês!
Quem és tu, que humilhas assim este rapaz?
Podes acalmar-te? Que tens tu a ver com ele para o importunares? 470

Orgestes – Ora essa! Para mim é que é importante saber
com que direito mo proíbes.

Filauto – Continua e vais ficar a sabê-lo.

Orgestes – Mau!
Alguém se irá opor ao que eu faço dentro dos meus domínios?

Filauto – Não prossigas. Se o fizeres, vais em busca de desgraça.

Orgestes – Pois bem! O único desafortunado aqui hás de ser tu; 475
ou então: da mesma forma que chamam afortunadas a umas ilhas,
também outras surgem como desafortunadas,
para serem governadas apenas por ti, com teu poder arrogante,
ó desafortunado dos desafortunados.

Filauto – Que fera haverá mais falha de freio do que este campónio? 480

Orgestes – Quê? Chamares-me campónio, tu, que nem sei quem és?
És de sangue nobre, sangue de reis, está-se mesmo a ver!
Cavarei a terra com o sacholo, três ou quatro vezes,
e acordarei os teus ancestrais,
o teu avô e o teu pai. Somos filhos do barro. 485

Bírria – Põe-te a salvo, Bírria; deixa-os ajustar as contas.

Filauto – Acho que sujo as minhas nobres mãos,
oferecendo lenha a um costado de camponês.
Mas este indivíduo não irá embora como chegou.
Tratante! Ó peste de campônio, atreves-te a injuriar-me? 490

Orgestes – Pelo contrário, delicado cidadão, que extravagância
pretendes castigar? Procuro uma pedra para lhe atirar à cabeça.
Ó Fortuna, envia-me uma pedra para eu rachar a tola
àquele fanfarrão. Há-de ser ele a dar-me pelas costas abaixo? 495

Filauto – Ora fica a saber o que é um costifrágio! 495

Orgestes – Ofereces-me lenha?

Filauto – Mais precisamente, um lumbifrágio.

Orgestes – Estou perdido.

Filauto – Morrerás.

Orgestes – Deixa-me.

Filauto – Não deixo.

Orgestes – Pára!

Que fantasma, que mau humor te possui, tratante?

Filauto – Vá, toma.

Orgestes – Ele bate-me.

Filauto – Eh! Caluda.

Orgestes – Hei-de gramar em silêncio? Recuso-me. Tenho de gritar. 500

Mas, ó minha timidez, mandas-me pôr as costas a jeito?
Pelo contrário, a força e a espada mandam-me oferecer resistência.
Escuta, ó valentão, Orgestes também tem uma espada.
Sai, espada, deixa a bainha;
anda para fora, ó espada, vinga as afrontas. 505

Racha aquela cabeça em duas metades,
ou então abre naquela cara um sulco do tamanho do sulco dum arado,
para que fique bem visível a paga do infame atrevimento
de quem maltratou território inimigo.
Sai para fora, espada.

Filauto – Como te esforças em vão! 510

Isso não é o arado, o sacholo, o ancinho, a grade:
Estas armas são-te muito mais familiares.

Orgestes – Devido à ferrugem ela aderiu totalmente à bainha.
Alguém me poderá dar entretanto uma ajuda? 515

Quem segura na ponta desta teimosa espada,
para eu a arrancar pelo punho? Ele avança. Não páras, homem?

Filauto – Só quando estiveres mais macio que uma pena.

Orgestes – Que a Fortuna te deite a perder, inimiga da tua vida.
Que ele te leve a desgraça. 520

E a desgraça que peço aos deuses é que eles te ponham

à feição de eu te moer da mesma forma
que as mós moem o trigo.

Filauto – De que andas à procura, patife?

Orgestes – De um juiz que te mandasse para a força.

Escutai, minha gente, imploro a protecção do rei

contra esta brutalidade dum vil assassino

que me derreou as costas com pancada.

525

CENA V: VIDA HUMANA, ORGESTES E FILAUTO

Vida Humana – De quem é esta voz? Quem grita tão alto? Para acudir,
apressei um pouco nesta direcção o meu andar despreocupado.

Que gritaria é esta? Que discussões são estas?

Orgestes – Ó Vida Humana, és humana onde? Tens poder aqui
ou noutro mundo?

530

Vida Humana – Que desgraça te aconteceu?

Orgestes – Sinto que vou desmaiar. A minha doença é um costifrágio.

Vida Humana – Caíste?

Orgestes – Não, aquele tratante
julgou é que eu seria o seu jumento

e fez desabar sobre o meu lombo um molho de lenha.

535

Vida Humana – Então dispuseste-te assim na tua arrogância

a dar-te o direito de castigar um cidadão livre?

Isto é humano? Que leis admitem

que se faça impunemente violência pelas próprias mãos sobre um cidadão?

Filauto – Considera-lo um cidadão, ó Vida? Eu não bati num cidadão:

apenas com este bastão sacudi o pó
das costas dum campónio.

540

Orgestes – É essa a causa da rixa:

ele ter-me chamado campónio, o que me deixou indignado.

Mas este fulano, que não sei quem é, entendeu

dever acrescentar à afronta um lumbifrágio.

545

Vida Humana – Concluo que ambos agiram muito mal.

Mas culpar-te-ei em primeiro lugar, desgostosa com as tuas palavras.

Que origem tão ilustre é essa, a da tua raça,

para teres a pretensão de designar qualquer um de campónio?

Ignoras que tens um corpo feito do mesmo barro

e que talvez nem sejas melhor quanto ao espírito?

550

Com que atrevimento te referes a uma raça como desprezível, diz-me?

Será que és de raça mais ilustre? Ainda que muito ilustre

fosse a tua origem, só por essa soberba que respiras

não possuirias nada da glória dos teus antepassados. 555

Filauto – Ó Vida Humana, com mais brandura.

Vida Humana – Era justo censurar com grande veemência esta tontice.

Orgestes – Defende agora a minha causa, peço-te.

Vida Humana – Também tu mereces bastante censura.

Orgestes – Censura-me, mas não me açoites. 560

Orgestes importa-se pouco com o teu palavreado.

Vida Humana – Há bocado, todo colérico por causa duma palavra, provocaste este ao ponto de ele te bater sem piedade.

Agora, calmamente, não dás importância a quaisquer palavras desde que não tenhas de levar vergastadas?

Orgestes – Mas eu não sabia que o golpe aberto pelo bastão que me feriu era mais terrível do que a má língua. 565

Vida Humana – Vá! Que resolves tu dever fazer daqui em diante, apanhado que foste nesta embrulhada?

Orgestes – Calar-me-ei.

Vida Humana – Acho bem.

Orgestes – Eu cá sei.

Isto se a minha espada suja não largar a ferrugem. 570

Mas eu farei com que ela a perca dentro de dois dias; Nessa altura não ficarei calado.

Filauto – Queres que eu suporte tais ameaças?

Orgestes – Passeia-te sozinho depois destes dois dias, quando a minha espada reluzir limpinha.

Filauto – Não fazes caso nenhum de tais palavras, Vida?

Orgestes – Que as minhas searas 575

não beneficiem nem da chuva nem do sol que para elas desejo, se não fizer com que te arrependas do que fizeste.

Vida Humana – Farás isso?

Orgestes – Se farei o que digo? Juro-o pela colheita do vinho!

Vida Humana – Prejudicar-te-ás?

Orgestes – Prejudicarei antes este, pelo espeto da carne!

Vida Humana – Oh! Tu com juras? 580

Orgestes – Serei um homem, pela abóbora!

Vingar-me-ei do meu inimigo.

Vida Humana – Não atraias desgraças sobre ti.

Orgestes – A espada fará com que este costure a sua cara. É lícito que quem foi injuriado pague com a mesma moeda. Juro pela azeitona, pela cebola e pelo alho!

CENA VI: VIDA HUMANA, FILAUTO

Vida Humana – Receio os assomos de cólera.	585
Filauto – Tens medo dele por causa de mim?	
Vida Humana – Deixas-me aqui sozinha e foges?	
Filauto – Que se passa, Vida?	
Vida Humana – A sós contigo, falar-te-ei dumas poucas coisas. Examina um pouco o espírito de quem não é destituído de coragem e como são prejudiciais as acções de quem não é honesto.	
Filauto – Palavras de bom agoiro, por quem és. ¹⁷	
Vida Humana – Pois é precisamente a ti que elas se destinam.	590
Filauto – Ó Vida, não sabes medir as palavras! Por causa de que crime?	
Vida Humana – Em casa, arruínas a tua família com luxos; fora, buscas a desgraça com a tua soberba.	
Filauto – Cá temos a famosa e muito velha cantilena.	
Vida Humana – Pelo contrário, é um queixume justo.	
Filauto – Por causa do meu filho?	595
É este o crime? É esta então a luxúria?	
Deixa-te de novas discussões por causa desta questão, pois a respeito de Caristo tenho já ideias assentes. Discute acerca do outro defeito. Porque me acusas de orgulho? Será que me gabo mais do que é justo ou me acho com direito a honras indevidas?	600
Vida Humana – Será que não as reclamavas quando te envergonhavas deste país por, pouco lembrado de ti, permitir que permanecesse na sombra varão tão ilustre?	
Filauto – Não negarei palavras que, repetir neste momento, de modo nenhum me envergonharia. E então? Que necessidade havia de desprezarem Filauto, que vive ignorado num humilde casebre?	605
Vida Humana – O estado é comparável a uma grande embarcação de velas desfraldadas ao vento em mar encapelado. Ela deverá, por isso mesmo, ser entregue a um marinheiro experiente, capaz de nem confiar em demasia no bom tempo nem desconfiar atemorizado do tempo revoltado.	610
Filauto – Negas então que Filauto seja esse marinheiro, Vida?	
Vida Humana - Desconheço teres navegado. Quando estamos em terra, julgamos não haver quaisquer perigos no mar, mas uma vez entrados na embarcação, longe de terra firme, flutuando com o balanço das ondas, contemplamos a costa que ficou para trás e empalidecemos.	615

Alegra-te. Talvez te escondas em segurança na aldeia,
 se na ribalta pública do poder a doce tranquilidade
 submerge muitos. Que fará essa pessoa 620
 quando o favor se converte em fúria?
Filauto – Não convém discutir contigo.
 A eloquência feminina confunde os homens.
 Afasta-te duma vez. Eu procuro o que é bom para mim. 625
 Se em vez do bem alguma desgraça me acontecer,
 a culpa não é de Filauto, mas sobretudo tua.
 É raro fazeres bem qualquer coisa, pois que, geralmente, a fazes mal.

CENA VII : VIDA HUMANA

Sente-se vencido e fecha os ouvidos; por isso é que foge daqui.
 Não me admiro: age com imprudência quem é imprudente. 630
 Nenhuma rédea de sabedoria governa a cabeça
 daquele homem. A perversidade afasta
 muita gente do trilho do direito e da justiça.
 Por via disso, que montanha de crimes se eleva até ao céu!
 Quantos infortúnios e adversidades daí provenientes! 635
 Quantas calamidades afligindo os nossos tempos!
 Atormentados por elas, clamam repetidamente:
 “Quanta infelicidade nos trazes, Vida Humana!” Que mais direi?
 Irrito-me fortemente com os que perpetraram
 da forma mais ignóbil o que este fez. Eles acham 640
 que se devem ater não às leis mas aos seus caprichos pessoais,
 e arrastados, na vertigem da vanglória, para longe
 das fronteiras do direito e da justiça, querem que os considerem,
 a eles e não às leis, como os vingadores das injustiças.
 E se algum dos grandes achou que é de avançar por aqui, 645
 por aí envereda qualquer pessoa.
 E com este exemplo ninguém se pune a si próprio.
 Ó loucura eterna a dos mortais!
 As más acções, que a multidão condena quando interrogada sobre elas,
 rapidamente as aprova e passa a praticar, 650
 se algum cidadão mais importante lhes dá cobertura
 com o seu prestígio. Que corrupção de costumes daí advém!
 Apenas guardando silêncio se deve participar
 nos actos de culto; falar ali em voz alta
 será uma falta de piedade e de respeito. 655
 Uma vez ou outra um cidadão respeitável usou da palavra,

sóbria e modestamente. Atreve-se a tal, bastante inoportunamente,
um jovem sem qualquer respeitabilidade ou porventura uma criança.
Que péssimo exemplo se propaga com tal imitação!
Com esta mania de responderem à letra, os injuriados 660
vingam-se das injúrias ou impõem-nas de forma afrontosa.
As graves dissensões que daqui nascem
afectam inúmeros lares com graves prejuízos.
E o povo julga que é humano permitir tais coisas.
Mas, não tarda muito, ele será acusado de mentira. 665
Ninguém prospera durante muito tempo com más acções.
Quem é este? Dá pena ver tal monstruosidade.

CENA VIII : PÂNFAQO, parasita

Pânfago – Quem procura e com sofrimento encontra algo de que viver,
que se enfeite com este lema: “Aqui está um miserável”.
Quem procura e dificilmente encontra, mais miserável será. 670
Quem procura e não encontra, esse é o mais miserável de todos.
Eu encontro-me precisamente neste grau, o pior de todos.
É tal a minha fome, que os olhos me saltariam fora das órbitas,
cintilando-me nas mãos. Mas aperto-os para que não saltem.
Onde arranjarei maneira de matar fome tão atroz? 675
Não enxergo nenhuma vítima por estes quarteirões.
Baco não me estende nada da reconfortante Ceres;
Ceres nada me dá do doce Baco.¹⁸
Como se mostram inimigas do meu ventre estas duas divindades!
Que sacrificaria eu em meu proveito no meio de grande jejum? 680
Tenham sobre as suas mesas, como grandes vítimas, um boi e um carneiro,
uma galinha, um galo, um javali ou até uma lebre
aqueles que com moedas de ouro conseguem limpar as tabernas.
Para mim poderia ser um corvo ou um milhafre
e eu devoraria sem dúvida o corvo e o milhafre. 685
É este o ganho duma vida de actor.
Mas consola-te, Pânfago; assim como, por vezes,
tiras a barriga de misérias em banquetes,
da mesma maneira deverás suportar com brio a penúria.
A Fortuna nem sempre sorri aos teus desejos. 690
Acalma-te entretanto, ventre;
não tortures Pânfago com crueldade tirânica.
Quando o dia brilhar prometo dar-te
tudo quanto cabe num forno:

marmitas de carne de vitela com porca 695
 e três valentes litradas de bom vinho.
 Mas não deixarei de prestar honras ao pai Baco.
 Levarei o copo apenas à flor dos lábios.
 E ele deslizará por entre os dentes, sem lhes tocar.
 Mas é em vão que lanço tais balelas, pois o meu ventre 700
 não se ocupa de vagas esperanças de comida futura.
 Com fartura de comida à sua frente, ele sossega;
 vazio, enche-se de ar como um camaleão.
 Por isso, adquire as cores mais desagradáveis.
 Mas se eu encontrar um menino rico, 705
 amante de si próprio e do falso elogio, a quem este parasita,
 possa estender as malhas da astúcia histriónica,
 talvez em casa dele eu mate esta fome cruel.
 Falarei divertidamente duma série de coisas de que os jovens gostam.
 Levá-las-ão a sério, mas para meu proveito, 710
 embora a eles lhes tragam aborrecimentos.
 Mas eu creio que em Coimbra faço projectos inúteis,
 como não se cansavam de repetir os forasteiros
 que aqui fizeram chegar, há pouco tempo, as fábulas histriónicas.¹⁹
 Na verdade, os que frequentam os cursos da Academia,²⁰ 715
 na zona alta da cidade, percebem as manhas subtis desta arte
 e entregam muito sovinaamente a quantia acordada.
 Mas os outros, que frequentam os moinhos da disciplina do ginásio,
 esses de modo nenhum estão autorizados
 a dependerem de si próprios. Eles receiam em demasia 720
 o severo reitor e cada um dos mestres
 que, tanto a ensinar como a vigiar, providenciam
 para que nenhum veneno seja ministrado aos seus alunos.²¹
 Terás dinheiro entre estes lince, Pânfago?
 Receio bem que eles tratem de arranjar duros azorragues para ti. 725
 Em nenhum lado vi cônsules tão perspicazes.
 Por isso, deste rebanho não espero rapina.
 Na verdade, os que poderiam ser enredados por laços enganadores
 têm óptimos guardas a vigiá-los.
 Mas o que te importa procurar saber, Pânfago, 730
 uma vez que a hora habitual da refeição já se foi,
 é donde te poderá vir a esperança de jantar.
 Pois se te negam jantar, que farás
 com o ventre a dar horas? Apertarás a garganta com uma corda.
 Estás a ver um par de adolescentes, de semblante parecido? 735
 O rosto de ambos, com um porte nobre e altivo,

este aspecto jovial vaticinam-me lucro certo.
Vamos, Pânfago, faz-te passar por estrangeiro,
para os lewares a indagar, por curiosidade, quem és tu.

CENA IX : CARISTO, CLITIFÃO, PÂNFAGO

Caristo – Possuir pais que se mostram indulgentes com os filhos como é bom para a mocidade!
Folgo muito, Clitifão, se tens essa experiência. 740

Clitifão – Sim, Caristo; invejo-te, contudo,
por teres um pai que não é autoritário nem dominador,
mas condescendente contigo, quando isso te agrada. 745

Caristo – Assim é: sou tratado delicadamente com muito amor.
Vês a minha vestimenta? Vou-te falar do dinheiro
que um pai indulgente dá de bom grado ao seu filho.

Pânfago – Um feliz acaso trouxe-me para aqui. Assim o creio.

Clitifão – Uma vez que ele não se poupa a despesas por causa de ti,
tu, perante tais despesas, não te poupes a ti próprio. 750

Pânfago – Hem! Que ouves, Pânfago? Eis as nossas manhas.

Caristo – Estabeleci o que há-de ser. Não aguardo a morte de meu pai
para usufruir dos seus bens como herdeiro.
Mas estás a ver o tipo que vem ao nosso encontro, Clitifão? 755

Pânfago – Apura os ouvidos para a situação.

Clitifão – Parece-me estrangeiro.

Caristo – Possivelmente será italiano.

Clitifão – Talvez!

Caristo – Oh! se calhar
temos na nossa frente um soldado acabado de chegar
da batalha naval em que a nossa armada afundou a da Turquia.²²

Pânfago – Não sou, mas aldrabá-los-ei, fazendo-me passar por um soldado
que participou precisamente na batalha do golfo de Naupacto. 760
Exprimir-me-ei habilmente com sotaque italiano.

Caristo – Queres que lhe falemos, Clitifão?

Clitifão – Como queiras.²³

Pânfago – Olha para trás, como que inesperadamente.

Caristo – Ó estrangeiro,
deixa-me antes de mais saudar-te como companheiro de viagem.

Pânfago – A mesma saudação 765
retribuirei com gosto a quem me saúda.

Caristo – És de nacionalidade italiana?

Pânfago – Mais do que isso; foi em pleno Capitólio

que Roma me deu à luz, ela a antiga capital do mundo.

Clitifão – És então cidadão romano?

Pânfago – E acrescenta:
de sangue patrício. Eu remonto à família de Sula.²⁴ 770
Daí saí a percorrer as regiões mais conhecidas da terra.
Fui até aos povoados da Grécia, à Macedónia
e ao Peloponeso. Depois, através da Propôntida,
naveguei até à Trácia, perto de Bizâncio.
De regresso, fui até Micenas, Argos e Lacedemónia 775
e visitei as famosas ilhas no mar Egeu.

Caristo – Participaste na célebre batalha contra os Turcos
que é agora a causa da grande euforia na nossa Lusitânia?

Pânfago – E de tais acontecimentos parte importante fui.
Poderei servir-me dum exórdio do género se me abalançar à narração. 780

Clitifão – Ser-nos-ia grato, a mim e ao meu companheiro, se o fizesses.

Pânfago – Assim, a meu bel-prazer, um combate terrível?
“O próprio Neptuno, quando viu as duas frotas
movendo-se velozmente, milhares de remos em grande despique,
imobilizou-se, de pé no seu carro, para assistir como espectador. 785
Mas logo assustado com o ressoar do bronze
mergulhou nas ondas; escondeu a cabeça nas profundidades.
Proseguiu o combate naval...”. Mas desculpai-me,
não é altura para isto. A tarde cai,
e problemas pessoais arrastam-me o pensamento para outras bandas. 790

Caristo – Desde há muito que a nossa casa é hospitaleira.
É com a melhor das boas vontades que a ponho à tua disposição.
Se quiseres, dispõe. Cearás também lautamente.

Pânfago – Seguirei o costume de Itália
que julga como muito indelicado
recusar com rudeza o que lhe é oferecido. 795

Clitifão – Por isso mesmo considerem-na, além do mais,
a mestra das restantes nações.

Pânfago – Porque se for em Espanha
temos aquela altercação tão enfadonha:
– “Avança, por favor;” – “Não, vai tu primeiro;” – “Não! Ora essa! Irei depois de ti.”
Disputa supersticiosa e muito desagradável. 800

Caristo – Estes são os usos espanhóis. Sejamos italianos.

Pânfago – Venci. Faço os papalvos engolir a aldrabice.

CORO I, em versos sáficos

ARGUMENTO: Os pais deverão inculcar bons sentimentos em seus filhos pequenos.

Se algum pai anseia por filhos que um dia
honrem com suas acções o lar de seus antepassados,
apresente-lhes quem se vê como pai. 805
O corpo da criança alimenta-se de leite;
o seu carácter, com o exemplo e os sentimentos do pai.
A mãe, enquanto se mantém branca, de pêlo luzidio
acolhe a cor brilhante da púrpura,
mas uma vez escura, com os fios enegrecendo, 810
outro suco ela não beberá.
Assim é qualquer criança no início de sua vida:
é cândida e imita os límpidos comportamentos
que o pai lhe colocar diante do rosto,
tal como depressa interioriza as escuras verrugas
que viu na face sombria de seu pai. 815
O palácio de Príamo, do reino de Tróia,
entre pavilhões de tecido dourado
E ágeis danças em honra de Vénus
alimentou chamas que queimariam Tróia: 820
Páris, ele mesmo, o funesto raptor
da esposa lacedemónia na frota frígia.
Nem Vénus, amiga dos Troianos, afastou
o fogo micénico.²⁵
Ao invés, ásperos montes geraram 825
o filho cruel da Tétis marinha.²⁶
Aquele cujo mestre, a fera semi-Centauro,²⁷
alimentou com medulas de tigres ferozes,
o vingador da Grécia, e a ruína da nação frígia,
Aquiles. 830
Não foi por acaso que Numano fustigou
os Troianos cercados, com Turno filho de Dauno
batendo-se em duelo em redor dos acampamentos do Tibre.
Na verdade, ele verberou com dureza os brandos alimentos,
os luxos efeminados, os vestidos cor de açafão, 835
o tamboril, os penteados orientais, as flautas de dois canos,
e a subtil arte da dança.
“Mas nós, descendentes duma raça endurecida – diz o mesmo –
conduzimos nossos filhos recém-nascidos pelos rios,
para que, nadando, se façam com ímpeto às ondas, 840
transbordem os rios pelas margens com as águas das chuvas,
encontrem-se eles endurecidos com o gelo”.

Seja-me lícito desde já, ó pais,
com a vossa permissão, recordar verdades que favorecem a causa da vida.
Ensinai a vossos filhos o que agrada à virtude
e afastai o luxo envenenado.
O mundo renovado com nova face,
verá como são melhores os tempos
para a vida humana.

845

ACTO II

ARGUMENTO

Prólogo – Orgestes, o tal camponês cego de ira, 850
faz tenção de voltar aqui para se vingar,
custe o que custar, dando a morte a Filauto. Percebeis
onde pretende chegar esta animada comédia:
defender o bom carácter, acusar o mau.
Começa por fustigar a odiosa insolência 855
e a ira, na figura do camponês.
Ficai a saber que cuidados negar aos filhos
e que cumplicidades desaprovar.
Quanto à Vida Humana, já sabeis o papel por ela desempenhado.

CENA I : ORGESTES, com a espada a brilhar

Orgestes – Nunca o dinheiro me sai dos bolsos tão bem gasto 860
como quando o é de forma útil e apropriada.
Paguei para me polirem esta espada.
O polidor poliu-a de forma esmerada.
Fê-lo por um preço elevado, é verdade, mesmo mais caro
do que o comportavam as possibilidades da minha bolsa. 865
Mas não ligar muito ao dinheiro
quando a importância do negócio o impõe,
deve ser considerado por quem é astuto como um bom lucro.
Agora, ó espada, podes ser facilmente desembainhada,
uma vez liberta da sujidade e da ferrugem. 870
Venha agora ao meu encontro aquele escudeiro fanfarrão.
Ele verá com quem deseja defrontar-se.
Quanto ao escudo, desconfio que talvez nem o tenha em casa,
contudo, só se lhe pode chamar escudeiro.
O facto é que a nobreza está tão longe dele 875
quão próxima de mim está a rusticidade. Nem mais.
E por isso mesmo é que eu posso ser considerado melhor:
eu não afecto uma origem ilustre, mentindo.

Do milho amealhado, alimenta-se o pobre um ano inteiro,²⁸
mas quando sente aproximar-se alguém, 880
logo retira do armário um bolo de cereal,
mais antigo do que o tempo dos seus avós.
Vá, bebe agora também as brisas, de rosto contra o vento.
Com a força deste meu braço farei com que o dinheiro
que dei pelo teu conserto, ó espada, 885
ele o gaste muito rapidamente uma vez ferido,
mas no cirurgião. Porque eu decepar-lhe-ei
aqueles braços, perfurar-lhe-ei as tripas,
atacá-lo-ei pela esquerda e pela direita, mais cerradamente que a chuva.²⁹
E virada para onde ele se virar, ó espada, fulminá-lo-às 890
como um relâmpago. Hein? Sim! Porque hei-de suportar
as afrontas que ele me lança?
Quem pretender atingir-me com um pesado bastão,
será atingido por esta espada; que ninguém me chame
campónio, ou terá que chamar o cirurgião. 895
Há pois que agir de forma a que as feridas recebidas com o pau
sejam retribuídas com esta espada. Eis como se deverá proceder,
para que, lá por desprezarem a gente do campo
E ser ponto assente que quem cultiva a terra não tem valor algum,
os malandros não escarneçam com muita arrogância, 900
ingratos e malféitores, daqueles de cujo trabalho vivem.
Mas quem me poderia dar um companheiro para esta empresa?
Dois ao ataque facilmente esmagarão um.
Agora um sozinho, hum! Meto-me em sarilhos.
Não me agrada confiar pouco na vitória. 905
Não quero correr riscos; quero vingá-lo-me.
Quem será? É mesmo ele. Ó deuses do alto,
peço a vossa assistência e protecção. Enfrentá-lo-ei sozinho?
Orgestes, predispõe-te já para este acto de coragem.
Vamos, ó espada, sai em segurança da bainha. 910
Recuo por instantes. É preciso delinear uma estratégia.

CENA II : FILAUTO E ORGESTES³⁰

Filauto – Eu classificaria como tolerável
não me permitirem o que é do meu agrado?
Orgestes – Mas falas erradamente. Quando me bateste,
ó fanfarrão, soube-te bem bater-me. 915
Filauto – Não é de considerar como grande afronta

que em quase tudo aquilo em que me meto
a Vida me repreenda?

Orgestes – E fá-lo com razão,
pois a Vida deve proibir injustiças.

Filauto – Reclama comigo por causa do meu filho Caristo; 920
depois, acusa-me por causa apenas de um reles camponês
e a Vida anuncia perigo de vida.

Orgestes – Augura bem. Ouves, Orgestes? Ele tem medo.

Filauto – Que proveito me traz a nobreza de estirpe?
É em vão o teu esplendor, ó Antiguidade. 925
Outrora, sim, era ilustre a dignidade da nossa classe,
brindada pelo povo com as maiores honras.
Mas agora, consideram-nos nobres sem glória.

Orgestes – Hás-de me ensinar primeiro como te tornaste nobre.

Filauto – Relembro o tempo em que os nossos pais 930
tinham a Lusitânia na maior consideração.
Oh! Sinto o desânimo a tomar conta de mim!

Orgestes – Queixumes! Mais nada!

Filauto – Foram-se os tempos em que era lícito a um nobre
defender-se e não era crime moer as costas com lenha
a um campónio que se armasse em esperto. 935

Orgestes – Desconfio que tais tempos nunca existiram.
Do que aquele tempo gostava era da agricultura.
Por isso mesmo é que este fulano solta queixumes tolamente.

Filauto – Mas agora, se um reles hortelão ou outro habitante
desta aldeia fala de forma arrogante 940
e tu ergues a mão para castigar quem assim fala,
a lei ameaça o nobre com correadas,
como se faria a filhos de sapateiro.

Orgestes – Quem dera dissesses verdades e não mentiras.

Filauto – Era a plebe que servia, no lugar dos escravos. 945
A nobreza limitava-se a dar as ordens esperadas.
Mas agora a nós, os nobres, equiparam-nos ao povo.
E se a Fortuna faz girar a roda, como é habitual,
será a plebe a ditar ordens, cheia de insolência;
as pessoas respeitáveis, de nobre estirpe, essa viverão como criados. 950

Orgestes – Que a Fortuna o faça, e mantenha a roda virada
de modo a deixar por cima Orgestes
e por baixo a cabeça daquele homem,
para que eu calque aos meus pés a sua testa.

Filauto – Realmente, que bom prenúncio dá a nossa imagem 955
no estado? Vejam: quem sou eu pelo nascimento? De família antiga

e aristocrática. Quanto a posses? Remediado; a minha dextra? Bem forte.
 E em agudeza da inteligência? Não ficaria atrás de ninguém.

Orgestes – Como ele se gaba! Acautela-te, Orgestes.
 Tens um inimigo temível a muitos títulos. 960

Filauto – Envelheço neste recôndito esconderijo que é a minha casa
 e os privilégios devidos à nossa honorabilidade
 qualquer um os arrebatava, falando conforme quer.
 Nem falta riqueza a estes adutores.
 Que tempos estes, que eu não deveria ver nem suportar! 965

Orgestes – Mas verás e suportarás contrariado este tempo.
 Vá, ocupa-te da tua tarefa; porque arrastas o tempo, Orgestes?

Filauto – Acabo de saber duns campos arrendados
 que, por morte dos proprietários, deverão agora passar para outros.
 guardo na expectativa: de que mencionem 970
 o meu nome nas cortes? Terei em breve notícia
 do que se passou, mas mantenho esperança, ainda que pequena.

Orgestes – Porque demoro? Avanço? Não. Dá-me primeiro um conselho,
 ó espada, por favor. Atacá-lo-ei pelas costas,
 sem ele contar? Ou travarei um combate leal? 975

A primeira hipótese é tida, sem dúvida, por muito mais segura;
 a segunda é claramente mais honesta mas mais arriscada.
 É que ele também se apresenta armado com a sua espada.

Filauto – Enquanto me quedava neste lugar, matutava em silêncio
 sobre o que teria sido de mim, 980
 em tempos tão penosos, se não tivesse o meu filho
 Caristo, a coisa que mais amo, e com razão.
 Assim é a vida humana: ainda que uma situação te preocupe,
 ela oferece-te outras coisas para te consolares.

Orgestes – Aproxima-te, ó mais hesitante do que Fábio Máximo.³¹ 985
 Lança cautelosamente os olhos em todas as direcções.
 Já avanças? Força, avança; o negócio bateu no fundo.
 Quem é aquele estafeta? Hum! Que ele me não veja.
 A verdade é que viu. Raios o partam! Lá se me foi a ocasião.
 Foge daqui para não esbarrares com a desgraça. 990

CENA III : MOÇO DE FILAUTO, FILAUTO E FILÓCIO, SEU AMIGO.

Moço – Um mensageiro entregou-me esta missiva. Toma.

Filauto – Deixa ver, donde vem?

Moço – Da corte, naturalmente, foi o que ele disse.

Filauto – E que é que refere?

Moço – Isso não sei; toma tu conhecimento do assunto, lendo-a.

Filauto – Cá está o que eu receava: vem aqui escrito que os tais campos, falo dos campos arrendados, foram dados a um outro. 995

Moço – É tolerável que tenham preferido outro em vez de ti?

Filauto – Estava suspenso duma esperança que agora se dissipou. Tinha igualmente receios dum desfecho desfavorável. Não alimentes já qualquer esperança, Filauto; receia sempre.

Filócio – Soube da infausta notícia, dada lá. 1000

Vim como amigo, Filauto. Não fiques demasiado agastado com a afronta que te fizeram.

Filauto – Desfaço-me em pranto. É assim que gozam connosco?

Filócio – Quando não pode acontecer o que desejas que aconteça, o remédio não é a dor, mas a firmeza de ânimo. 1005

O que este dia te negou, outro to concederá.

Filauto – Eu sei muito bem o que me desgosta, Filócio.

Filócio – Sucedeu o que não esperavas. Será que até agora nunca aconteceu isto a mais ninguém? Tal como outros aliviaram o desgosto do seu espírito, 1010

sê sábio e mitiga a tua amargura.

Filauto – Não acreditaria que Filauto é homem se ficar parado, esquecido das afrontas.

Filócio – Acharia preferível que te preocupasses desde já com a forma de afastares essa dor do teu espírito, 1015

em vez de ficares a matutar sozinho ou de me falares de coisas que atearão mais este rastilho de dor.

Filauto – Facilmente aconselhamos os doentes, estando nós de boa saúde. Diferente seria o teu pensar se fosse teu este infortúnio.

Então é assim? Fui soldado tantos anos para me retribuïrem assim? 1020

O que me dói é o homem que me passou à frente não ser de estirpe antiga, mas duma demasiado nova, acabada de surgir, a última de todas.

Filócio – O espírito dá voz amarga aos seus queixumes. Suporta isso com paciência e acabarás por achar que não tem importância. 1025

Filauto – Estás por fora da desgraça; por isso me mandas suportar com paciência estas coisas. Que há de mais injusto do que alguém pretender alvitrar lições de paciência em desgraça alheia?

Filócio – Seja! Julguem-me mau árbitro! 1030

Cada um avalia os outros com base na sua própria maneira de ser. Mas em que situação achas tu que deverá colocar-se quem acreditar que tudo lhe é devido e que, não vendo satisfeitas as suas pretensões, cai doente?

Filauto – Não foi no mesmo dia que ambos fomos dados à luz. 1035
 A ti, ao nasceres, viu-te a constelação da Balança: bonacheirão,
 pachorrento, sempre calmo e imperturbável;
 a mim, contemplou-me o astro belicoso, Marte em pessoa,
 que alvoroça com guerras a raça humana.

Filócio – Não me venhas com o destino, nem acredites 1040
 que o nosso temperamento é regulado pelo movimento falso dos astros.
 Cada um faz o seu percurso, conforme lhe apraz.
 Adopta como verdadeiros os preceitos habituais da vida
 que não podem desagradar a ninguém que seja sensato.

Filauto – Não te portas como amigo; fazes-me perder a razão. 1045
 Queres que eu encare um fracasso com a mesma calma
 com que tu encararias a morte do teu gato?
 É agradável o que se passou?

Filócio – Não é agradável, de facto,
 mas quando não é possível o acontecido trazer de volta o não acontecido,
 eu de bom grado faria o que está ao meu alcance, 1050
 ou seja, não dar importância a estes contratempos.

Filauto – Vive tu feliz com esse teu ponto de vista;
 com o mesmo viveria eu infeliz.
 Desagrada-me essa capitulação fácil do espírito.
 Eu não posso desdenhar da minha honra. 1055
 Tu, Filócio, se consegues, continua assim e passa bem.

CENA IV : FILÓCIO E VIDA HUMANA

Filócio – Como interpretarei o facto de o muito fácil
 resultar extremamente difícil para quem está de má vontade?
 A resposta surge clara: no agir tem muita importância
 a força de vontade. Cada um pode o que quer. 1060
 Se não quiser e se o negócio nada representar para si, não pode.
 Se uma simples ordem como “senta-te” for dada a alguém contrariado,
 façam-no com súplicas ou com propostas de ganhos pessoais,
 ele objectará que não consegue fazer o que se lhe pede.

O conhecido Filauto, atreito a uma insolência 1065
 a que sempre se liga a conhecida inveja,
 jura ser incapaz de suportar uma desfeita.
 Eu, por natureza dado a uma vida pacata,
 lembrado da afronta recebida, precaver-me-ia
 para não granjear dissabores para mim, 1070
 nem andaria a cismar em desgostos

que, de tão dolorosos, afugentam a alegria.
 Quem está na minha frente? Vida Humana? Ei-la que se aproxima.
Vida Humana – Onde está o nosso Filauto?
Filócio – Partiu daqui agora mesmo.
Vida Humana – E com que disposição, com que cara, suportou o ultraje? 1075
Filócio – O ressentimento fê-lo proferir muita coisa reprovável
 e o rosto denotava cólera.
Vida Humana – E que disseste tu a quem proferia tais indignidades?
Filócio – Tratei o meu amigo com brandura;
 propus-lhe que, seguindo o meu exemplo,
 afastasse o pensamento de coisas muito tristes. 1080
 Proferiu umas poucas de asneiras a respeito do destino e dos astros.
Vida Humana – Hem?
Filócio – “Eu estive na guerra como soldado da verdade.
 Rechacei com firmeza a perniciosa mentira”.
Vida Humana – Até onde descia esta tola menção do destino?
Filócio – Dizia de si próprio ser um guerreiro de Marte, 1085
 por ter nascido precisamente sob o signo desse astro.
Vida Humana – E tu escutava-lo?
Filócio – Oh! Para conter o riso
 mordi várias vezes os lábios, apertando-os contra os dentes.
Vida Humana – Porque não contestavas com mais energia tais tolices?
Filócio – Poupei-o, é meu amigo. Quê? Querias que logo ali 1090
 o suco da uva amarga me ferisse os olhos?
 Um amigo deve ser considerado com bastante indulgência.
Vida Humana – É nestas condições que mantendes a vossa amizade:
 pela frente, evitais fazer recomendações; pela calada,
 roeis, com dentadas caninas, a fama que atacais. 1095
Filócio – Não, Vida. Filócio não age dessa forma.
 É amigo do seu amigo, sem artifícios.
 Costuma oferecer vinho, não derramar vinagre.
Vida Humana – Gabas-te de ser precisamente um amigo sem artifícios?
 Será que existe artifício mais manifesto do que este? 1100
 Untas com lisonjas a boca de quem delira,
 mas não esfregas com nenhum líquido os olhos com ramela,
 para que eles vejam a luz dourada da verdade.
Filócio – Ó Vida, eu não sou Catão Pórcio, o censor,³²
 para alvoraçar os próprios Romanos com acusações. 1105
 Eu vivo sossegado, contente com a minha casa,
 a pátera, o saleiro, a cadeira, os guardanapos, a lareira.
 Não ligo a acontecimentos alheios, que julgue
 nada terem a ver comigo. Assim viveu feliz,

longe dos negócios, a antiga raça dos mortais.³³ 1110
Vá, Vida, queres conhecer o pensamento de Filócio?
Escuta: fosse o ócio água ou vinho,
sorveria o ócio de goelas sempre abertas.

Vida Humana – Que deseje o ócio o rico que foi marinheiro,
após ter experimentado por demais a fúria dos ventos e do mar. 1115
Suspire pelo ócio o ancião que foi soldado na sua juventude,
cansado após muitas campanhas.
Anseie pelo ócio o lavrador e todo o que, segurando o leme
na popa, comandou a nau da sua pátria.

Tu, que até hoje não soubeste o que é trabalho, 1120
hás-de reclamar o doce prémio duma vida de canseiras?
Levanta-te. Estás gordo de muito boa vida.

Filócio – Não faço nada, gordo de ócio? Muito faz, seguramente,
quem não agride com aspereza ninguém, 1125
mas se esconde na sua concha como uma lesma.

Vida Humana – Quem ouvir Filócio proferir tais afirmações
julgá-lo-á porventura um gato e um Catão:
eloquente a falar, inactivo a viver.
Permaneces ocioso, humedecendo-te com a tua saliva, feito um caracol.

Aos outros darás conselhos, mas a ti próprio 1130
não darás nenhum que vá contra o ócio; e julgas-te
bastante rico e feliz vivendo assim.

Filócio – Ó Vida, não és benevolente com ninguém por muito tempo.
Ora preceituas num lado o trabalho, ora noutro 1135
o tranquilo descanso. Já te contradizes a ti própria.
Vá, eu quero descansar, não cansar-me.

Vida Humana – Mostras quem és ao avaliares-te com dificuldade.
Esclarece, por favor, de que modo vives?

Filócio – Explicar-me-ei. Não terei vergonha do que vou dizer.
Não quero atormentar-me com o que a vida tem de bom. 1140
Desejo passar o tempo com toda a tranquilidade:
É que decretei viver apenas para mim próprio.

Vida Humana – Quê? Tu não concordas com Platão?
Filócio – Platão que passe bem.
Ele poderá dizer: “Não nascemos apenas para nós próprios,
mas para os amigos, para a pátria e para os familiares”. 1145
O que eu verifico, de facto, é que ninguém nasceu para mim.
Filócio precisa apenas de Filócio,
protege-se a si próprio, é a sua própria segurança.
Que todos os outros decretem imitá-lo:
não terão necessidade da ajuda alheia. E Platão 1150

poderá passar bem com os seus próprios pensamentos.

Vida Humana – Ó homem sem amor e sem experiência dele!
 Tu deverias disponibilizar espontaneamente os teus esforços
 para, só por ti, seres capaz de dar ajuda a muitos.
 Vejo-te mais seco que a pedra-pomes: 1155
 Nem água ofereces a um mendigo sedento.

Filócio – Por toda a parte há fontes jorrando em abundância.
 Eu compreendo os ricos em ouro e prata.
 Manda os pobres para junto destes, Vida Humana.
 Eu nem me glorio de ser rico quanto baste, 1160
 nem me classifico como um mendigo com falta de pão.
 Reservo para mim o pé-de-meia que amealhei,
 para apoio seguro do doce ócio.

Vida Humana – Chegas a este ponto? Rebola-se como um porco na imundície.

Filócio – Pára. É assim que eu me revolvo no meu ócio, 1165
 Ó Vida. Eu não pedi a ninguém para viver. Basta.
 Prefiro não ter ninguém de quem goste mais do que de mim próprio.
 Ninguém me deixou em testamento os seus haveres;
 Do mesmo modo não declaro ninguém herdeiro dos meus.

Vida Humana – A tua preguiça ficará assim melhor comprovada. 1170

Filócio – Então Filócio há-de permitir-se passar sede,
 morrer de fome, suportar a nudez,
 só para acudir à penúria dos outros?

Vida Humana – Com tal conduta considerar-te-iam o pai de muitos. 1175

Filócio – Para passar o tempo sózinho, amo o celibato,
 gosto de morar comigo; não quero filhos, para continuar livre.
 Que beneficiem outros deste nome ilustre de pai.
 Teria de enfrentar o mar dentro dum barco,
 suportar repetidamente o balouçar das ondas,
 ter a mente toda ocupada em negócios 1180
 para grangear o sustento para os meus filhos, como mercador.
 Poupa-me. Não consigo navegar. Dá-me enjoo.

Vida Humana – Vieste para aqui com essa lição estudada?
 Entregas-te a uma inércia sem qualquer sentido
 e falas como um doutor da Academia. 1185
 Pois quê? Se todos os outros, com o teu exemplo, achassem bem
 moderar-se ao ponto de não se preocuparem com nada,
 mas procurassem repousar sem nada fazer?
 Julgá-los-ias felizes?

Filócio – Por mim, 1190
 tolero com prazer que os outros se atenham ao que lhes agrada,
 elogiem eles o que elogiarem. Eu reservo para mim o que aprendi;

abraço esta filosofia lucrativa.

Vida Humana – Brincamos com niquices? Vá, prepara o corpo e o espírito.
Trabalha para os outros. Mexe-te! Estiveste muito tempo inactivo.
A partir de hoje ensinar-te-ei a fugir da inércia. 1195

Deus, o criador deste mundo e da vida, não permite
ociosidades de nenhum tipo. Não te apercebes, ao menos,
do vai-vém do sol a oriente e a ocidente?
Viste alguma vez o sol fazer marcha atrás
ou deter-se um pouco? E as estrelas 1200
fixas no firmamento? E os sete planetas perfazendo
suas órbitas? Será que revelam atrasos de algum tipo?
Se é por teres remela nos olhos que não vês as realidades celestes,
desvia a atenção para o que vês à tua frente.
Repara na alternância das estações, 1205
Renovação de cada ano, com frutos admiráveis,
nas fontes sempre a jorrar, nas árvores a germinar,
nos rios que não páram em seu fluir contínuo.
Só tu é que há-de desfrutar do doce lazer?
Aprende que nasceste para o trabalho, não para a inércia. 1210

Filócio – Ó Vida dura, sempre intratável!
Vida Humana - Sou dura sempre que te corrijo mercidamente.
Não eras tu que há pouco incriminavas Filauto
por ter o espírito inflado de soberba?

Filócio – Também denunciava o ciúme do invejoso, 1215
cuja companheira, a ambição, devemos detestar.
Vida Humana – És tão severo a descobrir defeitos num amigo
e esqueces-te completamente dos teus?
Filócio – Dos meus? Quais?
Vida Humana – Negarás não haver qualquer razão
em considerar como defeitos teus o ócio e a inércia? 1220

Filócio – Que sejam, mas que são eles em relação às loucuras de Filauto?
Vida Humana – Sofres do mal de que muitos sofrem:
ou julgam que os seus defeitos são insignificantes,
ou então enfiam-nos num saco atrás das costas.
Vá, marcha para o trabalho. 1225

Filócio – Não posso.
Vida Humana – Podes.
Filócio – Posso? Afasta-te. Não quero.
Vida Humana – O quê? Muito mais
serás atormentado por não queres. Na verdade, é demasiado duro
se fizeres contrariado o que te mandam fazer.
Filócio – As tuas ordens já vêm tarde.

Vida Humana – Nunca é tarde enquanto é possível.
Filócio – Não me aguilhões. 1230
Vida Humana – Aguilhão com razão um boi pachorrento.

CENA V : ORGESTES

Assim mesmo? Realmente, alongará o passo
sob o estímulo do aguilhão quem deixou que a vida o transformasse em boi.
Oxalá ela embotasse ali completamente o aguilhão.
Desde que não se vire irritada contra mim,
que o assuste a ele com o medo do aguçado aguilhão. 1235
Mas voltando a mim: É em vão que procuro
que aquele fanfarrão se apresente à minha frente.
Refiro-me àquele soberbo, por causa de quem
me sujeitei a esforços consideráveis,
pois no que toca a esta espada, meti-me 1240
e meter-me-ei em despesas até que, pela violência,
faça jorrar daquele corpo sangue em abundância,
só porque ele tinha a intenção de me matar.
E que ninguém me diga para refrear esta fúria,
pois eu estou furioso com muitíssima razão, 1245
ainda que isso me custe caro.
A Fortuna que faça ruir como quiser os currais,
que me estrague os campos, e me deite a perder as searas abafadas por ervas;
que me queime a choupana: não faço caso nenhum de tais danos,
contanto que vingue a afronta, com a perdição do meu inimigo. 1250
Tenho bens suficientes, se me vingou.
Que o não perceba o fantasma que tenho pela frente
(falo, evidentemente, de Vida Humana, que rapidamente
confunde e altera todos os planos).
Desci pela praça mais próxima, 1255
esgueirei-me de novo para a cidade e cheguei à praça central,
na esperança de encontrar um mercenário
e o contratar como assassino a soldo,
para me ajudar nesta empresa. Não encontrei ninguém
a quem confiar em segurança os meus propósitos, embora em muitos 1260
as feições do rosto denotassem propensão para a maldade:
sobrancelhas rapadas, nariz muito afilado,
olhares em sobressalto lançados por cima dos ombros,
longos bigodes retorcidos no lábio superior,
queixo pontiagudo, igual ao bico do sacholo, 1265

vestes elegantes. Com a espada presa à cintura
deambulavam dum lado para o outro. Diacho!
Uma calçada levou-me daí até ao cabeço
duma vertente recoberta de reboco. Parei,
apoiado a um muro de pouca altura, com vista para o Mondego; 1270
dali arreepei caminho até ao átrio da Academia.
Vi ali muitos trajando de negro, com capa,
contando no meio de gargalhadas esta história,
a saber: que existiu em tempos em Coimbra
uma espécie de república estudantil 1275
a que deram um nome que ficou célebre, o de PAU,
e instituíram a seguinte praxe:
se alguém injuriasse uma pessoa,
deveria ser castigado com um grande cajado,
às ordens do consul da tal república. 1280
Mas há muito que deixou de funcionar. Eu padeci demais aqui;
na verdade, se ela estivesse em vigor, eu reclamaria com insistência
que tivessem em consideração o meu caso. Mas quem é aquele?
Preferiria ver um milhafre ou um corvo. Não vou ao seu encontro.
Há que ter cuidado também, não vá este soldado vir atrás de mim. 1285

CENA VI : PÂNFAQO, GLUTÃO; ORGESTES³⁴

Pânfago – Tratemos deste negócio, Pânfago; dobre-se o manto.
Orgestes – Que os deuses do alto arruinem o ladrão. Que prepara ele?
Pânfago – Aviso e ameaço como um temível inimigo.³⁵
Orgestes – Porque fazes ameaças, Sicofanta? Eh! Enforca-te.
Pânfago – Que ninguém me surja pela frente com cara de poucos amigos, 1290
a não ser que julgue ter vivido já tempo demais.
Orgestes – Cá por mim acho que ainda nasci há muito pouco tempo.
Pânfago – Toda a criatura que avançar contra mim
devorará os punhos.
Orgestes – Não devorará,
se tu, ó minha espada fiel, me protegeres. 1295
Pânfago – Farei como digo, jurando pelo que há de mais sagrado:
é minha intenção fazer o que minhas palavras ameaçam.
Orgestes – Minha intenção é nada sofrer de novo.
Pânfago – Que mude sua rota quem vier na minha direcção.
Orgestes – Escapar-me por essa viela? Não é altura. 1300
Pânfago – Se alguém possuir aqui algum negócio,
descobrirá que está metido noutro.

Orgestes – Negociarei sem ti; eh! ó besta!

Pânfago – Quero um combate homem a homem. Que ele avance.

Orgestes – Não quero combater; deixa-te de provocações. 1305

Pânfago – Este punho, tal como a balista fere os muros,
do mesmo modo ferirá ventas e partirá dentes.

Orgestes – Passa de maltratante a tratante, peço-te.

Pânfago – Catapulta, côvado; braço, falárica.

Orgestes – Está aqui o filho do adultério de Júpiter com Alcmena.³⁶ 1310

Pânfago – A espada desembainhada, o raio é de Júpiter irado.

Orgestes – Oh! Desse raio livra-nos, ó Deus!

Pânfago – Por fim, punhal a descoberto, um momento terrível.

Orgestes – De tal momento, livra-nos, Senhor.

Pânfago – O pé em que ele tocar cairá por terra morto. 1315

Orgestes – Que ele não me toque nos pés, santa salvação,
esconde o Orgestes nalguma caverna.

Pânfago – Ceei opiparamente; matei a fome do meu buxo.
Pareço um segundo Hércules, dotado de vigor descomunal.
Aumentar-me-á estas forças a juventude 1320
tão estouvada que eu atraio com mentiras.
O facto é que dois jovens, levados pelas minhas artimanhas,
transformaram-se agora mesmo no maior ganho para mim.
Estúpidos! Um deles é Caristo, o outro, Clitífião,
e ambos se afadigam por minha causa 1325
em me prepararem amanhã o melhor almoço do mundo.
Tudo quanto o talho vende, todos os géneros
disponíveis no mercado, tudo isto eles compram a meias.
Eu por mim avançarei como um lobo, pronto a devorar,
e movido por um apetite implacável. 1330

Mas quem é aquele que eu vejo agora aproximar-se?
Chegas como o magarefe ou como o cozinheiro desta família?

Orgestes – Não estás a ver nenhum magarefe nem nenhum cozinheiro.

Pânfago – Porquê então com essa espada?

Orgestes – Porquê? As circunstâncias assim o recomendaram.

Pânfago – Prepara as fuças.

Orgestes – Quê? Não tens necessidade do meu rosto. 1335

Pânfago – Deixarei as marcas destes punhos nessas bochechas.

Orgestes – Sem qualquer motivo tornarás mais infeliz quem já o é.
Eu julgava-me ainda há pouco um cavaleiro, e alguém
fez de mim burro, moendo-me bastante. Aproximar-te-ás de mim
para me fazeres passar por um infortúnio ainda pior? 1340

Pânfago – Que histórias estás a imaginar, parvalhão?

Orgestes – Não vendo história nenhuma, respeitável cavaleiro.

Apenas comento o que aconteceu, ou seja,
as bastonadas que ele deixou gravadas nas minhas costas.

Pânfago – Costumamos escrever sobre papiro com uma pena. 1345
Porque te exprimes com todos esses rodeios, ó fala-barato?

Orgestes – Presta atenção, estou a falar verdade, não lanço bocas para o ar.
Um tipo insolente malhou sobre mim da pior forma.
As costas foram o papiro dele, mas a pluma foi uma acha. 1350
A dor pela afronta recebida deu-me esta espada
para eu tramar quem primeiro me tramou.

Pânfago – Ena! És um homem perito na minha arte!
Como te louvo! Não sabes suportar ultrajes.
Respondes à violência com violência. Mas é prudente estar apreensivo
Quanto a poderes alcançar o que desejas através da luta. 1355

Orgestes – Crês-me assim tão receoso?
Pânfago – Julgo-te corajoso.
Mas pode dar-se o caso de ele ser um grande especialista na arte bélica,
ou então um mestre de esgrima, mais experiente que o aluno;
ele saberá, por isso, combater com a espada.

Orgestes – E algum sangue escorrerá da nossa ferida. 1360

Pânfago – Mas embora vós, soldados arrancados ao arado,
tenhais grangeado algumas vezes a glória dum feito notável,³⁷
que foi com gente treinada, não com principiantes que os exércitos
se cobriram de glória, é ponto assente. Vai agora
e desembainha a espada energicamente. Logo à partida, 1365
ele massacrar-te-á de ambos os lados, com a adaga desimpedida,
antes que consigas escudar o braço enrolando o manto.

Orgestes – Eu não venho para este combate tão mal preparado
que vá dar uma oportunidade de mão beijada. 1370
Mas de súbito e com todo o ímpeto atacarei
com coragem o inimigo, tal como o touro em fúria
que na arena baixa os chifres e, com eles inclinados,
cerrando os olhos, dilacera quem encontra pela frente.

Pânfago – E se for ele a tomar a iniciativa? E se vir
que é um touro que se aproxima? Desviar-se-á rápido para o lado 1375
e ferirá o transeunte, como costuma acontecer.

Orgestes – Sejas quem fores, tens realmente um espírito precavido.
Pânfago – Eu sou assim: antes de avançar para um combate,
pondero bem o grau de risco desse combate.

Orgestes – Ó homem precavido, que conselho me dás então? 1380
Pânfago – Aprende a técnica de combater.
És de boa constituição física, mas reforça
as tuas forças com esta disciplina militar.

Orgestes – Mas quem me ensinará?

Pânfago – Eu, que estou a falar contigo.
Sou um excelente esgrimista.

Orgestes – Faz-me esse favor. 1385

Pânfago – Está bem. Desembainha a espada.

Orgestes – Já está.

Pânfago – Muito bem.
Agora enrola o manto com o braço esquerdo.

Orgestes – Assim, mestre?

Pânfago – Não houve destreza suficiente.

Orgestes – Não me desembracei devidamente?

Pânfago – Vamos repetir com mais desenvoltura.
Vê como eu desembainho rapidamente a espada, 1390
como me protejo com o manto,
transformando-o em escudo. Duma só vez, ou massacre com golpes,
ou encosto à cara a ponta da espada.
Vá, lutemos ambos amigavelmente.

Orgestes – Vamos! Não digo que não.

Pânfago – Toma precauções.

Orgestes – É essa a minha preocupação. 1395

Pânfago – Protege a cabeça.

Orgestes – Ai! Feriste-me a tibia.

Pânfago – Defende agora as canelas.

Orgestes – Atingiste-me a cabeça.
Eh! mestre, tu enganas-me.

Pânfago – Não compreendes
que em combate é este o papel do inimigo: 1400
lançar a espada contra as zonas do corpo
que o adversário deixa à vista? Regressa ao combate.

Orgestes – Sim, mas tu, vê lá!

Pânfago – Avança.

Orgestes – Agora atingiste-me o flanco esquerdo;
agora o direito; olha, agora o ombro.
Ó mestre, tem cuidado com a espada: feriste-me o pé.
Com estes ferimentos, não me está a agradar esta luta de brincadeira. 1405

Pânfago – Qualquer combate ser-te-á, com razão, desagradável
se tiveres pela frente um tipo experimentado.
Porque um profissional facilmente matará um principiante.

Orgestes – Calar-me-ei então? Mas as minhas costas chorarão
sobre o seu mal sem vingança? 1410

Pânfago – Não te cales nem engulas a afronta,
suportando-a, após ela te atingir.

Orgestes – Que solução propões?

Pânfago – Eu mesmo, que devoro o ferro,
que mastigo vivos os que quero que sejam comida,
protegerei no terreno a tua causa, vingando-te da afronta.

Orgestes – Fá-lo-ás?

Pânfago – Está descansado. Resolver-te-ei o problema. 1415

Orgestes – A sério?³⁸

Pânfago – Sossega. Dar-te-ei realmente o assunto por resolvido.
Seja quem for esse fanfarrão, será cortado
em pedaços tão pequeninos que os restos maiores
serão as suas orelhas pendentes.³⁹

Orgestes – Ficarei feliz se levares a cabo o que dizes. 1420

Pânfago – Mas devo arriscar-me sem paga a uma acção como esta?

Orgestes – Não foi de graça que Hércules libertou o mundo?
Imita-o, pois em força aproximaste muito dele.

Pânfago – Naquele tempo, era possível existir um Hércules
que domava os monstros a golpes de cachaporra. 1425
Agora, só a troco de dinheiro se é soldado.

Orgestes – A glória é a recompensa dos corajosos.
proclamar-te-ei como o meu sustentáculo e o meu deus.

Pânfago – Não é com essa comida inútil que o meu ventre se enche.
Se não dás, armado em lavrador tacanho, 1430
morre e leva como castigo umas bastonadas merecidas.

Orgestes – Prefiro que me julguem nadando em dinheiro
a suportar infâmia tão aviltante.
Toma, adianta-te esta bolsa bem recheada.

Pânfago – Eu resolverei o assunto com a tua espada. Passa-ma. 1435
Observa-me, vá, vê o meu desempenho.

Orgestes – Toma lá a espada, ó meu protector,
para com a ajuda dos deuses vingares estas insolências.

Pânfago – Eu mataria alguém por tua causa, imbecil?
Tu vens sozinho ao meu encontro para seres desancado. 1440
Fica onde estás. Toma estas pauladas, meu safado.

Orgestes – Já viram o atrevimento deste aldrabão?
Tu matas-me, ladrão? Pobre de mim! Para onde escaparei?

Pânfago – Fica aí.

Orgestes – Tu é que mereces acima de tudo ir pró diabo.
Devo exigir a devolução do dinheiro que te dei. 1445
Vá, restitui-mo, ladrão. Bates-me? Pára aí, homem.
Ó minha espada roubada à traição!
De novo me transformam numa seara de novas chagas.⁴⁰
Socorrei-me! Acudi ao pobre de mim!

Pânfago – Grita à vontade. Ninguém virá em teu socorro. 1450
 E que venham. Antes que te socorram moer-te-ei de pancada.
Orgestes – Que o raio da cólera divina quebre os teus ossos.
 É lícito um crime tão atroz em pessoas livres?
Pânfago – Pânfago permitir-se-á fazer tudo o que lhe der na gana.

CENA VII : VIDA HUMANA, PÂNFAQO, ORGESTES

Vida Humana – Vou em socorro. Que palavras sacrílegas me feriram? 1455
 É o parasita, que deixa sair da sua imundíssima boca
 o que ninguém teria sido capaz de exprimir por palavras,
 a não ser quem sai deste bando sem vergonha.
 Ó patife refinado, coruja sinistra da negra noite,
 deixa o homem em paz. Aproxima-te mais. Vem cá. 1460
 Baixa a espada, ordeno-te. Acata as minhas ordens.⁴¹
 As tuas costas é que deveriam ter experimentado as minhas mãos.
 Será que não quebrarei essa horrível cabeça com este bastão?
Pânfago – Um esgrimista não costuma impressionar-se com tais ameaças.
 Retira daqui o bastão.
Vida Humana – Lanças-me um olhar 1465
 ameaçador e feroz? Depois de me ver é que parou?
 É aquele que é um exemplo de falta de vergonha?
 Ó desvairado corruptor da juventude, quem és tu?
 Gozas a vida como um marginal e, com a tua mentalidade criminoso,
 fazer alastrar um espírito de permissividade? 1470
 Dirás que fazes apenas o que te apetece?
 Vive sem lei quem vive desse modo.
 Vá, por que razão se criam leis em prol do bem comum
 a não ser para que o capricho, contido por tais leis,
 acredite que só o que é lícito lhe dá prazer? 1475
 Mas dêem-se graças a Deus. Neste reino
 nada se permite a ti e a pessoas da tua laia.
 Havendo autoridade pública, não causas problemas.
 Mau como és, farás mal às escondidas, como os ladrões.
Pânfago – Ó Vida Humana, não me ralhes com tanta aspereza. 1480
Vida Humana – Que dizes, mestre de esgrima, libertino,
 mentiroso, comediante, paçudo? Detesto-te. Abomino
 estes escravos do ventre e da gula. A sua chocarrice
 e o seu riso são venenos poderosos
 para acabar com os bons costumes. São fogo e epidemia. 1485
 Porque ficas mudo, traste, tu que nunca te calas?

Entrega o que roubaste, ordeno-te. Hesitas? Tem cuidado.

Pânfago – Toma lá a espada.

Orgestes – Atira-a para o chão.

Não acredito nada na tua palavra.

Vida Humana – Que conserva ele que ainda seja teu?

Orgestes – Uma grande soma de dinheiro, Vida Humana. 1490

Vida Humana – Restitui-lho.

Pânfago – Mas ele deu-mo de comum acordo.

Orgestes – Ele enganou-me e causou a minha ruína. Vê as minhas costas.

Vida Humana – Restitui o dinheiro roubado, ladrão.

Pânfago – Gostaria de ficar com ele.

Vida Humana – Ah! Vejam só! Que conseqüências adivinhas para o teu comportamento?

Pânfago – Não queria que fossem más. 1495

Vida Humana – Com essa forma de proceder, nunca terás bom fim.

Pânfago – Não me atormentes com a fome, que é o que mais receio.

Quanto às outras coisas, suportar-se-ão com o rumo que queiras dar-lhes.

Vida Humana – Afasta-te, retira-te da minha vista, perdição e agoiro sinistro. Se és sensato, acautela-te daqui em diante, 1500

para que não me surjam vestígios dos teus passos.

Pânfago – Ó Pânfago, hoje não sentirás falta de almoço.

O que acontecerá amanhã, só os deuses o sabem.

Vida Humana – Tu, contra quem uma ira desenfreada prepara desgraças, quando é que te apresentarás mais calmo? Espancado 1505

uma e duas vezes, sairias daqui como um vadio enxovalhado e despido se eu não tivesse vindo em teu socorro.

Orgestes – Dever-te-ei este favor,

Enquanto a vida me mantiver vivo, ó Vida.

Mas meu espírito enfurecido rebenta de cólera contra esses dois inimigos. 1510

Vida Humana – Aprende deveras com o dito do povo: “Para o camponês ira constitui um dano pesado”.⁴²

Afasta-te. Acalma a cólera, para que o castigo não chegue de novo às tuas costas com bastonadas.

Orgestes – Conter a cólera? Não me atrevo a prometer. 1515

Sinto ganas de vingar a afronta.

Vida Humana – Que monstros arruinam os habitantes deste mundo, os miseráveis humanos? A soberba de novo prostra por terra os que por ela se haviam deixado arrebatados para as alturas. 1520

A outros queima-os a ambição com as chamas do Averno.⁴³

Uns, ociosos, deixam-se levar pela preguiça;

Outros deixam-se influenciar totalmente por desvarios de comediantes.

É assim o sofrimento de grande parte da raça humana,
contagiada pela pior das tristezas.
Que monstruosidades agridem os meus olhos! 1525
Forçam-me a ver o que preferia que estivesse fora do seu alcance.

CENA VIII : FILAUTO, PÂNFAQO, VIDA HUMANA

Filauto – Reconforta Caristo, diverte Clitifão.
Dá alegria à radiosa juventude.
Afasta a sombria tristeza com as tuas brincadeiras.
Se Vida Humana se queixar, não liguês. 1530
Pânfago – Desprezo facilmente os queixumes; mas ela assusta-me com ameaças.
Vida Humana – As ameaças transformar-se-ão em dor e tristeza.
Sabê-lo-á quem te acolheu no meio do maior conforto.⁴⁴
Não te proibi muitas vezes com ameaças
de provocares quaisquer escândalos? 1535
Filauto – Eu provocar escândalos?
Vida Humana – Nega, como é teu hábito.
Filauto – Porque não hei-de negar peremptoriamente o que é falso?
Vá, de que escândalos acusas agora Filauto?
Vida Humana – Além da insolência instalada no teu espírito
e que eu fustigo em vão com os meus gritos, 1540
recebes mestres de esgrima.
Filauto – Quantos?
Vida Humana – Eis aqui um descaradíssimo libertino,
comediante, palrador, fantasma, sorvedouro sem fundo
de vinho e de comida.
Pânfago – Tantos nomes
para um só homem?
Vida Humana – E ajustam-se-te ainda muitos mais.
Aldrabão, imbecil, frequentador de tabernas, cachorro sempre faminto. 1545
Pânfago – Ena!
Filauto – Não te apoquentes nada por causa disto.
Pânfago – Porque me havia de apoquentar? Com suas dentadas caninas
ela fere mais do que uma cadela raivosa.
Vida Humana – Como vira contra mim seu rosto sem vergonha, como um cão!
Pânfago – Chama cão a Pânfago com a tua língua maldizente, 1550
mas ele denunciar-te-á ladrando.
Filauto – Porque não poupas ninguém,
aguçando cruelmente os dentes contra pessoas importantes?
Tal como um javali se eriça quando é surpreendido nas florestas,

também tu explodes de indignação, lançando espuma pela boca.

Vida Humana – Ladras? A presença do dono dá-te coragem. 1555
 Atira ossos a um molosso tão bom. Ficarás a saber
 o que ele fará nutrido com comida alheia.

Filauto – Far-me-á passar de nobre rico a pobre?

Vida Humana – Talvez o faça. O pequeno gorgulho
 costuma frequentemente devastar grande quantidade de trigo. 1560

Pânfago – Palavras de bom agoiro, por quem és.

Vida Humana – Se és sensato, faz o que puderes
 para que este sorvedouro seja banido para longe de tua casa.

Pânfago – Banirem-me, Filauto?

Filauto – Não receies.

Vida Humana – Que levará ele a cabo se lhe abrires as portas de tua casa?

Pânfago – O que muito agrada a homens de estirpe elevada. 1565
 Confortarei o meu nobre senhor com ditos espirituosos.
 Ensinarei seus filhos a lutarem com a espada.
 Não existe ninguém mais distinto nesta arte do que eu.

Vida Humana – Tu consideras-te engraçado? Eu acho-te inosso. 1570
 Não vejo em ti uma só pedrinha de sal.

Filauto – Mas é um óptimo esgrimista.

Vida Humana – Quê?

É o pior charlatão que iludiu os teus olhos.
 Concedo. Ele terá sido esgrimista em sua casa.
 Por causa dessa arte é que o tens em grande consideração.

Filauto – E porque não?

Vida Humana – Pensas que és um homem ilustre? 1575

Filauto – Assim penso realmente.

Vida Humana – E não vês as tolices?

Filauto – Que tolices?

Vida Humana – Darás ao teu filho um valdevinos como pedagogo?

Filauto – Não o designarei com tal nome.

Vida Humana – Mas há-de habituar-se a escutar
 banalidades sem qualquer tino proferidas por este indivíduo?

Filauto – E se Caristo as ouvir o céu desabará? 1580

Vida Humana – Há-de ensiná-lo a ser um tagarela?

Filauto – Pois que ensine.

Vida Humana – Oh! Que pai este!
 Não consigo, com advertências graves, fazer com que avisadamente
 olhes finalmente por ti e por teu filho. Se optas
 por arruinar a tua família, arruina-a. Adeus para sempre.

Filauto – Foge daqui, mãe infestada de desgraças. 1585

Vida Humana – Ó pai do universo e meu pai, que monstro alimentam eles?

O pai é orgulhoso, o filho nada no luxo,
o mestre é um libertino. Com tais comportamentos,
ainda que manifestamente o deseje, não haverá salvação possível.
Filauto – Foi-se. Como me atormenta! Mas ela bate 1590
com o seu malho em bigorna renitente.⁴⁵

CENA IX : FILAUTO, PÂNFAQO, CARISTO, CLITIFÃO

Filauto – Vida Humana delira bastante, com muita frequência.
Enquanto persiste em manter a embarcação longe dos escolhos,
acautelando-se com o litoral, avança pelas ondas, mar adentro. 1595
Quando depara com tempestades, faz recair a culpa,
que é dela, sobre os marinheiros e berra ameaçadoramente.

Pânfago – Como me honrou com suas gritarias a rabugenta!
Como te abalou a ti! Oh! Não me conterei
se ela voltar e começar de novo com ameaças.

Filauto – Mas cá por mim, a partir de agora, em disputas do género 1600
farei ouvidos de prudente mercador.
Este escuta, muito prazenteiro, mas permanece mudo.

Pânfago – Pânfago tem o coração ao pé da boca.⁴⁶ Não sabe
suportar mordças indignas dum homem livre. Procurarei três pedras
disposto a atirá-las a quem me insultar. 1605

Filauto – Mas eis Caristo e o seu companheiro Clitifão.
Estás bem, Caristo?

Caristo – Sim, meu pai.

Filauto – Alegro-me
com o teu aspecto, Clitifão, e igualmente com o de Caristo.

Clitifão – Eu sei: e Filauto é um segundo pai para mim.

Filauto – Qual é o assunto?⁴⁷

Pânfago – Talvez ambos venham ao meu encontro 1610
para aprenderem a arte da esgrima.

Filauto – É isso, Caristo?

Caristo – Exactamente.

Filauto – Enquanto resolvo
alguns assuntos aqui nas imediações,
aprende a lutar com o escudo e a espada ao mesmo tempo.

Pânfago – Isso pratiquei eu com muita frequência. Hoje gloriem-se 1615
de me terem tido como seu mestre príncipes italianos,
entre os quais eu apresento como testemunha
precisamente a célebre estirpe dos dois duques de Mântua e Florença.⁴⁸

Filauto – Vamos lá! Mas que seja um combate amigável,

sob tua orientação. Cuidado, não vá o ludo transformar-se em luto.⁴⁹ 1620
Pânfago – Afasta esse receio.

CENA X : PÂNFAQO, CARISTO, CLITIFÃO

Pânfago – Vós, Caristo e Clitifão,
protegei deste modo o braço esquerdo com o escudo.
Com a mão direita, empunhai a espada.
Conservai os pés bem firmes, nesta posição.
Olhos bem abertos não deixando escapar nada. 1625

Caristo – Preparemo-nos. Eis.
Pânfago – Toda a acção tem por base
essencialmente a rapidez e a determinação
com que um espírito guerreiro se precipita para os combates.
Com a agilidade que estais a ver, movei o corpo
bem rápido. Ambos muito bem, sem dúvida. 1630

Desembainhai deste modo a espada, duma só vez.
Manejai-a desferindo golpes; protegei com o escudo
a cabeça e a zona do peito, e lançai rapidamente a espada
na direcção da mão esquerda, rodai logo para a direita
e empunhai o gládio.

Caristo – Continua. 1635
Clitifão – Que se fará depois?

Pânfago – A cada golpe de esguelha, a espada voltar-se-á,
e a solução para o problema será com um pontapé da esquerda.
Proseguiremos à estocada, mas com os olhos fixos num ponto,
e volteando mui rapidamente a mão no ar,
tentaremos golpear as tíbias. 1640

Deve-se então apoiar no chão o pé direito,
de modo que a espada sempre rodopiando
atinja o rosto desprotegido do adversário.
E se de repente ele se esquivar, protegido pelo escudo,
um golpe de través rasgar-lhe-á o corpo,
e tu proteger-te-ás com o escudo, a ti e à tua dextra. 1645
Tendes isto presente?

Caristo – Sim. Avançarei para a luta.

Pânfago – Mantém-te aí.
Faltam ainda algumas coisas.

Clitifão – Continua.

Pânfago – Quando te encontrares
frente ao adversário, apoiando-te no pé direito,

aponta-lhe a espada aos olhos. Se o adversário
a afastar, força! desvia-a na direcção do umbigo
ou atinge-lhe o fémur esquerdo com uma estocada lateral,
depois de lhe ameaçares a cabeça. De seguida, o mais rápido possível,
faz recuar a espada e fere-o na zona mais a jeito.
Caristo – Como mestre, és em tudo um especialista de primeira linha.

1650

1655

CENA XI : PÂNFAQO. Fala enquanto os jovens combatem

Pânfago – Vamos, lutai como bravos soldados.
Levanta o escudo, Caristo, protege-te. Vá, em frente,
ameaça-lhe a cara. Tu, Clitifão, repele-o.
Cuidado, não vá uma estocada atingir-te a cabeça desprotegida.
Bravo! Bravo! meu caro Caristo. Firmar os pés;
investir aos golpes; e tu, Clitifão, às estocadas.
Movimentas-te mal para a esquerda; muda para a direita. Está bom.
Mas então? Ó meu caro Caristo, não proteges o umbigo
da espada adversária? Ai! Ai! Inclina-te bem para trás,
Clitifão. Que fazes? Defende as tíbias das estocadas.
Acautela-te com os golpes. Tu, Caristo, redobra de ímpeto.
Forte estocada! O combate ferve de violência.
Parai, discípulos dignos de grande elogio.
Nunca se viu um par de jovens assim em Itália,
nem na própria Grécia, creio, na altura do seu grande esplendor,
quando admirava os jogos Olímpicos de Hércules.⁵⁰
Ó Caristo, se o teu pai aqui estivesse a assistir,
como desfrutaria destes bons momentos de alegria.
Caristo – Ele virá e gozará o espectáculo.
Clitifão – Repetiremos este combate.

1660

1665

1670

CENA XII : VIDA HUMANA, PÂNFAQO, CARISTO, CLITIFÃO

Vida Humana – Oh! Um combate inútil, do agrado dos insensatos!
Exercício militar útil, não para o estado,
mas para os amantes das trevas, que deambulam lá fora,
quando a noite, com a sua escuridão, enche de sombra os becos
e as ruas da cidade, para assustarem com a sua arrogância
quantos lhes surgem pela frente e lhes arrancarem à força
os mantos de cima dos ombros, como fazem os ladrões.
Porque aprendereis vós tais coisas, crianças ainda sem barba?

1675

1680

Será um fora-de-lei que vos ensinará a ser soldados?
 Venera Marte quem nunca viu qualquer inimigo.

Pânfago – Afirmas que não vi nenhum inimigo? 1685
 Quem assistiu então à batalha no Mar Egeu,
 onde afundei uma trirreme turca?⁵¹
Vida Humana – Tu?
Pânfago – Não, mas este Pânfago.
Vida Humana – Aldrabice.
 Afundaste litros de bom vinho.
 Um mercado de cereais, de carne e de gulodices, 1690
 isso afundarás, com uma só investida, como inimigo terrível.
 Tu pensas que o teu deus é o ventre, não Marte.
Pânfago – É a zaragata do costume! O que há, bruxa?
Vida Humana – Chamas-me bruxa? Vejam o descaramento
 dum boca imunda! Imbecil, acuso-te de seres 1695
 um envenenador, pois ministras veneno a crianças
 que eu proíbo que sejam enganadas com as tuas artimanhas.
Caristo – Acalma-te Vida Humana, e deixa-te de fúrias.
 Consente que se ministrem aqueles exercícios
 que as pessoas de bem praticam sem que seja crime. 1700
Vida Humana – Mal educado, vais ser a desgraça de teu pai.
 Falas de forma arrogante como ele?
 Vamos, ordeno-te que abandones esta palestra⁵² sem jeito.
 Tu, Clitifão, igualmente idiota, cai em ti.
Caristo – Porque te há-de desagradar este tipo de exercício? 1705
Vida Humana – Não me agrada, dentro de portas, um esgrimista turbulento
 que, lá fora, se mostrará um soldado desleixado.
 Apreciais a arte militar? Avançai
 contra os piratas; ponde-vos a navegar;
 ide até à Índia, se quiserdes, ou mostrai-vos nos campos de África 1710
 temíveis cavaleiros. É nos arraiais que se aprende a ser soldado,
 ao sol, no campo, ao calor, no meio do pó, de sentinela, ao frio;
 não à sombra, com mestres de esgrima em brincadeiras inofensivas.
Pânfago – A Vida com suas queixas semeia discórdias verbais.
 Nós, homens de verdade, entregamo-nos aos duros trabalhos de Marte. 1715
 Os homens a sério costumam lutar com a espada, não com a língua.
Caristo – Retiramo-nos então?
Clitifão – Acho que devemos ceder a esta fúria.
Pânfago – Ó fantasma sombrio, quando deixarás de te queixar?
Vida Humana – Eu, um fantasma? Aqui a máscara de fantasma⁵³ tem-la tu.
Pânfago – Passa bem. Não posso assistir a estes queixumes. 1720

CENA XIII : VIDA HUMANA, sozinha.

Ide-vos. Haverá algum homem a sério, de que tenhamos memória,
que pense que a arte militar
deverá ser aprendida junto de bailarinos deste tipo?
Ó Rómulo, tu toleraste que os teus Quirites⁵⁴
ensinassem estas coisas ou nelas fossem ensinados ? E a cidadela de Marte 1725
para todo o mundo tu, um guerreiro, a criaste.
Qual o romano que, fiando-se em futilidades destas,
arrebatou aos inimigos que o desafiavam e trouxe vitorioso
para Roma os preciosos despojos? E qual dos Cipíões
ou dos Fábios,⁵⁵ comportando-se deste modo, expulsou 1730
os bárbaros Númidas que se passeavam pelas cidades de Itália?
Não foi por ser forte nesta arte que o descendente de Amílcar,
Aníbal, cresceu como o grande terror do Lácio?⁵⁶
Quantos generais foram insuficientes para lhe fazerem frente, só a ele?
Que o digam os Alpes, Trébia, o Lago Transímene 1735
e Canas, tão célebre pela chacina dos Romanos.
Deitava-se ele de noite ao relento, sempre vigilante,
criança ainda e já soldado nos acampamentos do africano Asdrúbal.
Entregava-se além disso aos penosos ofícios da guerra:
era o primeiro a passar o dia na trincheira militar; 1740
tomava as refeições no meio dos soldados africanos;
não fugia a suportar o rigor do inverno;
em alturas de grande canícula, não buscava o fresco da sombra.
É este o berço da valentia bélica.
Assim se ganha grande capacidade de sofrimento; 1745
é assim que a fama se ergue, enobrecida por elogios.
Agora esta diversão, a meu ver, é inglória.
Procura-se com ela que alguém seja considerado bom.
Apenas um mestre de esgrima, e o outro um comediante.
O rei Afonso, o primeiro de Portugal, 1750
fundador deste reino! Com poucos milhares
investiste contra trezentos mil
e venceste, inundando os campos de Ourique
com o sangue que jorrou de tantos inficéis.
Fizeste-te acompanhar de homens ociosos, 1755
peritos em diversões como a esgrima?
Ou de cavaleiros aguerridos, com disciplina militar,
impávidos diante de todo o perigo?
Os habitantes de África serão vencidos por gente desta

que apenas é vista a lutar à sombra? 1760
Porque me recordo de África? Oh! Que estou eu augurando?⁵⁷
O combate ali é duro: peito contra peito,
os cavalos avançam furiosos na batalha;
dum e doutro lado, os cavaleiros manejam ardorosamente suas lanças.
Ali, a dureza da refrega não pede com insistência 1765
que se combata a brincar.

CORO DO ACTO II

Invectiva à soberba, à ambição, à ira e à preguiça que, no segundo acto,
foram repreendidas pela Vida Humana.

Oxalá vos inflamasse, ó mortais, a paixão
pela verdadeira dignidade moral. Então uma honra sem mácula
guindar-vos-ia da terra até aos céus
e colocar-vos-ia entre as estrelas do cristalino Éter. 1770
Não seria um mal a busca da glória,
ou da fama duradoura que atravessa o tempo
sem jamais se corromper.
Mas vós procurais brilhar por artes desonestas,
e legar aos vindouros uma boa reputação 1775
por caminhos que no futuro não deixam ninguém honrado.
O espírito anda cabisbaixo, com modos sombrios
e uma vaidade inaceitável tenta chegar às estrelas.
Os elevados montes não embranquecem
com chuva de pez horrível, mas é com a neve 1780
que ostentam cumes brancos com vales húmidos.
De igual modo, os distintos cidadãos que erguem seu rosto
adornado de feitos mui nobres,
mostram aos outros um espírito isento de mancha
mas para ser útil aos cidadãos. 1785
Tu, sejas quem fores, que anseias brilhar para os outros,
parte como o sol, príncipe de todos os astros:
divide tua luz pelos outros.
Não cultives de forma ignóbil a soberba
que, quando em seu voo atingiu os píncaros, 1790
de lá se precipita em funesto torvelinho.
Ó cega ambição! Também tu
conduzes os mortais por atalhos perigosos
para o leito do rio em chamas donde não há regresso.

Tu, indigna de, por mérito próprio, mereceres 1795
 ser enaltecida pelo zelo dos cidadãos, recorres ao crime
 para, só assim, acederes às honrarias.
 Mas se te fecham as portas com dureza,
 freme de raiva e não te coíbes
 de lançar acusações contra gente mui honrada. 1800
 Ó Hidra de Lerna,⁵⁸ com que forças,
 com que golpe decisivo te abaterão duma só vez?
 Vale citar aqui o trabalho de Hércules em Tebas.⁵⁹
 Na verdade a cada cabeça decepada a golpes seus
 logo Hércules encostava um archote aos pescoços 1805
 para queimar as que ameaçavam renascer.
 A Ambição é uma hidra quando lança fora sua cabeça.
 Que um bastão de ferro a faça tombar morta.
 É para outra não ressurgir de imediato,
 que uma tocha ardente a queime com o seu fogo. 1810
 Ai! Como se enfurece outra Tisífone,⁶⁰
 a Ira insolente! Tu podes, com factos prodigiosos,
 engrossar com uma quarta o coro medonho
 das três Euménides, quer fazendo aumentar 1815
 as mortes em chacinas desenfreadas,
 quer, com calúnias, criando desavenças familiares
 para que rivalizem em ódios e depois se autodestruam
 em desgraças recíprocas e lamentáveis.
 Alecto não fez outrora tanto mal aos habitantes do Lácio,
 quando moveu guerra impiedosa ao chefe troiano⁶¹ 1820
 como tu quando te precipitas de forma impiedosa
 contra a raça dos mortais. Ao que se embriagou uma vez
 por ingerir quantidade excessiva de vinho,
 assinalamo-lo com o ferrete da vergonha infame.
 Quantos milhares lanças tu por terra? 1825
 Através de ti não contempla o luminoso éter, em estado sóbrio,
 ninguém que porventura te cheire com suas narinas.
 Vai-te daqui, flagelo, toma o caminho do Tártaro,
 encerrem-te as margens ardentes do Érebro.
 Se Vida Humana não pode tolerar o ócio, 1830
 inútil para cuidar das tarefas humanas,
 Quase não lesando ninguém, nem sendo nocivo a si próprio,
 ela julga-o contudo infame, por causa da inércia.
 A ira, como será possível suportá-la, uma doença
 que tudo desagrega com um contágio que alastra? 1835

ACTO III

PRÓLOGO COMO ARGUMENTO

Prólogo – Entre as múltiplas loucuras dos homens,
a avareza não fica, habitualmente, atrás das outras.
Na verdade, alguma vez viu a natureza coisa mais estúpida
do que uma pessoa jurar ter falta de algo
que segura na própria mão? Como alguém há pouco que, 1840
embora segurando o nariz com a mão, jurava mesmo assim
não ter nariz. Ora isto é um tributo à demência.
Num homem avarento a demência é algo do género
ou pior ainda. Com razão a acusa o vulgar provérbio,
conhecido de muitos e válido para todos, 1845
formulado nestes exactos termos:
“Ao avarento, tanto falta o que tem como o que não tem”.⁶²
Cheio de dinheiro, está sempre receando a pobreza.
Porque, sendo rico, julga-se pobre
e passa a vida da forma mais miserável. 1850
Esta estupidez doentia⁶³ da mente humana
damo-la à cena, ilustríssima plateia.
Observai com atenção: acontecerá que quando o espírito contemplar
a penúria dum rico passando privações quando abunda em dinheiro,
sentirá náuseas com o horror abominável desta depravação mental. 1855
Escutai, vai entrar em cena o avarento Pólipo.

CENA I : PÓLIPO, o avarento (*Sozinho em cena*).

Saí animado de casa e fui até ao mercado.⁶⁴
De regresso, não venho nada entusiasmado do mercado.
O alto preço das mercadorias desanimou-me.
É um desperdício um pão por três onças. 1860
Não é maior do que este punho, mas mais pequeno até.
Uma libra de carne de vaca por três asses.
Um sextário de vinho, ou melhor, de vinagre,
– raios partam as tabernas! – vende-se por um sestércio,

a cebola por um terço do asse, e o mesmo para o alho. 1865
O comprador oferece pela couve nem mais nem menos que um asse.
Se ajusto muito por baixo, diz-me o hortelão:
“Por menos do que este preço? Brincas, hein?” Nestas condições
ninguém se importa que o Estado caminhe para a bancarrota.
Nenhum fiscal faz frente a estes taberneiros. 1870
Fazer frente? Ele próprio alimenta-se quase sem fazer compras.
Os vendedores dão-lhe de graça, para que as suas mercadorias
não sofram qualquer fixação de preço.
Vagueio depois pelas sapatarias,
para comprar umas polainas à medida das minhas pernas. 1875
Quando vi umas que me ficavam bem, perguntei ao sapateiro:
“Que preço pensas fazer?” E ele: “De uma moeda de cem asses
não retirarei o quarto de um asse”.
Como se de repente um dardo me tivesse perfurado as ilhargas,
fiquei paralizado, como alguém que tivesse desmaiado. 1880
Quando me recompuz, virei-lhe as costas. Mas ele desata a gritar:
“Olha, quem vende é que marca o preço.
O comprador concorda ou não. Fala. Diz quanto pensas oferecer?”
E eu: “o que pediste, gostaria tanto de o dar como de o malbaratar.
Não serão os meus pés a calçar-se por cem asses.” 1885
E o sapateiro riu-se. Ou melhor: mais se teria rido
se eu tivesse regressado a casa de bolsa vazia.
Pólipo há-de gastar tanto dinheiro
para andar calçado, ou para se alimentar?
Andarei de bom grado descalço pela cidade, 1890
desde que ninguém me obrigue a pagar tanto por umas polainas.
Porque hei-de comprar as couves por aquele despesão?
Velarei sobretudo por uma saudável poupança, para meu bem
e da minha fortuna. Pelo preço que me pedem na taberna,
passo a não beber vinho. Beberei água fresca da fonte, 1895
sem ter de pagar. Vão já considerar-me um velho abstémio,
sobretudo neste tempo em que as crianças bebem vinho.
Adeus, cebolas; pela terça parte de um asse não vos como.
Não aprecio alhos vestidos de barbas.
Até nem acho que seja cruel para mim sentir apetite. 1900
Há muito já que venci a fome e a sede, à custa de as suportar.

CENA II : VIDA HUMANA ; PÓLIPO, avarento

Vida Humana – De quem são estas palavras que me entristece ouvir?

Vejo o avarento Pólipo.
Pólipo – Salve, ó Vida
para mim nunca Humana, se é que és Vida.
Ando pobre, nu, exausto de fome. 1905
Apelidam-te de humana, e não me estendes as mãos.
Vida Humana – Tu, pobre? Que faz o dinheiro escondido na arca?
Pólipo – Eis a cantilena que ela nos canta a toda a hora.
Para que serve o dinheiro escondido na arca, é o que perguntas?
Respondo-te que o amealhei com as minhas mãos, 1910
para embelezar o meu sepulcro.
Vida Humana – Mas é em benefício dos Manes infernais,⁶⁵
ó avarento Pólipo, que tuas mãos se fecham.
Será que Plutão e Prosérpina estão com falta de dinheiro?⁶⁶
Pólipo – Que mais queres que diga?
Vida Humana – Põe-no cá fora. Ao menos ser-te-á útil
o que guardas na arca; trata desse corpo desmanzelado. 1915
Mata a fome comprando alimentos e vinho.
Pólipo – Manda-me antes enforcar.
Hei-de dar ao desbarato todo o dinheiro
Que me pedem no talho aqueles ladrões,
ou caçam no mercado os solicitadores de dinheiro? 1920
Não me atormentam tanto os jejuns
como a implacável gota que me faz doer a mão ao dar.
Vida Humana – Obrigará o teu ventre a andar em jejum?
Pólipo – O meu ventre
que se aguente com os seus males e que ande em jejum.
Se formos a ver, os discursos louvam os jejuns 1925
e condenam o excesso de comida.
Vida Humana – Eis um amigo
da temperança. Para te privares de comida
e de bebida, achas bem passar fome?
Pólipo – Se eu, comendo desalmadamente, dissipar meus haveres,
amealhados graças sobretudo à poupança, 1930
para onde me mandarás ir?
Vida Humana – Para onde te costume mandar.
Pólipo – Prò diabo?
Vida Humana – Para lá irás, a continuares por esse caminho.
Pólipo – Vou por onde me agrada. Sinto-me mal com o teu caminho.
Vida Humana – Será que podes responder ao que te pergunto?
Pólipo – Posso, embora há muito que ande aborrecido contigo. 1935
A tudo o que me for perguntado responderei o que souber.
Vida Humana – Para quem amealhas, diz-me?

Pólipo – Porque perguntas coisas supérfluas?
Este a quem chamam avarento amealha para si próprio.

Vida Humana – Quem não se irritará com razão ao ouvir tais desaforos?
Amealhas para ti ainda que daí nada recolhas? 1940

Pólipo – Pelo contrário, se existir algum dinheiro em numerário,
não está acessível para mais ninguém.

Vida Humana – Que utilidade te advém do dinheiro enterrado?

Pólipo – Oh! Consolo a minha avidez e o meu ego. 1945
Possuo, e o meu espírito compraz-se em possuir.
Na verdade, quando ele anda triste, afectado por penosa melancolia,
retoma o vaso de barro e de novo o enterra
noutro esconderijo. Dificilmente te poderei explicar
quanto fervem minhas entranhas ao contemplá-lo.

Vida Humana – Parece que perco o meu tempo.

Pólipo – Se, discutindo comigo, 1950
pretendes fazer-me passar por um Etíope
que muda de ideias,⁶⁷ desiste. Está decidido: aderir ao teu ponto de vista
é que nunca, nem de pés nem de mãos.

Vida Humana – Arrastar-te-ão com correias muito duras, Pólipo.

Pólipo – Para onde, Vida?

Vida Humana – Para o Orco.⁶⁸

Pólipo – Histórias. 1955

Vida Humana – Histórias inventas tu.
Teimas em ver a arder nas chamas infernais
o rico avarento que pediu a Lázaro
uma gotinha de água?⁶⁹

Pólipo – Esse caso não se compara ao meu. 1960
Esse ricaço, a reluzir de púrpura,
comia e bebia à grande, em taças de ouro.
Eu assemelho-me muito mais ao pobre Lázaro.
Coberto de farrapos, feito um pobre, todos os dias passo fome
e todas as noites durmo com o ventre a dar horas.
Ordena-me antes tu própria que eu tenha esperança nos deuses.

Vida Humana – Já que recusas obstinadamente um bom conselho, 1965
deixo-te.

Pólipo – Afastas-te? Muito bem!
É esta a quem chamam Vida? Não a considero vida.
Considerem-na um moscardo que afugenta o assustado
rebanho dos mortais. Desejo desgraças
a quantos me aborrecem: Eu não incomodo ninguém; 1970
que ninguém me incomode também.
É esta a cantilena mais costumeira deles:

“Se eu possuísse o que Pólipo possui,
 passear-me-ia como um cidadão muito bem vestido,
 com roupas magníficas, e seria um outro Tântalo
 que se reclinava como convivia em mesa opulenta”.⁷⁰
 Mas muitos julgam-me um miserável por ser um abstémio.
 Adoro ser miserável. Deixem-me ser miserável.
 Dizem ainda: “Que faz o dinheiro nos cofres,
 se quem o tem o não usa?”
 Como se apenas se servissem das suas moedas
 os ricos que se banqueteam e deambulam todos emproados,
 rodeados de quatro clientes, mais coisa menos coisa.
 Estes remoques são certamente coisa de espíritos mal intencionados.
 Que se tenha mesa farta, que se tenha clientela,
 isso é indiferente para Pólipo. O dinheiro é meu.
 Há quem se console em passar o dia a beber;
 a mim dá-me saúde viver sem quaisquer despesas.
 Mas cautela, Pólipo, fecha os ouvidos
 e encafua-te em casa, de portas trancadas,
 tal como o caracol se enrosca dentro da carapaça.
 Entra e vai ver o que faz o teu criado.
 Ele é perigoso precisamente por beber demais.
 E o muito que devora com os dentes mais perigoso o torna.
 Oh! Se fosse possível encontrar alguém
 que não comesse nem bebesse!
 Em tudo o consideraria preferível a este.

1975

1980

1985

1990

1995

CENA III : PÓLIPO, avarento; DORIÃO, criado do Avarento

Pólipo – Bato à porta.
 Abre. Que se passa? Não ouves? Eh! Ó rapaz?
 Mas trancaram a porta com todo o cuidado.
 Acho bem. Quero a casa trancada tanto de dia
 como de noite, para que este zelo mantenha os ladrões longe daqui.
 Deve manter o ladrão em receio contínuo,
 dia e noite, quem quer bem à sua fortuna.
 Esta passará para mãos alheias se ele a guardar bem de noite
 e afrouxar a vigilância durante o dia.
 Sobretudo nestes tempos em que, com grande descaramento,
 os malfeitores não procuram a sombra da noite,
 como os ladrões de outros tempos; eles invadem as casas de dia.
 Bato segunda vez. Torno a bater. Não ouves, rapaz?

2000

2005

Dorião – Quem bate em porta alheia com tanta força? 2010
Pólipo – Estás-me a ouvir?
Dorião – Mau. Páras ou não?
Pólipo – Hem?
Dorião – O que há
que eu menos desejo que não seja viver com este velho
que te sufocaria de fome e mataria de sede?
Pólipo – É hoje que abrirás a porta?
Dorião – Nem sequer amanhã.
Pólipo – Agradas-me,
ó inflexível porteiro da casa! Poucos frequentam uma casa 2015
em cuja entrada até o dono, ao chegar à própria casa,
não depara com qualquer complacência.
É mesmo assim: tal como este porteiro procede consigo próprio,
assim costuma proceder o que vive nesta casa.
Regozijo-me por me tratar deste modo; mantenham-se bem longe. 2020
Mas eu insisto.
Dorião – Bates?
Pólipo – Sou eu próprio.
Dorião – Tu quem? Porque te calas?
Quem és? O chefe dos ladrões, claro, ou um membro da quadrilha,
que experimentas com a mão as portas das casas dos outros.
Pólipo – Diz coisas acertadas. Contudo, deixou-me de fora pela terceira vez.
Dorião – Aconselho-te a não arrombares a porta. Pois se chegar... 2025
Pólipo – Quem ameaças tu que há-de chegar?
Dorião – ... o meu
patrão.
Pólipo – Quem é ele?
Dorião – ... irá ter com o meirinho
e sustentará que és um perigosíssimo ladrão,
pois querias arrombar pela força esta porta.
Pólipo – Não me ralo muito que me deixe fora: consola-me imenso 2030
que o porteiro impeça zelosamente que se bata na porta.
Mais: a uns toques chama ele pancadas,
para com tal acusação tornar séria uma questão trivial.
É um bravo homem. Mas, eh! tu aí?
Dorião – Digo-te: não procures desgraça.
Pólipo – Dorião? 2035
Dorião – Chamaste? Julgas-me esquecido de mim próprio?
Fala? Que pretendes? É isto que Dorião te pergunta.
Pólipo – Tu perguntares-me o que eu pretendo, moço sem vergonha?
Dorião – Porque não hei-de perguntar?

Pólipo – Quando é que abrirás a porta?

Dorião – Quando me apetecer. Mas, por minha vontade, a ladrões obstinados não lhes dou entrada. 2040

Pólipo – Não reconheces pela voz o teu patrão Pólipo?

Dorião – Reconheço, mas tu fingis ser Pólipo: vens preparado para roubar.

Pólipo – Vá, espreita por aquele buraco ou por uma fenda para ver se eu sou outra pessoa.

Dorião – Agora sim, estou a ver nosso velhote. 2045
Desculpa, já abro. Entra, são e salvo.

Pólipo – Deveria era ter-te saudado com os meus punhos. Mas perdoo-te, pois de certo modo quero que tu peques, só que neste caso, ao pecar, incomodaste-me a mim.

Procede assim e não confies em qualquer um 2050
que bata à porta, estando eu ausente.
Estás a ouvir?

Dorião – Sem dúvida. Tu deste-te conta do que eu fiz. Mas o que é que há quanto a géneros trazidos do mercado?

Pólipo – Juntei estas pequenas pedras no caminho e levo-as para casa no capucho do meu manto. 2055

Dorião – Pedras? Mas de que se trata?

Pólipo – Ah! Todos os dias tu mesmo transportarás outras tantas que encontrares. Assim, sem quaisquer despesas, arranjarei maneira de reparar a casa.

Dorião – Concerteza. Só não gostaria que nenhuns cães se enfurecessem de raiva na cidade. 2060

Pólipo – Porquê?

Dorião – Porque, na prevenção de mordidelas, as pedras dão grande jeito e tu surripiaste-las ao domínio público.

Pólipo – Não perdes tempo a dar dentadas nas minhas economias. Ladrar sabes. Chamar-te-ia cão, sim. 2065

Devias era admirar e amar este meu zelo.

Dorião – Ó poupança verdadeiramente digna de ser celebrada! Ó zelo bem merecedor de muitos elogios! Ó meu velhote, tens cá um miolo!

Pólipo – Guarda estes pequenos gravetos.

Dorião – Quê?

Pólipo – Não te dás conta de que não é de graça que temos sempre a lareira acesa? 2070

Dorião – Se trazes alguma coisa que essa lareira cozinhe...

Pólipo – Não tens vergonha de te lembrares da comida, Dorião?

Hás-de estar sempre a dizer: “Dá-me alguma coisa de beber ou de comer?”

Dorião – Por favor, de que raça pensas tu que nasceu este teu criado?
 Julgas-me um camaleão para me alimentar do ar? 2075
 Geraram-me uma mãe e um pai, ambos humanos;
 sou homem, tenho necessidade de comer e beber.
 Mas com os teus ensinamentos só aprendo a passar fome.

Pólipo – Quem me dera que um nó te estreitasse essa garganta,
 a ti que reclamas tão atrevidamente que te dêem comida. 2080

Dorião – Pelo contrário. Que uma força qualquer te abra essas mãos avaras
 que me fazem andar sempre com fome.
 A extrema necessidade não conhece lei.
 Talvez bem depressa ela me faça encontrar uma saída.

Pólipo – Que planos sinistros estás tu a magiciar?

Dorião – Planos sinistros? Caçarei para mim, 2085
 se te recusas a dar.

Pólipo – Não, não; se tiveres respeitinho por mim,
 tudo quanto apanhares na caça fá-lo-ás meu.
 Porque os cães fiéis caçam para os seus donos,
 mesmo quando trabalham esfomeados de todo.

Dorião – Proclamo-o abertamente: eu é que estou próximo de mim. 2090
 Nem tu serias mais fiel a outra pessoa.

Pólipo – Caça, cachorro, apressa-te. Que é que caçarás?

Dorião – Negarás que talvez tenha apurado as minhas narinas com a fome?
 Irei farejar cada parede desta casa. 2095
 Este nariz não esquecerá nenhum recanto:
 talvez acabe por encontrar alguma coisa que me deixe saciado.

Pólipo – Tu, ó pencudo, farejarias as minhas paredes?
 Vê lá a quem confiaste a tua salvação, Pólipo?

Dorião – Como cravei um punhal no peito deste avarento! Bem feito!

Pólipo – Que se passa contigo? Fala.

Dorião – Que se passa comigo? Nada. 2100

Pólipo – O malvado encheu-me de medo.
 Farejou-me o dinheiro, claro.

Dorião – Ó Pólipo,
 para que zona do céu viras esse rosto preocupado?
 Decidiste navegar hoje? Que é que há?

Pólipo – Mas eu tomarei providências. Ele não se ficará a rir de mim. 2105
 Meu caro Dorião, consolarás a tua barriguinha. Corre ao mercado,
 pois vamos comprar géneros em abundância para alguns dias.
 Não quero ser avarento.

Dorião – Agora, sim, és sensato.
 Hás-de passar fome estando cheio de dinheiro?

Pólipo – É verdade. Envergonho-me deste meu génio, Dorião. 2110
 Porque haverei de passar fome? Estou a ver a minha insensatez.
 Volto à razão.

Dorião – Não quero λόγους,
 quero τόν χρυσόν.

Pólipo – Falas grego, tu?⁷¹

Dorião – Dir-te-ei na nossa língua,
 clarinho como água. Olha, põe à vista o dinheirinho,
 que de palavras não vivo.

Pólipo – Entrego-te o dinheiro de todo um ano 2115
 e não fui generoso comigo?

Dorião – Oh! Milagre!

Pólipo – Milagre? Gozas comigo.

Dorião – Pelo contrário, eu diria que a partir de agora
 Poder-se-ia preparar uma sala de jantar para o rei.

Pólipo – As minhas mãos esbanjaram ilusoriamente mais do que o devido. 2120
 Entrega-me as moedas. Hei-de arrancar-tas. Somos plebe,
 oriundos da classe humilde. Não podemos
 sobrecarregar em demasia a mesa com pratos.
 Sou cobrador de impostos; taxo esse dinheiro com a dízima.

Dorião – Não o obterás. Já foi destinado ao mercado.

Pólipo – Ir-te-ás embora? Um ano pagará este único dia? 2125
 Meu Deus! A quantidade de dinheiro que tenho escondido!
 Há o perigo de o patife do meu criado o farejar.
 Na verdade, por que razão se apelidou a si próprio de cão de caça?
 Será que farejou com suas narinas o que eu confiei à terra?

Mas é de todo infundado este medo que me agita, 2130
 pois se ele o tivesse farejado não se trairia;
 ocultaria, penso eu, a sua esperteza.
 Quem trama algo, torna-se dissimulado.
 Trame ou não alguma desgraça,
 velarei pelo meu dinheiro e por mim. Não está 2135
 devidamente escondido o que receamos que alguém encontre.
 Esgueira-te para casa. Vamos. Vamos.

CENA IV : DORIÃO, criado do avarento

Não me viu. Tudo bem.
 Não há qualquer razão para este velho avarento e desconfiado
 me ter expulsado de casa. Receou que se descobrisse
 alguma coisa que ele não confia também à sua protecção. 2140

A que propósito esta prodigalidade? Deu dinheiro
 para compras como nunca costuma dar.
 Porque, por ele, compra apenas umas reles cascas.
 Isto não bate certo. Uma avareza e uma prodigalidade
 tão grandes não cohabitam no mesmo poiso. 2145
 Esta Esfinge, Dorião, requer um Édipo arguto.⁷²
 Resolvi o enigma. Vitória! Eu morra
 se o avarento não tem um tesouro: por isso ficou ele pálido,
 quando eu disse que me tornaria um cão de caça
 farejando o que se encontrava em casa. 2150
 Porque ficaria pálido se em casa não existe praticamente nada,
 nenhuma arca, nenhuma cadeira sequer para ele se sentar?
 Creio ter visto uma única vez um rato, se estou bem lembrado.
 Não há na dispensa nada para lamber ou roer,
 e mandou-me ao mercado comprar alimentos, por sua iniciativa? 2155
 Ele tem alguma coisa. Receia que lhe possam roubar o tesouro.
 Ó Dorião, o tesouro será roubado,
 se o meu espírito der resposta corajosa ao meu desejo.
 Se descobro o esconderijo, que felicidade!
 Foge, fuge, para que não discuta contigo 2160
 aquela incómoda tia materna de olhos ameaçadores,
 ou antes, uma madrasta cruel. Pouco depois será
 talvez mãe. Bate palmas e raspa-te para o mercado.

CENA V : VIDA HUMANA, PÓLIPO

Vida Humana – Por causa dos vícios que se mostram muito fortes
 e sob o peso de enorme fadiga, eis-me de volta. 2165
 Com alguns pouco êxito tenho; com muitos outros, nenhum,
 de tal modo a cada um agradam muito os seus próprios crimes.
 Como sofro! Deparo com inúmera gente escravizada aos seus amores.⁷³
 Na verdade, quase ninguém quer o santo divórcio,
 isto é, enviar notificação de divórcio à maldade 2170
 a que este tempo se associou, como se ela fosse sua esposa,
 virado de todo para os seus caprichos.
 A insolência de espírito recusa qualquer tratamento.
 Exortar a que preocupem o seu espírito com as coisas do alto,
 que deixem de perseguir futilidades, é exortação 2175
 que eles julgam próxima da loucura.
 O luxo sufoca este reino, outrora modesto.
 Multiplicam-se escândalos de que não ouvimos falar.

Uma permissividade moral, vinda de fora, vai-se insinuando aqui.
A ira cruel ferve nos corações. 2180
Moderação na comida e na bebida é coisa rara.
O reconfortante amor, inimigo da inveja,
já vagueia, injustamente exilado deste tempo.
A preguiça e a indolência dispõem de grande domínio,
bem como uma perversa indiferença pelas realidades celestes. 2185
Poucos são os que veneram devotamente as verdades eternas.
Pelo contrário: mentes entregues à fama caduca
por todo o lado se podem encontrar, como funesta seara.
Quão digno destes costumes é o nosso tempo
e quão dignos deste tempo são os costumes! 2190
Choro, mas por causa destas reprováveis impertinências.
Justo seria que todos as condenassem, mas
aprovam-nas a nobreza e a odiosa plebe.
O amontoado de loucuras já se ergue até às estrelas
e são sem conta os homens pecadores. 2195
Repreendo-os com palavras, mas as palavras
não são levadas a sério; são vistas até
como objecto de escárnio nas assembleias religiosas.
É por isso que Deus, o juiz do universo,
fará ver que nada é pior para o bem-estar dos mortais 2200
do que alimentar os vícios, desprezando a piedade.
O justiceiro faz vibrar o chicote da peste e da guerra.
Mas antes do castigo tenho de dar uma lição
a este avarento.

CENA VI : PÓLIPO, VIDA HUMANA

Pólipo – Não és tu a sentinela da noite,
ó galo? Oh! Logo tu, ó sangue galináceo, 2205
que costumavas cantar
e acordar-me de noite, preparavas-me agora
a mais cruel das desgraças com as tuas patas?
Tentava ele fazer descobertas com o bico e com as unhas.
Sofreste o castigo, pois os bons deuses protegem-me, 2210
a mim e ao dinheiro escondido na terra;
eles entregaram-te, esganado pelas minhas mãos.
Que ouço? Reviveu e canta vitorioso?
Mau agoiro! Apanhai-o; dai-lhe a morte.
Vida Humana – Para onde? Para onde? 2215
Pólipo – Sossega. Não respondo a ninguém

sem antes apanhar o galo.

Vida Humana – É a ti que te chamo, repito.

Pólipo – E eu ordeno-te que esperes enquanto o apanho.

Vida Humana – Em nova
e insólita acção se lança aquele velho
sempre molesto a si próprio e aos seus.

Que proveito tira ele da morte duma ave de criação? 2220
Almoçará ou ceará como nunca o costuma fazer?
Mas ele corria às cegas e respondeu
em tom desabrido às minhas palavras.
Um espírito são trata muito calmamente de negócios honestos.
Este, porém, tratava dos seus negócios bastante alterado. 2225

Pólipo – Era mesmo onde o tesouro fora escondido.
Que o galo esgravatava freneticamente com suas ávidas garras.
Acorri em pleno perigo, sem pensar em mais nada,
com a presença auxiliadora do bom deus.

Na verdade, se não tivesse ocorrido a Pólipo 2230
a ideia de ir para lá, nesta altura já a terra remexida
deixaria a descoberto e mostraria aos ladrões o meu dinheiro.
Se tal acontecesse, é ponto assente que deveriam encomendar
a minha sepultura junto da figueira mais próxima.

Vida Humana – Insensato, vives com uma alma de tão baixo preço 2235
que a venderias ao Tártaro pela perda do dinheiro?
A pálida terra é preferível à tua alma?

Pólipo – Hein!? Ó Vida, não regulas bem. À coisa mais bela
sem a qual nada de elegante existe chamarás
terra pálida, com esse rosto tão severo? 2240

Vida Humana – Porque não andas então elegante se és rico,
mas te cobres com esses trapos sujos de roupa escura?

Pólipo – Ó Vida, onde queres chegar com tais afirmações?
Será que sofres de inflamação nos olhos,
E ela te impede de ver a minha beleza? 2245
Haverá beleza maior do que cada um
agradar a si próprio? Desde que eu agrade bastante a mim,
não me considero sem beleza. Que mais hei-de eu querer?

Vida Humana – Acabaste de mostrar muito bem a escuridão
que envolve a tua mente e a impede de ver qualquer luz. 2250
Ao desejares agradar apenas ao teu coração,
abraçaste uma ideia insensata de todo.

Pólipo – Pelo contrário, o que seria insensatez, em minha opinião,
era eu aperaltar-me segundo o pensar dos outros;
acharia preferível cada um indagar honestamente 2255

se são ou não vantajosas as coisas que deseja.
 Considere-se insensato quem considera qualquer negócio
 mais precioso do que a sua própria pessoa.
 Os outros que falem. Eu gosto de mim e sou indulgente comigo.

Vida Humana – Pensa bem, pois viras a tua espada contra a garganta. 2260
 Por que razão amas então tanto o dinheiro, esquecendo-te de ti?
 Porque não tocas no dinheiro? Porque não ofereces nada a ti?
Pólipo – Sou assim.
Vida Humana – Ficarás outro. Estende esta mão.
Pólipo – A gota incomoda-me.
Vida Humana – Mas livrar-te-ei desta doença.
Pólipo – A medicina não consegue curar a gota das articulações. 2265
Vida humana – Ficarás bom. Consente apenas que te cure.
Pólipo – Mas como?
Vida Humana – Põe cá fora o dinheiro; dá-o a ti próprio;
 dá-o à multidão faminta. Nessa altura ficarás bom.
Pólipo – Não me dês a saúde com tais condições.
 Não consegue dar aos outros quem não dá a si próprio. 2270
Vida Humana – Homem sem coração como mais ninguém! Pensas
 que essas coisas hão-de ir contigo para a sepultura?
 A quem as deixarás se elas te não deixarem antes?
Pólipo – Não quero pensar em coisas tristes.
Vida Humana – Apercebes-te de que algum dia terás de morrer? 2275
Pólipo – Oh! Não me assustes com a menção da morte.
Vida Humana – O que amealhaste, para que herdeiros ordenas que vá
 após a tua morte?
Pólipo – Queres saber? Para os meus Manes.⁷⁵
Vida Humana – Surpreende-me a tua rematada insensatez.
 Os teus Manes têm falta de dinheiro? 2280
 Servir-te-ás do dinheiro depois de morto?
Pólipo – Porque me incomodas?
 Não o deixarei a ninguém. No dia do meu funeral
 um único lugar o receberá na minha companhia.
 E mais digo, como pessoa sensata e sábia: se soubesse
 que alguém viria a herdar os meus fracos bens, 2285
 iria à praia para de lá os atirar ao mar,
 e depois atirar-me-ia eu para que as ondas me engolissem.
 A porta rangeu? Há ladrão. Vou acudir. Adeus.

CENA VII : VIDA HUMANA

Ó abominável ganância de riqueza,
 quantos aventos apanhaste tu nas tuas redes! 2290
 Atormentas o espírito dos homens com preocupações inúteis
 e consumes-lhes o coração com um fogo execrável.
 Aquele Pólipo vive miseravelmente de muitos modos.
 Não por trabalhar como um pobre em busca de dinheiro,
 mas porque, com tanta abundância de dinheiro, não sabe 2295
 nem ajudar-se a si próprio nem socorrer os necessitados.
 Porque se queixará ele então? Porque levará a mal,
 se souber que as suas riquezas serão úteis a outros?
 Quem não vê um velho infeliz sem infelicidade
 e um miserável avento sem miséria? 2300
 Aflige-o o próprio pensamento, pior do que a tortura.
 Ora cisma durante o dia que é roubado,
 ora sonha, de noite, com ladrões, meio acordado.
 É tão desconfiado que nem em si próprio confia.
 Que remédio o curará de tal obsessão? 2305
 nenhuns conselhos o fazem voltar à razão.
 Os maus acabarão por saber, à custa de castigos, que caminham no erro.
 Uma vez que cometeram uma falta, que todos os culpados
 sejam castigados. Os crimes não agradam a Deus.
 Porque haverá a Vida Humana de se alegrar com os vícios? 2310

CENA VIII : DORIÃO, criado do avento; PÂNFAÇO, PARASITA

Dorião – Vá, procede como te ensinei, e põe-te hoje à minha disposição.
Pânfago – Pronto para roubar o dinheiro? Eis-me prontíssimo.
Dorião – Não mostres quem és com a voz, com o rosto
 ou com um gesto do corpo. Mas faz-te muito comedido,
 passando por meu tio materno, como se tivesses acabado de chegar, 2315
 de forma que se veja que sou mesmo teu sobrinho.
Pânfago – É isto que queres? Enganar com artimanhas nasceu comigo.
 Mas a Vida está à entrada da porta... oh! infelicidade minha!
Dorião – Cala-te.
 Ela afasta-se de Pólipo.
Pânfago – De nós é que eu gostaria que ela se afastasse.
Dorião – Estou a ver, o velho avento não lhe agradou. 2320
 Repara como ela se afasta pesarosa, de semblante abatido.
Pânfago – Eu considerá-la-ia uma toupeira.
Dorião – Imagina-te como uma pessoa honesta e boa.
Pânfago – Contempla então o porte modesto do meu rosto:

dobro a cabeça, ligeiramente inclinada para trás.
 Alguns críticos não acham bem um pescoço
 altivo, direito, nobre, enérgico. 2325
 E para os ombros recomenda-se uma inflexão inclinada.
 Reduzo a força do olhar. Que é que há de mais modesto?
 Disfarço-me na perfeição. O meu andar
 imitará o dum romano transportando objectos sagrados através da cidade. 2330
 Nasica é o cidadão melhor indicado.⁷⁶
Dorião – Ó parasita, porque és tão bom a representar?
 Aplica-te à ciência da opinião. Lucrarás muito.
Pânfago – Farei o meu melhor, na mira de enganar o teu avarento.
 Na verdade, a representação é apresentada como um negócio lucrativo. 2335
Dorião – Impõe-te habilmente aos outros como mais te agradar.
 Há que captar este indivíduo com a aparência de pessoa afável,
 pois se ele farejar que és um parasita,
 a personagem que agora representas, encantadora e espirituosa,
 própria da comédia, talvez bem depressa 2340
 se transforme em triste, como a da tragédia.
Pânfago – A esperança de roubar ensina artimanhas ao Pânfago.
Dorião – Vamos. As dobradiças da porta que estava fechada estão a ranger.
Pânfago – Componho o disfarce. Segue-me como teu tio, ó meu sobrinho.

CENA IX : PÓLIPO, DORIÃO, PÂNFAQO

Pólipo – Se sou nocivo, quero saber a quem sou nocivo 2345
 com a minha avareza. Apenas causo danos a mim mesmo.
 Se nada tivesse, alguém mais me confortaria? Não o creio.
 Assim, cada um olha por si, não pelo outro.
 Uma vez que ninguém envia para mim as suas refeições,
 que se calem. Calar-se-iam se eu vivesse como um pobre 2350
 e andasse pelas portas a pedir comida para mim.
 A fama do dinheiro corre movida por invejas.
 Não dão nenhum conselho com benevolência;
 todos me invejam malevolamente a fortuna.
 Que as ilhargas se lhes contorçam com dores. 2355
 Não se pode filtrar o dinheiro com os dedos
 como se se filtrasse água suja com um pano.
Pânfago – Ele será todo engolido, não será filtrado.
Pólipo – Não estou tão apanhado pela estupidez que não possa perceber
 o que estes invejosos pretendem com as suas arengas. 2360
 Que tenham. Eu, para ter, não recuso apanhar chicotadas

como um escravo acorrentado,
desde que elas me dispensem generosamente as suas riquezas.

Pânfago – Ele é avisado; põe Pânfago nessa classe.

Dorião – Oh! Se Dorião aqui estivesse!

Pânfago⁷⁷ – Que digo eu? 2365

Que o dinheiro cresça até causar fastio
se é que ele pode provocar fastio a alguém.
Tornar-me-ia mais poupado do que o sou agora.

Dorião – Eh! Ele olha-nos de través, não te mexas.

Pólipo – Compraste alimentos suficientes, á medida do desejo? 2370

Dorião – Teu ou meu?

Pólipo – Desgraçado, porque fazes a pergunta?
Como se, a fazer compras, pensasses seguir o teu desejo e não o meu.

Dorião – Falei assim, patrão, pelo seguinte: é que eu não sei muito bem
se aqueles inimigos públicos do mercado aumentam justamente
os preços sobre os géneros alimentícios. 2375

Pólipo – Vil cobrador de impostos, compreendo a razão
que hoje te levou a fazer compras, grande velhaco: dizimares-me
assim o dinheiro. Refinado aldrabão, dirás que compraste muito caro.
Não vou tolerar isto de modo nenhum.

Dorião – Que uma angina inflame, sim, as tuas goelas, 2380
obstruindo-te a garganta, se falas verdade.
Não hás-de lamber nada do almoço que comprei,
se, por desconfiança, imaginas falsidades.
Eu roubaria o que é teu, mentindo?

Por este andar estou já a ver-me a ir contigo ao mercado
perguntar por quanto comprei cada produto. 2385

Pólipo – Folgo muito por receares bastante
e presentires as minhas cautelas nestas questões.

Pânfago – É um fiscal implacável.

Pólipo – Eh! Que estás tu murmurando?
Ou melhor: de que é que estás à espera diante da minha casa? 2390

Pânfago – Acho bem que cuides em não seres enganado por este rapaz,
não se dê o caso de ele possuir aquela esperteza dos criados
que enganam frequentemente os seus senhores com mentiras.
Na verdade, avaliando pelo dobro o que compraram
apenas por quatro asses, roubam outro tanto. 2395

Pólipo – Oh!, tu és dos meus. Deus te dê saúde.

Dorião – Espanta-te ainda mais; ele é magistrado público⁷⁸
e, sendo irmão de minha mãe, é meu tio materno.

Pólipo – Tu sobrinho dele?

Dorião – Nem mais.

Pânfago – Que acontecerá depois disto?	
Dorião – Consegui, pedindo-lhe, que viesse encontrar-se contigo e conhecesse pessoalmente a pessoa com quem eu vivia.	2400
Pânfago – Fico contente por o meu sobrinho estar ao teu serviço como se ele ficasse como herdeiro dos meus prédios.	
A fama da tua sobriedade traz-me esta alegria: contigo ele aprenderá a ser honesto. Eis a paga que eu desejo: que ele saia bom dum bom patrão.	2405
Pólipo – Julgo ter diante dos olhos um homem de grande valor.	
Pânfago – Tal como me agrada a santa poupança, Igualmente me dedico de alma e coração aos homens poupados.	
Pólipo – Procedes rectamente por viveres também de forma poupada. Aposta na poupança como uma grande renda.	2410
Dorião – Uma vez que ele possui grandes afinidades contigo no temperamento e no carácter, e comigo no que toca ao parentesco, ordena já que com estes géneros se faça uma ceia para todos nós.	
Pólipo – Atreves-te a pedir isto, desavergonhado? Não sabes que a nossa casa não abre as portas a ninguém, e que isto é resolução minha inabalável, sob juramento sagrado?	2415
Dorião – Mas tu não tinhas tal propensão para jurar, o que, em minha opinião, não condiz com as boas maneiras. Concedamos ainda que, mesmo tendo eventualmente jurado, essa fórmula de modo nenhum vincula quem jura.	2420
Pólipo – É assim que libertas do medo do escrúpulo uma consciência constrangida, ó respeitável apaziguador? Vá, vejamos o que tu designas de boas maneiras?	
Dorião – Oferecer mesa e casa a qualquer estrangeiro.	2425
Pólipo – Pólipo não pretende dar-se ares de hospitaleiro; além de que ninguém procurará ser hóspede de Pólipo.	
Pânfago – Não incomodarei, peço desculpa; na verdade, se não me for possível ceiar com o filho da minha irmã, há-de haver nesta cidade uma pensão com as portas abertas.	2430
Pólipo – Boa ideia, pois adaptas-te à situação e vês o que as pessoas e os locais reclamam.	
Pânfago – É por isso que não fico agastado com esta recusa.	
Pólipo – Fizeste um piscar de olhos? Que ordenas tu ao teu sobrinho?	
Pânfago – Apenas que não se incomode com a recusa.	2435
Pólipo – Não me agrada aquele olhar revirado, Dorião; com aquele aceno pareceu-me ser um parasita que tu, à má-fé, fazes passar por teu tio. Tu mentes sobre esse tipo desconhecido. Que se ponha a milhas.	
Dorião – Quem te há-de suportar? És mais duro que um duro calhau.	2440

Não te bastou teres expulsado um parente meu
com este bárbaro descaramento,
mas desconfias que num homem com aquela moderação
se esconda um parasita sem escrúpulos?
E a mim apelidas-me de arquitecto de mentiras? 2445

Pólipo – Que estás a dizer?
Dorião – Digo-te que és um patrão insuportável.
Pólipo – Atreves-te a abrir esta boca?
Dorião – Abrirei.
Pólipo – Fala com mais clareza.
Dorião – Nego poder suportar tais afrontas.
Pólipo – Estás a pedir umas pauladas brm merecidas, desgraçado.
Dorião – Domina-te. Insistes? Eh! Far-te-ei.... 2450

Pólipo – Ameaças-me?
Dorião – Sim. Pois sobre as coisas compradas para o almoço
será calculada a multa e o prejuízo.
Pólipo – Pólipo, fala com os teus botões.⁷⁹
Se tu, cheio de fúria, bateres num teimoso,
ele fugirá e quebrará o jejum em casa. 2455

Ora, muitas vezes, os patrões colhem bons frutos com a dissimulação.
Eu brincava, Dorião.
Dorião – Não me agrada a brincadeira.
Pólipo – Porque haverás de levar porrada? Não há qualquer razão.
Dorião – Contudo,
os caprichos do meu patrão incriminam-me sem motivo.
Pólipo – Não. Ninguém maltrata com razão quem não merece. 2460

Dorião – Jura.
Pólipo – Juro que não te farei mal.
Mostra lá o que trouxeste do mercado para casa.
Dorião – Consola-te a ver.
Pólipo – Não te pergunto por quanto compraste,
para o meu zelo de poupança não se encrespar
com reclamações. 2465

Dorião – Vá, reclama, se queres;
não te verás prejudicado num único óbolo.
Pólipo – Vai para dentro. Prepara o suficiente para mim e para ti.
Cearemos ambos até abarrotarmos.
Não temos necessidade dum terceiro comilão.
Dorião – Seja. Que mais? 2470

Pólipo – Enquanto cuidas disso,
eu tenho um assunto a tratar numa praça aqui ao lado.
Quando o resolver, voltarei rapidamente para junto de ti.

Dorião – Oxalá nunca voltasses.

Pólipo – Quê?

Dorião – Volta depressa.

Pólipo – Fecha as portas.
Não as abras a nenhum mortal.

Dorião – E se alguém bater? 2475

Pólipo – Ordeno-te que fiques calado.

Dorião – Ficarei calado quando chegares?

Pólipo – São estas as minhas ordens, fica calado.

Dorião – Lembra-te que pediste silêncio.

Pólipo – Como se tu soubesses guardar silêncio. Ordeno que te cales.
Reforça os dois ferrolhos com uma barra transversal.

Desanda para a cozinha. Acredito tanto num criado desonesto 2480
como acreditaria nos piores ladrões.
Fecharei ainda à chave estas portas já trancadas
para que haja alguma segurança dentro e fora.
Com efeito, todas as cautelas não bastam para afastar os ladrões.
Quem dera que cada um se bastasse a si próprio conforme pudesse, 2485
sem precisar de criados. Como viveria
livre de preocupações! A verdade é que se te bastares a ti próprio,
permanecerás livre de qualquer contrariedade.
Não dá para se ficar desconfiado
quando é o próprio a ir ao mercado às compras. 2490
Se compras bens, não às tuas custas, mas às dos outros,
fica a suspeita de que nem tudo terá sido feito com total lisura.
Isto faz sofrer e leva à força.
Estivesse eu privado de criado, e o coração ansioso
não palpitaria de medo. Ele palpita, tal como costuma sobressaltar-se 2495
aquele que, depois de entrar num esconderijo
receia sair de lá feito prisioneiro, de grilhões nos pés.
Conta-se que existem os chamados Aquilégios,⁸⁰
de olhos tão penetrantes que conseguem ver
os veios de água escondidos na terra. E se o rapaz 2500
for como eles para descobrir dinheiro? Ai de mim!
Que ruído é este? Será que ouves
terra a ser revolvida, Pólipo? Não é nada disso: é a chama
que crepita, acesa com pouca lenha. Vou-me despachar rápido
para, sem demora, inspeccionar o que o rapaz fez em casa. 2505

CENA X : PÂNFIAGO, parasita; DORIÃO

Pânfago – Lança-te confiadamente no que pensavas, Pânfago.
 Venceste o avarento. Corre. Estás-me a ouvir, Dorião?
 Acorda, Dorião.

Dorião – Quem bate?

Pânfago – Pânfago.
 Ele saiu e fechou a porta à chave,
 mas havemos de a abrir.

Dorião – Empurra os gonzos. 2510

Pânfago – Eia! Faça-a deslizar.

Dorião – Emprega todas as tuas forças
 e empurra com os ombros.

Pânfago – São muito resistentes.

Dorião – Há que resolver
 este negócio bem depressa, pois muito rapidamente
 ele voltará ao local onde tem o pensamento. Hein?

Pânfago – Compreendo. 2515
 Nada consigo com os meus esforços. Que é que me sugeres?

Dorião – Trepá pela parede servindo-te das tuas garras.

Pânfago – Manda-me antes voar sem asas.

Dorião – A tua esperteza não encontra rapidamente um expediente?

Pânfago – Estão aqui umas escadas de madeira, não sei de quem.
 Queres que as use?

Dorião – És ladrão e fazes perguntas? 2520
 Trá-las: manda-te para aqui mesmo pelo telhado.

Pânfago – Enquanto a coisa se resolve, que os deuses bons para nós
 e maus para ele, quebrem as canelas ao velho,
 para que não possa chegar cá. Eia, Dorião.

CENA XI : PÓLIPO, PÂNFAGO

Pólipo – Tudo me corre ao contrário? Que é isto? Vejo a minha casa 2525
 a ser assaltada pelo mais infame dos meus inimigos.
 Estou perdido. Que vem a ser isto, refinado patife?
 Desces? Olha! Escadas já tu tens, ladrão.
 Com a lenha que eu te der aprontar-se-á a forca,
 para que te vejam a balouçar diante da minha porta. 2530
 Pára aí, não retrocedas, experimenta três vezes
 este bastão, patife.

Pânfago – Eh! Velhote, não me dêes com o pau.
 Quando pular daqui vou arrancar-te o nariz com uma dentada.

Pólipo – Não te irás daqui sem antes saberes

que eu encaro mal os ladrões. Quê? Ofereces resistência? 2535
 Socorro! Agarra que é ladrão! ó vizinhança!
 cadeia com ele! Tragam algemas.

Pânfago – Porquê?

Pólipo – Porque és um ladrão que assaltas casas à vista de toda a gente.

Pânfago – Ó velho avarento, movo-te um processo por injúrias.
 Cito-te desde já a comparecer em tribunal, ó malfeitor. Vem. 2540

Pólipo – Com mais razão te chamarei lá de ladrão maldito.
 É lá que deverão aplicar-te a pena de talião.

Pânfago – Ena! A que testemunhas recorrerás para me acusares?

Pólipo – Ao céu, à terra, às telhas, às escadas, ao dia.

Pânfago – Mas por essas mesmas testemunhas serás tu condenado. 2545
 pois a terra é tanto minha como tua, o céu é o tecto comum
 de todos nós. Toquei no teu património?

Pólipo – E para que era afinal a escada?

Pânfago – Queres que te diga, para desgraça tua?
 Acabou agora mesmo de me fugir por este telhado a minha macaca;⁸¹
 impediste-me de a apanhar. Obterei 2550
 um veredicto dos juízes para que me indemnizes pela macaca.
 Tu não és ignorante em leis. Citarei
 a *lex damni dati*⁸² e cilindrar-te-ei com muitos autores
 que explicam o direito forense.

Pólipo – Não me preocupo com palavras nem com essas patranhas. 2555

Pânfago – Mas preocupar-te-ás com os Ulpianos, os Glabriões,
 os Cévolas,⁸³ quando eles virarem estandartes contra ti.
 E os longos capítulos do direito civil, dispersos
 por cinquenta livros, com todos os seus inúmeros
 parágrafos. Entra em litígio comigo. Estás espantado?⁸⁴ 2560

Pólipo – Não é um parasita que me faz recuar. Toma.

Pânfago – Quê? Provocas
 derramamento de sangue ferindo um homem livre?
 Entro imediatamente em litígio contigo com a *lex Cornelia*
 e pejejo também com a *lex Iulia* acerca dos assassinos.
 Quem deverá, pois, procurar o magistrado judicial quanto antes sou eu. 2565
 Ele enviará um escriba e guardas.

Pólipo – Se este caluniador cumprir o que diz,
 que me resta fazer? Darei à sola
 ou ficarei aqui? Se fujo, deixo para trás o meu dinheiro;
 se não fujo, serei preso. Levarei o tesouro 2570
 e pisgar-me-ei para bem longe daqui.

CENA XII : PÓLIPO, DORIÃO

- Pólipo** – Abre.
Dorião – Quem é?
Pólipo – Pólipo.
Dorião – Não me atrevo.
Pólipo – Apressar-te-ás a abrir?
Dorião – Tenho medo.
Pólipo – Medo de quem?
Dorião – De tí, Pólipo, pois ordenaste-me que não falasse.
Pólipo – O silêncio que te impus não impede que fales
ao teu patrão. Abre sem demora as portas. 2575
Dorião – Não posso abrir, pois quando te foste embora
disseste-me que ficasse calado também quando voltasses aqui.
Pólipo – Dorião.
Dorião – Chama as vezes que quiseres.
Eu sei que hei-de ficar calado.
Pânfago – Pobre de mim. Esta demora arruína-me. 2580
O parasita será mais lesto e arrebatá-me-á o achado.
Entretanto, o rapaz brinca descaradamente comigo.
Chega-te mais perto.
Dorião – Aguenta um pouco.
Estou a afastar a marmita do fogo para que ela não deite fora com a fervura.
Pólipo – Que fazes?
Dorião – Estou a provar, não o vinho, que não existe nenhum em casa,
mas o molho que retirei da marmita 2585
com uma colher de pau.
Pólipo – Deixa-te disso. Não brinques, rapaz.
Dorião – Este cozinhado não tem muito sal;
a pimenta da Índia pica, mas não muito nem por muito tempo.
O molho de carneiro mal apanha o gosto com uma migalhinha de açafreão,
pois o que me deste pesa tanto como o que uma formiga 2590
transporta de arrasto com as patas traseiras.
Pólipo – Olha, torno-me um suplicante, Dorião: por tudo
o que tens de mais querido, imploro-te, abre a porta.
Dorião – Mas promete-me um quinhão razoável deste jantarinho. 2595
Pólipo – Vá, tudo quanto está dentro da marmita é teu.
Dorião – Agora abro; entra.
Pólipo – Criado abominável,
Hás-de brincar com o teu patrão, fazendo-o esperar e zombando dele?
Onde estou eu, desgraçado, que não empapo de sangue
umas vergastas chicoteando-te o corpo? 2600

Dorião – Se me tocares farei chegar cá o meu tio.
Pólipo – Estou a ver. Aquele parasita que pretendias fazer passar por irmão da tua desavergonhada mãe? Oh! grande tratante!
Dorião – Lindas palavras! A minha mãe não te deve nada.
Pólipo – Deve-me o facto de, com esse teu feitio, me ter feito nascer 2605
uma dor na alma. Sai. Passa a noite fora de casa,
em jejum. Passarás a noite sem ceia,
fora da soleira da minha casa
que tu abrias a um perigosíssimo ladrão.
Dorião – Ó domicílio e santuário da avareza, 2610
pões-me fora de casa de barriga vazia?

CENA XIII : PÂNFAÇO, DORIÃO, PÓLIPO

Pânfago – Contém-te, Dorião.
Dorião – O quê? Estavas aqui?
Pânfago – Onde mais me conviria estar?
Não duvides. Esse avarento levará o seu tesouro para fora daqui,
para o esconder noutro sítio; não tenho a menor dúvida. 2615
Escuta com atenção as minhas palavras.
Eu afasto-me daqui para outro sítio, para espiar.
Tu, vê para onde ele vai, seguindo-o à distância.
A sorte e a ocasião virão em nossa ajuda.
Dorião – Olha, ei-lo que sai. 2620
Pânfago – Era isso que eu queria.
Dorião – Afasta-te. Corre.
Que é que levas debaixo do manto, por favor?
Pólipo – Dirás que mereci
poder confiar na tua palavra?
Dorião – Embora queiras ficar calado, eu sei o que transportas.
Pólipo – O que te digo é que mentes, como é teu hábito.
Dorião – Queres que te diga claramente o que levas? 2625
Pólipo – Podes dizer.
Dorião – Levas o pequeno estojo do instrumento musical.
Pólipo – Tudo quanto vês adivinhas, rapaz.
É isso. E que mais?
Dorião – Admiro-me também que não me obrigues
a tornar-me cachorrinho?
Pólipo – A que propósito?
Dorião – Para merecer uma moedinha,
enfiando-me numa coleira de vime. 2630

Pólipo – Ganha um naco de pão, uma vez que és dessa natureza.
Dorião – Ninguém antes de ti me ensinou esta arte.
 Tu foste o primeiro que me ensinaste a ser cão, habituado a passar fome.
 E de tal modo me tornaste perito que, com esperança de comida,
 a dança é um divertimento familiar. 2635

Pólipo – Deixa-te dessas ninharias, Dorião. Volta para casa.
Dorião – Para quê?
Pólipo – Para ver se saís de lá saciado duma vez por todas.
 Deixo-te a marmitta completamente intacta.
Dorião – Não acredito.
Pólipo – Porque não? Acredita.
Dorião – Manterás a tua palavra?
Pólipo – É como te digo. 2640
Dorião – Mas depois voltarás atrás,
 como é teu hábito.
Pólipo – Estás a gozar, desgraçado? Não ligo a bagatelas.
Dorião – Retirar-me-ei, retirar-me-ei. Matarei a fome sozinho.
Pólipo – Para onde te mudarás? Com que esconderijos
 contarás, Pólipo, para lá esconderes o teu coração
 e o teu amor? Receio bem que mo roube 2645
 uma Harpia⁸⁵ qualquer. Será que alguém está a espreitar? Cuidado!
 Olha em redor, levanta a vista para cima.
 Receia até o vento, pois as narinas dos cães,
 de faro apuradíssimo, presentem os passos
 que a presa não deixou marcados no chão. 2650
 Tu, Terra-mãe, sê fiel a Pólipo.
 É a ti que confio a minha vida, que confio o meu suplício;
 se alguém o roubar deixar-me-á um laço
 para nele eu me enforcar. Como me palpita o coração!
 Talvez pressinta uma terrível desgraça. 2655
 Vá, esconde-o. Se o perderes, por alguém o descobrir,
 encontrarás finalmente uma saída para as tuas misérias.
Dorião – Eu vi. Alvissaras! Sinto-me feliz! Segui-lo-ei às escondidas.

ÚLTIMA CENA : ORGESTES, sozinho

Eh! tu! Qual é o teu problema? Não me liga nenhuma, o velho?
 Deixá-lo ir. Ocupa-te dos teus negócios, Orgestes; 2660
 deixa os dos outros. Se a infelicidade em pessoa
 tivesse conspirado em força para causar hoje a minha perdição,
 não seria mais injusta do que agora o é.

Passa bem, minha espada. Sou tão bem sovado contigo
 como era sovado sem ti. O facto é que, 2665
 ao insurgir-me contra o parasita e aquele outro,
 o Filauto, caí nas mãos deles que
 ao costifrágio acrescentaram um dentifrágio.
 Eis o que eu arranjo com a espada. Ai da minha bolsa,
 ai dos meus dentes, ai das minhas costas, ai do pobre de mim! 2670
 Mas qual o remédio? Conteres a ira,
 Orgestes? De modo nenhum. Torna-te furiosíssimo.
 Quem me dera arrastar Filauto de pés amarrados
 para que ele salpicasse as ruas de sangue, com o crânio rebentado.
 Quem me dera acariciar verdadeiramente o parasita a golpes de bastão 2675
 durante tanto tempo até Deus no céu informar que já bastava.
 Mas a Fortuna não me torna senhor dos meus desejos.
 Hesito. Nem me decido bem àquilo a que deveria agora abalançar-me.
 O meu espírito experimentou a inutilidade da espada
 e por isso é que se voltou para esta engenhoca 2680
 (o povo costuma chamar-lhe espingarda)
 para conseguir fazer à distância o que não conseguia de perto.
 Vamos, sê tu mais bem sucedida no envio da bala.
 Primeiro um, depois outro, trespassa ambos, ó bala de chumbo,
 para que vão hoje daqui até ao inferno, ceiar lá como hóspedes. 2685
 Mas apetece-me ver primeiro o trajecto do fogo
 através duma estreita passagem.
 Ó raio repentino de Júpiter Tonante!
 Deve ter sido o Tártaro a inventar esta monstruosidade.
 Algum deus protegeu realmente o meu rosto, 2690
 de tal modo ela retrocedeu com um forte coice.
 Receio que a chama me queime a barba e a cara.
 Usa melhor a tua balista, Orgestes.
 Esta engenhoca, deixa-a para o Diabo.

CORO III
 Canto alcaico, contra a avareza

Não procurem o mítico Tântalo 2695
 pelos domínios desconhecidos do ilustre Cíntio.
 Alimenta aqui de ventos
 o monstro atroz da mente avara;
 aqui, a água subindo até ao queixo do velho
 desliza em leito cristalino; 2700

aqui, à frente de seu rosto, em ramos férteis,
 zombam dele frutos que lhe fogem;
 aqui, uma sede cruel atormenta-lhe a garganta ressequida
 e a fome fere-lhe os flancos com suas dentadas.⁸⁶
 Não porque se tenha esgotado a provisão de vinhos de Falerno
 ou de iguarias silicianas. 2705

Na verdade, é grande a soma de dinheiro
 apertada numa arca fechada a mil chaves.
 Mas, para matar sua fome,
 o avarento não retira de lá um asse. 2710

A verdade é que receia abrir a arca
 como se lá dentro guardasse um tipo de aves
 que, abertas as grades, cortassem repentinamente
 os abismos com suas asas rápidas.

Por isso, vive pobremente, com dinheiro inútil,
 e se uma penúria extrema o atormentar,
 sujeita-se a mendigar vergonhoso alimento
 pelas praças da cidade. 2715

Oh! Insensata avareza dum espírito tacanho!
 A que sorte condenas a existência humana? 2720
 Comparada contigo,
 a Fortuna é de génio menos cruel:
 se colocou no grau mais baixo da miséria
 quem há pouco vira nos píncaros da prosperidade,
 desgostosa com o dano, de novo anseia 2725
 por chamar a melhor vida quem resvalou.

Mas tu, ó execrável ganância de dinheiro,
 a mente de que te apoderas uma vez,
 obriga-la a servir-te para sempre
 e, dona de quem possui, dás-lhe leis insuportáveis. 2730

A primeira é esta: não viver devidamente alimentado,
 mas, embora rico, andar pálido por falta de alimento,
 passar seus dias com a barba crescida, os cabelos desgrenhados,
 sujo e mal vestido.

Servo desta lei, logo a outra lhe é dado obedecer: 2735
 não ajudar ninguém sendo prestável,
 apenas para não despertar quaisquer suspeitas
 de que tem dinheiro para emprestar.

Condu-lo arrastado a estas leis
 até aos últimos dias da velhice, 2740
 ao ponto de, com cabelos brancos, viver com mais avareza
 do que quando era um jovem de cabelos negros.

E mais: para à hora da morte
não partir desgostoso, não permite
que se nomeie ninguém como seu herdeiro,
e a ganância bloqueia o direito ao seu próprio património.

2745

A quem assim vive, de forma indigna,
a morte tardia, para lhe pôr termo à vida,
preparado o nó, confia-o ao Orco
enforcado numa trave.

2750

Aqui abrasa-o para sempre aquela sede,
aqui atormenta-o para sempre aquela fome,
para que o justo castigo dado à culpa mostre
quanto lucra o avarento com o dinheiro.

ACTO IV

ARGUMENTO

PÓLOGO

Vida Humana, distintos espectadores, 2755
ao ver os vícios progredirem com grande à-vontade,
sem que arrepie caminho praticamente nenhum daqueles
cujo coração se obstinou em qualquer crime,
ainda que contrariada, busca remédios
que, embora cruéis para uns poucos, para a grande maioria contudo, 2760
oferecerão salutarex exemplos de vida.
O próprio Deus castigou outrora os ímpios com o fogo,
para que os demais, precavendo-se, deixassem
de desprezar afrontosamente as leis sagradas.
Assim procederá hoje a Vida. Quanto ao mais, peço-vos, 2765
avaliai o vosso caso pessoal com imparcialidade
e pensai que o que acontece na comédia
poderá resultar em triste tragédia.

CENA I: VIDA HUMANA

Oxalá não existisse nenhum criminoso, ou muito poucos, 2770
e a pesada terra desse sustento a muitos homens bons
que fizessem frente aos criminosos.
Neste momento, é uma multidão a dar conforto aos ímpios
e, ao invés, uma impressionante minoria a dar desgosto aos bons.
Daí que os vícios se regozijem por todo o lado, à vista de todos.
A virtude ocupa discretamente esconderijos dispersos, 2775
anda suja, despojada de suas vestes, e carece do seu adorno,
ou seja, a honra. Mais, o que me faz derramar
abundantes lágrimas: a clâmide retirada à virtude,
designada precisamente de glória e honra resplandecentes,
veste monstros dignos de censura. 2780

Se é assim que as coisas devem andar em finais deste século,⁸⁷
 haverá que rezear a epidemia e a doença do pecado,
 que uma devastação deplorável do reino
 ou outra calamidade enviada do céu hão-de castigar.
 Realmente a maioria nem se impressiona com as minhas palavras, 2785
 nem pelo tom dos discursos, nem pela fome que grassa no reino,
 nem pela Lusitânia devastada pela peste.
 Mais: eles julgam que estes males ocorrem
 talvez por acaso, embora Deus costume frequentemente
 queimar nas chamas os que antes se deixaram abrasar 2790
 no fogo de violentas paixões.
 Por que razão, mergulhados em fartura de comida,
 muitos bebem o esquecimento de Deus?
 Por que razão os orgulhosos, ignorantes das suas próprias cinzas,
 levantarão até aos astros a sua cabeça altiva? 2795
 Por que razão os avarentos, cheios de dinheiro,
 nem a si próprios nem aos outros indigentes levam consolo?
 Oh! Que digo eu? A Vida Humana ignora os pensamentos de Deus,
 que é paciente. Apresentarei aquilo de que sou capaz.
 Farei ameaças e talvez passe além das ameaças. 2800

CENA II : VIDA HUMANA; ÊUMENES, invejoso

Vida Humana – Quem é aquele? Se meus olhos me não enganam, é Êumenes,
 que a ninguém quer bem, brincando com seu próprio nome.⁸⁸
 Na verdade, por ser mau, tem o que as Euménides têm.
 Este sofre do grande mal da inveja.
 Onde te escondeste por tanto tempo?
Êumenes – Em casa, doente. 2805
Vida Humana – Essa aparência externa de cor de chumbo fala disso.
 Mas qual a causa próxima de tão grande mal?
Êumenes – Sabes, Vida, enquanto espero um bem para mim,
 já ele me fugiu e se transferiu para outra pessoa.
Vida Humana – E é isso que te incomoda?
Êumenes – Precisamente. Por ser um bem para os outros 2810
 é que fico assim. Que desgraça lamentável me aconteceu!
Vida Humana – Quantas vezes te tinha dito, com ameaças,
 que não considerasses o benefício alheio como prejuízo teu?
Êumenes – Disseste-o, penso que sim, mas porque não hei-de querer
 ser eu o primeiro a ter o que favorece a minha honra? 2815
Vida Humana – Com gosto to concederia, pois tu estás próximo de ti.

Mas não é aí que reside a tua culpa.

Êumenes – E onde julgas tu que ela se encontra?

Vida Humana – Nisto: se os teus desejos te abandonam e passam para outras moradas, tu afliges-te demasiado.

Êumenes – Mas então ordenarás que salte de alegria? 2820

Vida Humana – Não se exigirá tanta virtude a um invejoso. Mas se uma expectativa gorada abandona a tua casa, ousa suportar isso pacientemente.

Êumenes – Como se nada de especial ordenasses, atreves-te a dizer que suporte pacientemente estas coisas?

Vida Humana – Procura as solidões onde as antigas ordens dos padres conduziram sua vida segundo leis de rigorosa santidade. Se achares um Antão ou um Hilário, um Macário ou um Pafnúcio,⁸⁹ busca nestes heróis a paciência.

Êumenes – Não somos dotados de tal virtude, ou seja, encontramos-nos vazios e privados das forças celestes. 2830

Vida Humana – Imita os deuses.

Êumenes – Eu, imitá-los em vão? Não procures ir atrás do que não se consegue alcançar pela imitação.

Vida Humana – Porque não receias dar voz a uma ideia abominável? Vá lá, não podes apoderar-te do ouro de Crespo,⁹⁰ despreza as riquezas, não contando com elas. 2835

Êumenes – A dor do esforço humano prende-se ao que é humano; porque há-de importunar o que é divino?

Vida Humana – Ó cabeça desmiolada! Aplique-se também a ti o famoso dito, que agora te lanço em rosto. “Não podes chegar junto dos deuses, desce aos Infernos. 2840

“Não conseguirás convencer o Céu, move o Inferno.”⁹¹

Êumenes – É para isso que te foi concedida tamanha liberdade de falar, para, com a tua maledicência, atormentares deste modo pessoas honestas?

Vida Humana – Foi para isso que nasceste, para de homem apenas teres a aparência?

Êumenes – Que afronta é esta? 2845

Vida Humana – Um animal é inimigo de outro animal da sua própria raça, ou favorece-o, conformando-se à lei da natureza?

Êumenes – A que propósito vem isso?

Vida Humana – Que tu, que és homem, vejas que és inimigo malfazejo do próprio homem. Porque hás-de ficar a sofrer, roído de inveja, se a Fortuna se entrega a outro, de forma auspiciosa? 2850

Êumenes – É por isso mesmo que ela é cruel: castiga e tortura injustamente.

Vida Humana – Tu é que és um suplício cruel, uma dura punição para ti próprio.

Êumenes – Porque aumentarás, cruel, a amargura de quem sofre?
 Se com razão te chamam Vida Humana,
 dividirei contigo o sofrimento. Sofre comigo. 2855

Vida Humana – Vejo como é deplorável o azedume
 que realmente te atormenta e consome.
 Mas não lhe posso dar remédio, porque tu não queres
 ministrar sabiamente a ti próprio o remédio que te preparei.

Êumenes – Que remédio?

Vida Humana – Põe de lado as tuas ansiedades, ama as pessoas;
 alegra-te se algo de bom lhes acontece;
 não designes de prejuízo teu o bem dos outros. 2860

Êumenes – Estes princípios não aliviam a minha doença.
 Se a queres aliviar, faz com que a Fortuna se mostre consentânea
 com os meus desejos. Dizes-me: “Vá, que a carreira 2865
 e os negócios dos outros corram auspiciosamente.
 Por causa disso, vamos, bate palmas”. Ó Bruxa, eu não consigo
 dar-me bem com o teu remédio.
 Os outros que triunfem e eu que toque flauta.
 Hei-de ir à frente do carro de triunfo feito um palhaço? 2870
 Perdes tempo a dar-me conselhos.

Vida Humana – E tu o teu
 ao sentires inveja.

Êumenes – Ó Vida, não me interessas. Passa bem.

Vida Humana – Fica-te com a tua teimosia.

Êumenes – Odeio-te.

CENA III : VIDA HUMANA, MORTE

Vida Humana – Para onde voltar meus lamentos? Para onde dirigir meus passos?
 Nenhum doente aceita tomar os meus remédios. 2875
 Preferem todos permanecer atolados na lama dos vícios
 a abandonar os terrenos pantanosos da vida.
 Mas já que não aceitam viver de forma digna,
 estou decidida a afastar-me deles de uma vez por todas.
 Que Vida Humana viva, mas não indignamente. 2880
 Ó companheira inseparável desta vida mortal,
 Morte, apressa-te a vir para cá quando te chamar. Ergue-te do túmulo;
 acorda. Da mesma forma que os crimes te deram
 entrada no mundo, igualmente todo o malvado
 que ousa dar-se ao crime é ao teu jugo que se submete. 2885
 Leva daqui algumas pessoas que, pelas suas acções,

são a desonra de Deus e a minha.
 Com a sua morte servirão de exemplo para que, com a desgraça alheia,
 os que cá ficarem fujam do veneno dos crimes,
 receiem o poder do alto e respeitem os bons costumes. 2890

Morte – Chamaste-me, cá estou. Venho munida de aljava;
 trago comigo o arco e as setas. Ordenas-me, e bem, que vagueie ao acaso
 e que se dê aos criminosos a paga devida.
 Matarei alguns malfeitores, de forma
 a castigar os corruptos e ignóbeis. 2895

Meu arco cravará setas nas suas entranhas,
 para que não se consinta que vivam os que,
 pelo pecado, obrigaram a morrer a sua parte eterna.

Vida Humana – Ó companheira da Vida, incerto é o teu dia,
 certa a tua chegada. O aspecto medonho 2900
 de tua face, como o receio. Ainda que
 o medo me leve a recuar, o melhor de tudo
 é nunca afastar de ti o pensamento. Na verdade,
 já que fatalmente se tem de entrar nos teus domínios,
 se de forma imprevista afliges com a morte os desprevenidos, 2905
 surges como a penosa inevitabilidade de morrer.

Mas para quem tem em mente afastar-se do meu reino
 e ver os dardos da tua aljava, geralmente és tão agradável
 como o é o descanso para quem está cansado. 2910

Morte – Ó Vida, se os mortais te apreciassem hoje,
 na suposição de que amanhã poderias já não existir,
 eu não seria horrível para ninguém. Mas eles desfrutam
 eufóricos do presente e, mais eufóricos ainda, fazem planos
 desmedidos sobre muitas coisas que pensam vir a possuir. 2915

Daí que raramente admitam haver limite para as suas alegrias.
 Mas o facto é que haverá e há um limite para a alegria.
 O próprio prazer acabará por se ver limitado.
 Os que raramente ou nunca supõem
 que as minhas setas lhes provocarão feridas mortais
 talvez morram hoje. Não deverei encarar 2920
 nenhuma idade de forma discriminatória.

Para vós, anciãos, que vos afligis com o branquear das têmeoras,
 que avançais contrariados ao encontro da velhice,
 para vós eu preparo já os dardos desta aljava.
 E ameaço de igual modo a infância e a juventude. 2925

Mais doce que a uva madura é para mim
 a amarga que pende do ramo, ainda bem verde.

Vida Humana – Mas sê branda, peço-te. Não mates muitos.

Morte – Branda? Eu seria a ruína do género humano
se Deus não contivesse misericordiosamente estas mãos. 2930

Vida Humana – Ele é misericordioso e não quer extinguir a raça humana.

Morte – Nem quer que os crimes corrompam o mundo.

Vida Humana – Eu sei;
para te vencer Ele próprio se te opôs.

Morte – Aí, sim, quando Ele se me opôs, caí vencida,
despojada de poder e com o meu ímpeto quase quebrado. 2935

O facto é que antes do encontro com Ele,
quem não receava meus ataques? Mas depois desse dia,
até as donzelas fizeram pouco caso da morte.

Diante dos criminosos, porém, eu mostro-me a mesma
de outrora: cruel, terrível, inexorável. 2940

Por conseguinte, não me venhas com quaisquer preces.
Vaguearei ao acaso, de forma atroz. Aconselha os vivos, no que puderes,
a que andem alerta, para não os apanhar desprevenidos.

Vida Humana – Tu impediste-o, cruel. Como é triste
lembrar-se de ti para quem saboreia a doçura da vida! 2945

Chamo a atenção para o que é caduco. Quem entender que estas palavras
são de ter em conta que me ouça por momentos.

Eu, Vida não perpétua, mas circunscrita
e limitada por curto período de tempo,
fujo como uma sombra. Que ninguém se confie a mim. 2950

Se alguém me tem hoje, não diga que amanhã
me terá. Eu vi muitos de manhã
que acabaram agora de ser encerrados em sepulturas.

Acompanharei muitos até ao descanso amigo da noite
para os abandonar durante o sono. Conhecimentos literários 2955
não me detêm; nenhum subtil causídico
conseguirá, com suas fórmulas, que eu adie
um pouco a minha partida. Nada conseguirão
com suas insistentes preces os ineficazes intérpretes
do direito canónico. Com as vossas ervas e fármacos, 2960
passai bem, médicos, e vós, senadores, candidados
a condecorações por uma conduta de vida extraordinária.

Como afirma Paulo, “tal como passa a figura deste mundo,
assim eu passo como uma aparência.”⁹²

Morte – Vamos! Dirigirei as minhas setas contra estes, 2965
para que aprendam a ser humildes. Estão inchados
de vaidade, enaltecidos com sua ciência.

Vida Humana – Que o poder de Deus te quebre o arco. Ousas tal crueldade?

Morte – Começarei pelos homens de letras.

Vida Humana – Porquê tombarem primeiro estes que levam a luz aos outros? 2970

Morte – Sejam os primeiros a morrer; estão habituados a luzir para os outros; não luzem para si próprios.

Vida Humana – Oh! Não fales irreflectidamente. Fica sabendo que estão aqui pessoas irrepreensíveis.

Morte – Ninguém espere ser poupado atendendo aos teus elogios. Eu não tenho em conta a classe, o prestígio, magistraturas ou linhagens. 2975

Vida Humana – Mas deixa estes comigo.

Morte – Desde que desejem morrer daquela morte com que os justos anseiam libertar-se duma prisão. Porque eu persigo sem descanso aqueles que, demasiado agarrados a ti, tentam de todas as formas fugir de mim. Mas quando surpreendidos, como se agitam inquietos! 2980

Recorrem aos médicos e suplicam-lhes, com avultadas quantias, que tentem com remédios fazer tudo o que esteja ao seu alcance. Em casos assim, como me alegro que eles partam muito contrariados.

Vida Humana – Da mesma forma que te dá gozo uma alegria cruel, a mim uma dor justa faz-me derramar lágrimas. 2985

Morte – Afasta-te; não me agrada a brandura. Possuo sozinha poder suficiente que me foi dado de direito. Subsisto sem testemunhas. Foge, Vida, se podes.

Vida Humana – Em vão se tenta fugir com a morte atrás de nós. Se autorizas que me retire, afastar-me-ei de bom agrado. 2990

Morte – Concedo.

Vida Humana – Receosa da morte, a custo suporte ameaças.

CENA IV : MORTE, sozinha

Uma vez que os homens não perdem tempo a chamar-me loba assanhada, empenhar-me-ei de forma que ninguém, ainda pouco convencido, acredite que eles mentem. 2995

Sou loba, confessá-lo-ei. Vamos lá. Qual é o hábito do lobo, dia e noite? Arma ciladas,

para matar o rebanho. Assim agirei, ó meu gado; tal como o lobo arma ciladas ao ovil, assim a morte as armará.

Surpreendo o rebanho quando este avança bastante esquecido de mim mas geralmente duma forma bastante cruel. 3000

Prefiro sepultar os vivos que andam esquecidos do sepulcro: se alguém procura com nobreza,

alcançar o céu, nas asas da sua virtude, precisamente por desejar
 libertar-se do peso constrangedor do seu corpo
 que viva. Com efeito, o terror da minha aljava 3005
 não o assusta. Mas o que receia morrer,
 para que nunca se coloquem entraves aos seus prazeres,
 depressa beberá o veneno dos meus dardos, que o farão morrer.
 Preparada para trespassar com dardos os que vierem ao meu encontro,
 postar-me-ei no cimo daquele rochedo. 3010
 Observarei de lá as minhas vítimas.

CENA V : MORTE; ÊUMENES, invejoso.

Morte – Quem se apresenta em primeiro lugar? Ei-lo. É Êumenes,
 pálido por causa da amarga inveja.
 Ouvirei de que se queixa ele diante do meu dardo.
Êumenes – Desgostoso, escolhi um lugar apropriado aos meus queixumes. 3015
 Aqui o tens. Mostra as raízes do teu sofrimento, Êumenes.
 Que veneno é este que se enfurece nas minhas entranhas?
Morte – A inveja.
Êumenes – Seja qual for, esse veneno devora-me as medulas dos ossos.
Morte – Consome-as roendo-as e deixando os ossos intactos.
Êumenes – Que sanguessuga chupa o meu sangue? 3020
Morte – A que foi destinada a beber todo o sangue.
Êumenes – Será que alguma fúria parasita alimenta as minhas veias?
Morte – Delira qualquer um que esteja cego de inveja.
Êumenes – Ó cruel castigo, que culpa castigas tu?
Morte – A tua.
 O invejoso, por culpa sua, é sempre um castigo para si próprio. 3025
Êumenes – Testemunho com um pesaroso gemido a minha dor oculta.
Morte – Acrescenta suspiros, freme, range os dentes.
Êumenes – Mas donde escorre este suor frio?
Morte – É assim que cada um sente calafrios ao ver o que odeia.
Êumenes – Má sorte para os que maltratam Êumenes. 3030
Morte – Uma língua perversa cospe venenos terríveis.
Êumenes – Quão descoloridas ficaram as minhas mãos com a palidez.
Morte – Lágrimas muito funestas dão cor às faces brancas.
Êumenes – A magreza realça os ossos sob a pele esticada.
Morte – Não é por sofreres de penúria sendo pobre. 3035
Êumenes – A noite é minha amiga; a luz é-me desagradável.
Morte – Assim seja. Não queres ver ninguém feliz.
Êumenes – Tenho comida em abundância, mas a comida não me sabe a nada.

Morte – Pois claro, os desgostos embotam o paladar aos invejosos.
Êumenes – Nem o sabor do vinho me deleita quando o bebo. 3040
Morte – Deleitar-te?! Só se o misturares totalmente com fel!
Êumenes – Não beberei se os filhos ou a esposa beberem primeiro.
Morte – Nem mesmo se a própria juventude derramar néctar.
Êumenes – Privados de sono, os olhos não descansam.
Morte – Claro, a inveja não sabe dormir. 3045
Êumenes – Que sanguinário carrasco me atormenta os flancos?
Morte – Não sabes? És tu o carrasco que queres mal a ti próprio.
Êumenes – Arrasto comigo em silêncio fúrias insensatas.
Que Erínia⁹³ é esta? Quem me ameaça com archotes?
Que abutre me retalha o fígado nas minhas entranhas? 3050
Ail! Existe dentro do meu coração dorido uma ferida
que não será sarada nem pelas mãos de Quíron,⁹⁴
nem por Apolo médico, nem pelo filho de Apolo.⁹⁵
Morte – Vamos, procura o neto Macáon,⁹⁶
perito em ervas, para extrair esta seta. 3055
Êumenes – Ai! Que dor feriu de repente um infeliz?
Morro como se uma seta me tivesse ferido.
Mas que mão oculta me enviou este dardo?
Oxalá chegue vivo a minha casa,
para ao menos lá morrer, sem ser invejado por ninguém. 3060
Morte – Vai-te, ó alma funesta; põe já um termo
às tuas preocupações. É este o fim da inveja.

CENA VI : MORTE; DORIÃO; PÂNFIAGO, parasita

Morte – Eis um par de ladrões. Enquanto prejudicam o velho
serei testemunha das suas maquinações. Qualquer pai
que seja justo castiga o seu filho, 3065
mas após ter dado à culpa o castigo adequado,
queima a vergasta com que o castigou.
É assim que a divindade castiga alguns e, em vez da vergasta,
permite que malvados da pior espécie fustiguem
outros malvados. Depois de terem fustigado bastante, 3070
também estes são castigados
com um suplício adequado.
Dorião – Até aqui, Pânfiago,
observámos tranquilamente o avarento Pólipo.
Pânfiago – Demasiado tranquilamente, Dorião.
Dorião – Ele regressou a casa.

Está sentado num tripé. Nunca se levanta de lá, desconfiado. 3075
 Pelo contrário. Da mesma forma que uma galinha choca os ovos,
 também ele protege o tesouro entre os seus joelhos,
 coberto com aquele manto tão velho.
Pânfago – Gostaria de saber que plano propões para o roubo?
Dorião – Tu, um mestre nestas artes, interrogas um ignorante? 3080
 Escuta: Quando eu o vi sentar-se e ficar imóvel sobre o tripé,
 pensei com os meus botões e concluí o seguinte: enquanto o velho
 vir que estás presente, não se moverá do lugar.
 Por isso, sem saber o que ele faria, vim cá para fora.
 Pólipo fornecer-nos-á ocasião para o furto. 3085
Pânfago – Houve um barulho. Estás a ouvir?
Dorião – Ele sai. Conservemo-nos escondidos
 e sigamos os seus passos.

CENA VII : PÓLIPO, DORIÃO, PÂNFAGO

Pólipo – Sem dúvida que o dinheiro é um fardo insuportável para uma pessoa.
 Que é que acabaste de afirmar, Pólipo? Hein?! Que me perdoe 3090
 o dinheiro contra o qual soltei esta opinião.
 Sou um juiz injusto. Foi a pressa
 que me levou a dizer isto imprudentemente.
 Corrijo-me, pois. Realmente, não constituí qualquer incómodo
 para Pólipo guardar o dinheiro. 3095
 Quem corre por gosto não cansa.⁹⁷
 Talvez quem fosse desprendido sofresse neste caso,
 por preferir gastar o dinheiro muito à larga.
 Mas que eu solte o último suspiro desta vida
 antes de permitir que arrebatem o dinheiro cá ao Pólipo.
 Agora mesmo, com receio, acabei de levar o dinheiro para fora, 3100
 para o esconder num buraco escavado na terra.
 Cheguei à conclusão de que era mais perigoso
 esconder aí o tesouro do que escondê-lo em minha casa.
 Na verdade, se via um lugar apropriado para esconderijo,
 logo o desaprovava. É que me assaltava o medo 3105
 de algum lince ou, pelo menos, duma ave maléfica
 que, alisando ou remexendo a terra, pusesse a descoberto a novidade.
 Regresso aqui mais uma vez, vindo de casa,
 por causa dos olhares suspeitos daquele Dorião.
 Preferia-o a dormir, mais como um rato, claro, 3110
 do que como um cão de faro e vista bastante apurados.

Junta-lhe o parasita, que cá para mim é um ladrão,
aquele velhaco que mentiu quanto a ser tio dele.
Quem sabe se ambos não cozinham matreiramente alguma desgraça.

Pânfago – Mantém-te calmo, o mais possível. Porque olha ele à sua volta? 3115

Dorião – Sabes o que ele prepara, revistando a zona? Traz de volta o tesouro.
Em minha opinião, colocá-lo-á aqui.

Pânfago – O felicidade !
Vês como ele observa o terreno?

Dorião – Pelo contrário, levanta os olhos,
atento, examinando tudo em volta.

Pânfago – Oh! Que a nossa perseguição não seja em vão. 3120

Dorião – Ora! Deixa de ter receio. O dinheiro será palmado.
Na verdade, aquele barco não navega com ventos favoráveis,
mas afundar-se-á nas próprias âncoras.
Ele tem um porto pior do que o traiçoeiro mar.

Pólipo – Que resolução tomas, Pólipo? Volta para casa. 3125

Receio o safado do parasita e o criado.
Tapa-o com terra. Ela tem grilos cantadores
e eles podem ser ladrões apanhados em flagrante.

Pânfago – Que diz ele com os seus botões?

Dorião – Fala por entre os dentes.

Pânfago – Reflecte.

Pólipo – Aqui. A terra apresenta-se toda compacta, com o solo duro. 3130
Não se vêem formigas.

Dorião – Eia! Vitória.

Pânfago – Acalma-te. Ele cava a terra com o sacholo.
Vamos. Fixemos daqui o sítio onde ele esconde o tesouro.

Pólipo – Olhos fiéis, olhai tudo atentamente.

Pânfago – Eu, um cozinheiro, julgo-me o rei dos Partos. 3135

Dorião – E eu, um filho do rei dos Persas.

Pânfago – Não levantes a cabeça. Abaixa-te, eh! Se ele te vê...

Dorião – Perdoa-me. A sorte adversa ao avarento prepara-lhe o infortúnio,
mas risonha para nós prepara-nos a felicidade.

Pólipo – Confiei a minha vida ao sepulcro; isto é coisa certa. 3140
A que divindade pedirei que mo proteja?
Ó aves que voais pelas regiões do mundo,
dadas pelo benfazejo pai e eterno Deus:
Não cuideis de mim que vos suplico, mas sede os guardas
deste lugar, pois salvareis a minha vida 3145
ao protegerdes o dinheiro que aqui acabo de esconder.
Que barulho é este? É a campainha dos finados.
Algun vizinho encontrou o seu derradeiro dia.

Tenho por hábito ser piedoso e participar nos funerais.

Dorião – Bravo, parasita! A presa chegou-nos às mãos. 3150

Pânfago – Domina-te. Não a afugentes com a tua pressa.

Dorião – Que pretende ele, que não se mexe? Suspende os seus passos.

Pânfago – Raios partam o avarento Pólipo. Ele volta para trás.

Pólipo – Não sei que pressentimentos me atormentam o espírito. 3155

Porque está ele possuído de receio e inquietação?

Pressente que virão cá roubar o dinheiro, é o que é.

Mas ninguém viu, nenhuma testemunha lhe pôs os olhos,
para tu ou os ladrões terem uma pista.

Está decidido: não há que mudar o que está devidamente arrumado.

Guardá-lo-á também a divindade. Mas se ela quiser 3160

enriquecer os ladrões com o que é teu? Não penso que os deuses
queiram ser tão benévolos para com os ladrões
e, ao contrário, nocivos a Pólipo, que o não merece,
e que sai daqui para participar num funeral.

Dorião – Porque esperamos, parasita? Ele retirou-se, esconde-te. 3165

Pânfago – Há que trabalhar muito rapidamente com ambas as mãos.

Dorião – As minhas unhas são boas para substituir o sacholo.

Pânfago – Eia, apressa-te. Alcança-la?

Dorião – Claro que a alcanço.

É um palácio, não uma reles marmita. 3170

Vês?

Pânfago – Tornaste-te um felizardo, Dorião.

Dorião – Que é que procuras?

Pânfago – Alguém que me desse uma corda de esparto.
Colocá-la-ia no mesmo sítio
para o miserável avarento a ver e com ela se enforcar.

Dorião – Oh! Mas toma. Dou-te o meu cinto de linho 3175

que trago à cintura. Retiraremos o dinheiro desta marmita.

Pânfago – A Fortuna coloca-nos tudo nas mãos, da forma mais auspiciosa.

CENA VIII : MORTE, DORIÃO, PÂNFAQO

Morte – Vós que vos alegrais com a sorte do vosso roubo,
sereis mais tarde apanhados pelo castigo.

Dorião – Que voz chegou aos meus ouvidos?

Pânfago – Estás a sonhar.

Dorião – Não estou.

Morte – Coisas alheias de forma tão criminosas? 3180

Dorião – Quem me acusa?

Pânfago – Será que ouço vozes de homem? Ou é o som do vento?
Morte – Vê-lo-ás antes de amanhã.
Dorião – Assusta-te
aquela voz.
Morte – Nem tu enriquecerás impunemente, rapaz.
Dorião – Também me ameaça? Ai, pobre de mim!
Pânfago – Cala-te!
Morte – Mas não se calará quem daqui vê os ladrões. 3185
Dorião – Ai! A voz sai da rocha, ó Pânfago.
Não vês um espectro sombrio na rocha?
Pânfago – É a sombra amiga, que aos ladrões não faz mal.
Ela oculta, não denuncia os ladrões;
recearia o sol, que com a sua luz tudo põe a descoberto. 3190
Morte – Esta sombra tornar-se-á mais clara que o sol do meio-dia.
Vê-la-ão ambos como vingadora, já não tarda nada.
Dorião – Fugamos.
Pânfago – E levarei comigo a preciosa marmita.
Morte – Outros a desfrutarão. Ide, miseráveis ricos.

CENA IX : MORTE; PÓLIPO, avarento

Morte – Já te desobrigaste do funeral, Pólipo? 3195
Ou voltaste ao lugar onde ficou enterrado o teu coração?
Pólipo – Penso que não é de ficar indiferente ao facto de Êumenes
ter morrido agora. Um homem realmente bom aos olhos de muitos,
se não tivesse inveja de muitos mais. Ficou mirrado.
Segundo rumores espalhados pelos próprios vizinhos, 3200
foi por ter visto nos outros o que de bom desejava para si.
Tanta é a desgraça que a Inveja transporta consigo!
Morte – E a funesta avareza, ao invés, também não é prejudicial?
Pólipo – Diz-me muito o provérbio que anda na boca do povo:
“Acredita que tocam na tua fazenda quando a parede do vizinho
arde com a funesta peste do terrível Vulcano.”⁹⁸ 3205
A morte acaba de matar o meu vizinho Êumenes.
É de recear que a mesma apanhe Pólipo.
Morte – Apanhará. Eia, avarento, não receis em vão.
Pólipo – Quis honrar o funeral com a minha presença, como é costume, 3210
mas fez-me regressar de lá, sorrateiramente, um certo receio
de que algum refinado ladrão desenterrasse a marmita
enterrada e muito bem enterrada. Que preocupação angustiante!
Oh! Medo sempre presente no meu espírito ansioso!

Porque palpitas, coraçãozinho? Porque me matas? 3215
 Ouço aterrorizado, como se me disseses,
 “trabalhaste em vão, ó servo Pólipo”.⁹⁹
Morte – Assim é: lavraste como um boi para os ladrões, não para ti.
Pólipo – Não o escondeste há muito tempo, mas há pouquinho,
 pouco antes de regressares, dirás muito bem; 3220
 Já suspeitas que to roubaram? Claro.
 Os Lémures¹⁰⁰ alados não voariam tão de repente do Orco
 para aqui. Mas que a divindade afaste o presságio.
 Que significa isto? A terra revolvida? Quê? Marcas de passos
 na terra? Estou perdido. Não tenho dúvidas. Pobre de mim! 3225
 Estou tramado. Fui despojado da marmita e da minha consolação.
 Aproximo-me mais: vejo uma cova aberta.
 Suportarei isto em silêncio? Ou preferirei morrer?
 Investigarei melhor. Pode o dinheiro estar escondido, metido na terra.
 Quê? Ó minha alma, tu vives oprimida por esta terrível desgraça? 3230
 Vamos, abandona neste lugar um corpo sem vida.
 Deixei o dinheiro, encontrei uma corda.
 Para onde corro? Para onde não corro? Tu, agarra o ladrão.
 Quem agarra quem? Não tenho quem agarrar nem quem mo agarre.
 Para onde irei? Ou onde estou? Recebi em vida esta desgraça? 3235
 Que desgraça pedirei para o safado do ladrão?
 Oh! Mal pisei a soleira da casa dum amigo
 e volto rapidamente, um ladrão qualquer roubou-me
 o pé-de-meia de tantos anos. Ó ladrão, traz-me de volta o dinheiro.
 Se não mo entregas, oxalá que, como castigo da divindade, 3240
 te vejam suspenso em força pública.
 Mas como em vez da marmita encontrei uma corda,
 que eu morra enforcado, suspenso numa trave qualquer.
 É mais doloroso para um avarento perder o dinheiro
 do que perder qualquer outra coisa desta vida. 3245
 Na verdade, não sente desejo de viver quem perdeu
 algo que constituía o seu único gosto de viver.

CENA X : MORTE

Empurrar-te-ei pelas costas, não demores; suspende-te.
 Vai-te, alma inútil para o mundo, aos Infernos consagrada. 3250
 Abandona a terra, onde morrerás balouçando.
 Sentar-te-ás junto de outros Tântalos como tu.
 Atormentar-te-ão aí com suplícios eternos,

sob as ordens de Plutão, o patrono das riquezas.
 Enlaça a corda. Confia-a a essa trave mestra.
 Ela aguentará o peso do teu corpo. 3255
 Eia, apressai-vos guardiões do Tártaro.
 O pescoço está preso no laço, ele já se deixa
 cair do próprio barrote. Solta uivos horríveis, contorcendo-se.
 Debate-se com dificuldades de respiração, esperneia no vácuo.
 Não luteis, soldados. Esta vítima 3260
 decidiu ser vossa sem luta.
 Uma vida inteira na avareza é também uma espécie de morte.
 Levai a presa e regressai rápido. Os restantes,
 contra quem o nosso arco lança as flechas,
 talvez estejam fazendo falta à camaradagem do Orco. 3265
 Olhem estas delícias da vida! Ceifarei os adolescentes
 na flor da vida? Não sei o que querem.
 Demos-lhe tempo, para que, deambulando e conversando
 nos revelem seus planos de vida.

CENA XI : CLITIFÃO, CARISTO, CRIADO, MORTE

Clitifão – Esta é a idade em que, se não te alegras 3270
 com alguns prazeres, Caristo, não terás outra.
 O certo é que quem ama tão encantadoras flores,
 odeia o tempo insuportável do inverno,
 anseia pelo agradável regresso da amiga primavera,
 quando a bela estação se abre em flores. 3275
 Então, com o encanto dos lírios floridos
 cada um pode encher cestos de vimes
 ou compor muitos ramos com a flor do amor,
 ou com a rosa de malta, ramos que levará ao nariz,
 para absorver o seu perfume. 3280
 Em minha opinião a juventude é a nossa primavera.
 As outras fases da vida deverão relacionar-se, penso,
 com o tempo de inverno. Na verdade, muita coisa nos acontece,
 a partir de então: grandes preocupações, uma odiosa legião
 de doenças, a triste velhice e percalços 3285
 que não permitem que as coisas avancem sem sobressaltos.
Caristo – Ó Clitifão, é mesmo por sentir que esta flor da idade
 é o que há de mais agradável
 que eu a abraçaria, se me fosse dado conservá-la.
 Mas uma vez que ela se esvai em vôo rapidíssimo, 3290

não há dia em que não leve vida de jovem feliz.
Tudo o que de agradável ou encantador possa ser preparado,
eu providencio para que isso chegue com doçura ao meu coração.

Morte – Aí é que reínas, ó Morte, para amargura de muitos,
Aí, onde o prazer se oferece, fácil e sem entraves. 3295
Ei-los elegantes; toma para ti estes doces petiscos.

Clitifão – És sábio, Caristo. Não somos insensatos como os velhos,
que às preocupações dão o nome de sabedoria.
Pensam em desgraças futuras, inventam medos,
passam em revista o passado que cada dia leva consigo, 3300
pintam o presente com cores negras, cheios de mau humor.
Daí que a velhice se apresente como uma doença
Mais de espíritos abatidos do que de corpos que vacilam.

Caristo – Clitifão, não acuses mas elogia os teus velhos pais.
A verdade é que deveremos considerar como providência 3305
o que muitos julgarão ser mau humor.
Com efeito nenhum do seu dinheiro se perde em vão,
e passam por privações sempre preocupados
em legarem aos herdeiros suas riquezas intactas.

Clitifão – Deixemo-los, pois, ser infelizes, para nos fazerem felizes. 3310
Caristo – Como decidi não fazer ninguém feliz além de mim,
tenho apenas em conta a minha pessoa.
É admirável como me alegro com a ternura dos que me são chegados,
e me sirvo da grata condescendência de meu pai.

Nado em dinheiro: a noite, o dia, o ano estão ao meu serviço; 3315
E visto que ponho e disponho sobre as outras coisas,
Restou o prazer para ter domínio sobre mim.

Morte – Esse domínio transformar-se-á em dor para ti.

Clitifão – Desejo saber o que mais te dá prazer,
Caristo. Põe-me ao corrente, 3320
pois os planos de sua vida regalada
costumam os grandes amigos partilhá-los entre si.

Caristo – Não falarei dos manjares que me preparam em casa,
com tal abundância que nem direi mais nada.
O mercado e o talho, a cidade, o campo, a caça 3325
confeccionam e enviam refeições para o meu estômago.
Tudo quanto a conhecida ilha da Madeira
consegue adoçar com o seu apreciadíssimo açúcar,
adoça-o só para mim e manda-mo até eu dizer basta.

Tudo isto me é garantido em abundância pela riqueza da minha família 3330
e pelo carinho dos meus pais, pois eles só têm olhos para mim.

Morte – Derramarão por isso lágrimas das mais amargas.

Caristo – Para além disto, reconforta-me poder satisfazer todos os meus caprichos.

Clitifão – E não exultas de alegria? 3335

Caristo – Mais do que isso, Clitifão. Só aqui é que eu exulto de alegria.

Clitifão – Com razão.

Caristo – Quanto a mim, não perco tempo com os juízos severos de alguns sábios que apregoam que nada nos é tão prejudicial como fazer o que nos apetece.

Clitifão – Que passem bem, é o que eu costume ordenar a esses moralistas. 3340

Permitiram-se fazer quanto lhes apeteceu. Mal uma ruga lhes deixou um vinco na testa, logo afirmam que há que impor poderosos freios à juventude.

Caristo – Não deverá ser incluído nesse grupo o meu pai que, amiúde, a sós comigo e em segredo, discorre dizendo que cada idade tem os seus vícios próprios. 3345

A avareza, diz ele, é um mal da velhice. O esbanjamento despreocupado é própria da despreocupada juventude, com a qual se deverá ser generoso, para que se divirta com os da sua idade, faça noitadas muitas vezes, beba, banqueteie-se, vista-se mais caprichosamente do que o consente a lei do luxo.¹⁰¹ 3350

Clitifão – Todo o homem que revele um feitio condescendente, apressa-se a mandar nos filhos com um tipo de benevolência que não proíba o que é lícito naquela idade: 3355

o canto, a dança, jogos de azar, comezainas, divertimentos. É justo que cada um tenha o que crê pertencer-lhe.

Morte – Mas dedicaste-vos ambos à prática de tais coisas? A cada vício convém igualmente a respectiva recompensa. Estendei já as mãos aos merecidos tributos. 3360

Clitifão – Demoramo-nos? Vá, dediquemos este momento à dança.

Caristo – Enquanto se prepara a ceia, com uns passos de dança ao ritmo do citaredo abriremos o apetite.

Clitifão – Falas de coisas agradáveis.

Caristo – Eh! moço, por favor, chama para aqui o nosso citaredo. 3365

Criado – Trará consigo as flautas?

Caristo – Exactamente, dever-se-á cantar ao som das flautas.

Criado – Não precisas repetir. A Fortuna favorece auspiciosamente os desejos de ambos.

O citaredo já aí vem, acompanhado dos seus músicos,
Com óptima disposição, e não se fará rogado.

CENA XII : CARISTO, CLITIFÃO, CITAREDO

Caristo – Chegaste mesmo na altura certa. 3370
Vá, toca como habitualmente o fazes,
para nos deliciares.
Citaredo – Pretendes um bom recital acompanhado
só à lira, ou canto e lira em simultâneo?
Clitifão – Acho preferível esta última hipótese.
Caristo – Que os moços cantem ao som da lira.
Clitifão – E nós que fazemos? 3375
Caristo – Ficamos sentados.
Clitifão – Isto agrada-me.
Citaredo – Os moços que cantem.

CANTO DO CITAREDO E DANÇA DOS JOVENS
à direita e à esquerda

Antístrofe - à direita

Sorri-vos a juventude em flor de púrpura
ó par de nobreza, olhos bonitos,
com os quais Jogo e Cupido se comprazeriam
em contemplar a luz da vida. 3380
Ó nobre par, doce, delicado,
exemplo sem igual da rósea beleza.
Que jovem a teu lado, ó Caristo,
evocará o brilho da violeta ou o esplendor da rosa?
Que graça encantadora dos lírios te igualará,
Clitifão, ou que Náíade combinará com arte 3385
lírios brancos e rubras flores
ou disporá lírios rubros entre brancas flores?

Antístrofe - à esquerda

Oh! Se para sempre se mantivesse
este rosto de semblante tão belo!
Até vós viria o côro das Oriádes, 3390
entrançando seus cabelos com folhagem de árvores,
e o bando das Náíades transportando

água do Tejo aurífero em cântaros de vidro.
Para em público dançarem, aos pares:
umas molhadas da água cristalina do rio, 3395
outras revestidas de flores de mirto verdejante.
Mas aos anos nenhuma demora os detém.
Mais, a vida esvai-se como sombra,
ou antes: deixa sombra atrás de si.

Parte primeira : à direita

Nascidos do nada ao nada regressamos 3400
para nos dissiparmos como leve brisa.
Portanto, enquanto a fuga é contida,
antes que ela voe para lá, donde não há regresso,
gozemos aqui alegres por algumas horas.

À esquerda

Enquanto a juventude exala o perfume da sua flor, 3405
alegremo-nos todos nós, felizes com seus prazeres.
Não falte Baco, dispensador da alegria.
Pendurem-se ao pescoço coroas de rosas,
antes que se desvaneça o encanto da mocidade.

Ambas as partes do coro

Portanto, enquanto floresce em seu vigor idade tão bela 3410
suavizemos com danças o triste tédio.
Batendo com os pés dancemos ligeiros.
A arte do canto faça ouvir a harmonia das vozes.
Dum lado, o tocador tangerá a lira jocosa,
do outro, o flautista soprará na flauta. 3415

CENA XIII : MORTE, CARISTO, CLITIFÃO, CITAREDO, MOÇO

Morte – Está encontrado o motivo prá matança: não me limito
a ser cruel sem razão. O crime é punido.
A vida humana, que é dada aos mortais
para que se prepare a felicidade eterna,
consumir-se-á no desregramento moral? 3420
Morrei, miseráveis.

Caristo – Que dor terrível
penetrou repentinamente como uma seta no meu coração?

Eu desmaio! Eu morro!

Clitifão – Oh! Que infeliz desgraça? Que se passa?
Levantai-o com as mãos, rapazes, levai-o para casa.

Morte – Também contra ti lanço o dardo. Acompanhá-lo-ás na morte. 3425

Clitifão – Quem me atingiu? Eu morro com este golpe.

Citaredo – A morte levou os dois, logo assim no meio da alegria?

Morte – És o terceiro. Vai para o reino das sombras. Cantaste bastante,
proxeneta imundo. Eis no que deu teres associado
a ignomínia às cordas da lira e à tua voz. 3430

Citaredo – Ai! Que golpe me mata tão repentinamente?

Moço – A morte anda à solta por aqui.

Morte – Que cada um morra em sua casa.
Levai daqui os moribundos.

Moço – Corro para junto do pai do pobre Caristo,
anunciar-lhe esta grande desgraça.

Morte – Todos vós que agora contemplais em pensamento 3435
os corpos prostrados pelos dardos desta aljava,
ainda há pouco com rosto enérgico e feliz,
vedes que fim tiveram os prazeres
que a si próprios prometiam. Ó vivos,
tomai precauções; temei enfim as minhas mãos. 3440

Não me sacia a matança de uns poucos;
minha fúria é cruel com todos. Tal como aqui estive,
assim me precipitarei num brevíssimo espaço de dias.
Matar é a minha função. Vós tomai simplesmente cuidado
para que não vos apanhe desprevenidos, surgindo de imprevisto. 3445

Ai de quem deixou que seu espírito se manchasse com o veneno
e o contágio dos crimes e que, morto pelas minhas setas,
será levado para o Orco por uma segunda morte.
Ó vivos, se julgais que é triste morrer uma só vez,
considerai muito mais triste morrer duas vezes. 3450

Quem amarga tristezas aí dentro? Mas são as lamentações
de Filauto. Que ele chore assim o seu filho querido.
Ó pais, tende filhos para que eles
se mostrem como filhos, não como Adónis. 3455

Não é crime amar como aconselha a razão,
como o quis o Criador. Amar como amam os ignóbeis,
como um desvario efeminado e atreito ao vício,
recebe esta justa paga do Deus vingador.
Mas porque se lamentará o illustre Filauto
quando ninguém vê as lágrimas dum pai insensato? 3460

Que se apresente em cena, para alimentar o olhar de quem o vir

e mostrar em que medida os pais amam os filhos.

CENA XIV : FILAUTO; MORTE; ANTIFONTE, amigo de Filauto

Filauto – Tragam todos para aqui as suas desgraças;
a minha surgirá como a mais cruel. 3465
Oh! morreu a única luz dos meus olhos.
E eu respiro, com vida! Contemplo com vida a luz do dia.
Morte – É assim, é assim que deverá sofrer. Que o filho seja dor para o pai,
pai que, para o filho, foi causa de morte.
Filauto – Acabou-se tudo: Caristo morreu. Ó céu, Ó Deus,
ó Morte, ó Terra, ó Vida, a tudo quanto existe eu pergunto: 3470
por inveja de quem morreu ele?
Que mal poderia ter feito um ser inofensivo
para ter de morrer? Se o crime era meu,
expiasse eu a culpa com a morte, ficando vivo o meu filho.
Antifonte – Contém a dor; se te queixas para lá do aceitável 3475
parecerás incapaz de te saberes controlar como um homem.
Filauto – Ó Antifonte, darei a impressão que odiava o meu filho
se chorar de forma controlada; quero que meu desgosto
seja a prova dum amor sem medida.
Morte – Triunfo quando vejo o pai reduzido a este estado. 3480
Seja este o prazer que lhes dão os filhos queridos
que eles educaram com brandura.
Filauto – Não me impeças;
não me proibas; deixa-me chorar, privado de tudo, Antifonte.
Antifonte – Para onde te diriges, pergunto-te eu?
Filauto – Abraça-lo-ei mesmo morto.
Ó meu consolo, foi este o teu fim?
Antifonte – É cruel. Mas tu 3485
tem em conta o decoro. Não fica bem a um cidadão respeitável
exibir em público a sua dor, para já não dizer, queixar-se.
Vamos para dentro.
Filauto – É-me agradável chorar.
Antifonte – Mas já não há remédio. Deixamos a luz da ribalta. 3490
Entretanto cuidar-se-á do funeral.
Filauto – Ó meu filhinho, teu pai que te conheceu
é um forte amor que o faz chorar convulsivamente.
Antifonte – Admito que te atormentas com razão,
mas nas mesmas condições em que Deus dá filhos aos pais,
igualmente Ele os pode levar, quando Lhe aprouver. 3495

Filauto – Ó meu Caristo, que farei na vida sem ti?
Morte – Assim me divirto; assim dissipo as esperanças dos mortais.
 Mas porque se irá ele embora, sem acompanhar
 o próprio filho na morte? Vamos, trespasarei o pai!
 Ou permitirei que este soberbo continue entretanto com vida, 3500
 enquanto se consome em gemidos, no meio da maior tristeza?
 Para tais pessoas, a vida que lhes resta viver é muitas vezes
 mais pesada do que o castigo da morte. Que viva enquanto sofrer;
 quando a dor ceder, já mitigada, cairá para mim,
 não para a dor. Que assista ao funeral; que chore; 3505
 seja o próprio pai não só a dar sepultura ao que tem de mais querido,
 mas também a mostrar-se como pai na tristeza do funeral.
 Este avança. Sê tu a carpideira, Filauto.
Filauto – Doce delícia, enquanto os meus fados permitiam
 que a vida decorresse calma, sem nenhum mal te acontecer. 3510
 Deixas agora teu infeliz pai mergulhado no luto.
 Ó meu filhinho, com que lágrimas te seguirei!
 Encerrarei no túmulo meu único herdeiro, na flor da vida?
 Foi para isto que te gerei? Para que a morte iníqua te matasse
 quando eu esperava pelos anos mais risonhos de tua vida, 3515
 e por uma existência longa, na companhia dos netos que de ti viessem?
 É lamentável, amigos, que tais esperanças se tenham reduzido a pó.

CORO FÚNEBRE

Oh! Tão próxima da morte
 quanto a débil velhice
 por que razão, ó mocidade, 3520
 te prometes longos anos?
 Todos nós corremos riscos
 e o tempo não concede
 matar-se primeiro esta vítima
 ou em derradeiro aquela. 3525
 Vós, de idade mais jovem,
 cuidado com a dança da morte:
 não poupa matar ninguém
 com o seu dardo sinistro.
 Põe veneno nas flechas 3530
 quem mais deveis recear,
 não ceifa vida senil
 com dentada tão voraz.

Vão ao encontro do seu destino livres os brancos cabelos pois se alegram co'a visão dum termo justo prà dor.	3535
Tal como o fruto maduro não se nega a quem o colhe mas à mão espontâneo vem do camponês penhorado.	3540
Também uma vida cansada dum curso bem longo de tempo se alegra lhe dêem descanso no derradeiro momento.	3545
Mas a verde juventude que a gema do orvalho enfeita ansiosa reivindica toda a esperança no futuro.	
Se a rompe a seta sinistra da morte, solta seu pranto o rosto banha de lágrimas o céu fere com queixumes: “Porque me colhem cedo – diz – como uva ainda verde? Porque impedirás, ó Morte, da flor vir fruto maduro?”	3550
De que aproveitam lamentos se o destino nos não ouve? Irás, embora abalando Céus e terra com teu pranto.	3555
Não te confies, assim sendo, a um barco flutuante; não desfraldes velas largas no meio de mares agitados.	3560
Basta percorrer a costa de remos presos nas mãos prà tormenta que surgir não tragar a embarcação.	3565
Mocidade inexperiente se a vida se dissolve como brisa afugentada por ventos vindos do norte	3570
Sendo eterna a mente vive dentro dum corpo-sepulcro	3575

para de lá sair pura
co'a virtude que liberta.
Não cantes pois poemas
a Cupido, mas à urna,
diz: tanto se abre à juventude
como à velhice sem forças.

3580

ACTO V

ARGUMENTO

PRÓLOGO

Como vale a pena viver com moderação
para que ninguém tenha de recear a morte quando ela chegar,
já o sabeis pelo que foi representado.
E quanto à acção que irá seguir-se não guardarei silêncio: 3585
ensinar-vos-á ela com que normas se poderá orientar bem
qualquer tipo de vida. Na verdade é reconhecida
como a mais abominável forma de vida
a que exhibe exteriormente uma integridade de carácter,
encobrendo a impureza dum espírito sórdido, 3590
para que uma falsa virtude obtenha benesses e honrarias.
Mas o verdadeiro caminho para as maiores honrarias
assenta no desprezo das honrarias. Presenciareis
quem despreza estas para possuir outras maiores.

CENA I : MORTE, PÂNFIAGO, DORIÃO

Morte – O nosso Filauto já enterrou o filho morto; 3595
esconde-se agora, coberto de trajes negros.
Com este doloroso revés, mostrar-se-á certamente uma pessoa humilde
e desabituar-se de sua antiga arrogância.
O avarento ficou a balouçar, contorcido em árvore estéril.
O invejoso morreu de desgosto. 3600
Resta o parasita, culpado de inúmeros crimes,
e nem o outro irá sem o devido castigo,
por dar largas à ira, de forma descontrolada.
Antes de roubar a marmitta de Pólipo,
o ladrão viveu também como um libertino e corrompeu 3605
os dois jovens, Caristo e Clitifão, e muitos mais.
Que os guardas o conduzam para a forca.

Nem convém que os marginais morram com muita nobreza,
sobretudo os que causam ao povo grandes calamidades,
fomentando muitas práticas de corrupção 3610
e muita avidez de pilhagem.
Mas eis que chega o grande rapinador da marmita
e o moço, que evolui para grande ladrão.
Pânfago – Oh! Foi a felicidade em pessoa que me tornou feliz!
Dorião – Vá, para onde julgas que devemos fugir? Pisguemo-nos ambos 3615
daqui, antes que um maldito boato
denuncie o roubo.
Morte – Não vos darei hipótese de fuga.
Este que fique com as marcas do chicote dos guardas.
O castigo serve frequentemente de emenda para as crianças,
mas aquele, já crescido, depois de capturado pelos guardas, 3620
que o levem à força para onde se levam
os foras-da-lei, os flagelos do povo e os ladrões públicos.
Pânfago – Deixa-me expandir a minha alegria, Dorião,
antes de nos safarmos daqui.
Dorião – Mas, não te demores demasiado. Está atento e cala-te. 3625
Pânfago – Os grifos,¹⁰² dos quais ouvis dizer que na Ilíria
extraem da terra o ouro com suas garras, não acrediteis
que sejam de facto aves, mas um parasita com o meu talento,
hábil e famoso na arte de roubar,
a quem a natureza previdente apetrechou com armas, 3630
para poder roubar nas estradas com toda a audácia.
Foi ela também que fez unhas em forma de telha para a macaca,
rachadas para os bois, obtusas e maciças para os cavalos,
largas para os demais homens, aduncas para mim,
iguais às das aves de rapina. 3635
Dorião – Pára imediatamente de gesticular, em euforia excessiva.
Pânfago – Percebe que, num caso de lucro tão grande, nada é excessivo.
Vamos, diverte-te comigo a dançar.
Dorião – Preferia fugir.
Pânfago – Diverte-te. Como me arrisquei
rastejando matreiramente com as mãos, nas costas do velho, 3640
até ele enterrar a marmita lá
onde Pânfago escondeu a corda para aquele avarento!
Agora há que beber à larga; agora, bem à farta,
com manjares de carne vinda do talho ou do mercado,
há que saciar a marmita do estômago com esta marmitazinha. 3645
Dorião – Excelente tiozinho, uma vez que me tens só a mim
como a fonte de tão rara felicidade,

é-me devida uma porção igual de dinheiro.
 Vá, façamos a divisão.
Pânfago – Grande descaramento, Dorião!
Dorião – Porquê descaramento, Pânfago? Que se passa?
Pânfago – Hás-de levar tanto, 3650
 tu, sem idade para seres ladrão, mas um reles gatuno,
 como eu, um soldado veterano nestas artes? Passa bem.
Dorião – Enriqueci-te quando eras um pobre sem eira nem beira.
 É esse o reconhecimento que me testemunhas agora, patife?
 Vamos entrega-me já toda a minha parte, desgraçado. 3655
Pânfago – Outro ladrão me leve à força o dinheiro
 se, com a minha generosidade, vires, nem que seja, um asse.¹⁰³
Dorião – Um asse? Exijo uma nota. Dá-ma.
Pânfago – Dar-te-ei uns murros.
Dorião – Foi para isto que te mostrei as grandes riquezas de Pólipo,
 para as roubares como um refinado patife? 3660
Pânfago – Patife, eu? Vou-te desancar; encaixa estes murros.
Dorião – Tu matas-me, glutão miserável.
Pânfago – Pois mato, desgraçado.
 Pague-se assim a quem traiu o seu patrão.
Dorião – Eu, traidor?
Pânfago – Claro!
Dorião – Vou tomar medidas
 para não dizeres mais mentiras. 3665
 Dorião denunciará o ladrão mais abominável
 entre os que existem ao cimo da terra.
Pânfago – Que dizes, miserável? Que murmuras com raiva por entre os dentes?
Dorião – O açambarcador terá o castigo, o delator a recompensa.
 Estou decidido a procurar o meirinho. 3670
Pânfago – Foi-se. Deixem-no ir. Eu gozarei sozinho o dinheiro.
Morte – Gozar-te-ás muito pouco.
Pânfago – De quem é aquela voz?
Morte – É minha.
Pânfago – A sombra de algum morto vagueia neste lugar.
Morte – Bem ao contrário, é a Morte que te procura para te levar daqui.
Pânfago – Põe-te rapidamente a salvo.
Morte – Foge, se puderes. 3675
Pânfago – Mas que força oculta prende Pânfago?
Morte – O crime e o castigo, precisamente os teus carrascos.
Pânfago – Que cola me prende os pés?
Morte – O castigo agarra-se finalmente a ti, após te ter encontrado.
Pânfago – Mas que ruído de vozes é este que me chega aos ouvidos? 3680

Morte – O meirinho, acompanhado de muitos guardas, dirige-se apressadamente para aqui, para te prender.

Pânfago – Avisto os bastões da guarda. Que se passa?

CENA II : MEIRINHO, DORIÃO, PÂNFAQO, MORTE

Meirinho – É verdade o que contaste?

Dorião – Exactamente como te disse.

O parasita levou o ouro após o ter roubado furtivamente.
Juro que o roubou.

3685

Meirinho – Guardas, recomendo-vos o seguinte:
descoberto o ladrão, prendei-o e ligai-lhe as mãos
com algemas de ferro, para que esse obstinado larápio,
por mais que tente, não encontre maneira de se escapar.

Dorião – Ali está ele.

Meirinho – É mesmo ele?

Dorião – Sem dúvida.

Meirinho – Cercai-o.

3690

Pânfago – Que se passa? Porque me rodeais?

Que procurais? Estou perdido.

Meirinho – Entrega a marmita, patife!

Pânfago – A marmita? Que marmita?

Meirinho – A que tu levaste, tratante.

Dorião – Ele oculta-a nas dobras do manto.

Meirinho – Vamos, entrega-a.

Pânfago – Deixe-me ir em liberdade; eu entregá-la-ei cheia.

3695

Morte – Acautela-te contra pactos. Leva-o.

Meirinho – Ou apanharei o dinheiro,
como ladrão que rouba a ladrão? Entrega-o. Vós, guardas,
levai-o para a cadeia, atrás de mim.

Pânfago – Mas... mas...

Meirinho – Que há?

Pânfago – Asseguro que o responsável pelo meu crime é este rapaz.

Exijo que o prendam.

3700

Dorião – Ele está a mentir.

Meirinho – Muito bem!

Vem tu igualmente sob prisão apresentar-te ao juiz.

Dorião – Ele absolverá um inocente.

Pânfago – Inocente, tu,
que causaste a ruína de Pólipo?

Meirinho – Discuti.

Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades.¹⁰⁴

Morte – Acompanhá-los-ei; que se travem de razões diante do juiz. 3705
Que um, como castigo, seja açoitado com uma vergasta,
e que o outro balance enforcado numa trave.

CENA III : ORGESTES, MORTE

Orgestes – Que vejo eu? Mas que é aquilo? Já compreendo.
Ninguém baterá injustamente noutro. 3710
Não tardará, graças a Deus, que seja castigado
o parasita que agrediu Orgestes. Ele acaba
de ser levado sob prisão por quatro guardas.
Também Filauto se encontra de todo na miséria,
ele que há pouco tentou arruinar-me. 3715
Com tudo isto pulo de contentamento até às nuvens.
É que alegria tão grande dificilmente se contém
dentro do coração; ela salta para fora.
O arrogante chora pelo seu único filho morto
e o que me regozija é que ele morreu de mal desconhecido.
Mas não estou ainda satisfeito. Como me queimam 3720
algumas chamas de cólera antiga!
Nada mais desejo do que ver aquela
família acabrunhada com nova desgraça.
O pai chora consternado o desaparecimento do filho?
Que a família enlutada chore o pai levado pela morte. 3725
Se tal acontecesse, talvez eu sossegasse.
Agora dirigia-me, claro, até ao pantomimeiro
que me enganou e me agrediu de forma aviltante,
para eu guardar este espinho cravado em mim.
Pus de lado a espada, com a qual nada de bom consegui. 3730
Comprei uma balista para ferir à distância
quem eu não conseguia matar na luta corpo a corpo.
Agora, uma vez que as leis vingam as injustiças,
que descansem a balista e a espada.
Dirigir-me-ei ao tribunal. Talvez chegue lá 3735
como testemunha preciosa contra a vida do maldito histrião.
Morte – Tu, que tanto tempo te preparaste ferozmente
para prejudicar a vida dos outros, não pensas na tua?
Orgestes – Eh! Fantasma, figura sinistra. Eh! Espectro, quem és tu?
Morte – Sou a Morte, a extremidade da linha das coisas. 3740
Orgestes – Vá, rompe a linha dos outros mortais,

mas deixa a minha.

Morte – Insensato, porque hei-de poupar a tua?

Orgestes – Acalma-te, imagem viva da morte;
afasta-te, rosto medonho; não me aterrorizes.

Morte – Aterrorizar-te-ei.

Orgestes – Pegas no arco?

Morte – Para ferir

3745

quem sempre deu largas à sua ira.

Orgestes – Insistes? Ó balista, por favor, ajuda-me contra a morte
que ameaça com seu arco. Que digo eu? Fugindo,
libertar-me-ei mais facilmente deste perigo.

Morte – Ainda que me fujas, alcançar-te-ei com uma seta.

3750

Orgestes – Ai, fui atingido.

Morte – Vá, refugia-te numa gruta como uma fera.

Quero que fiques aí sepultado, como uma presa morta.

CENA IV : VIDA HUMANA

Morte sempre insaciável, amiga de matanças!

Quanto sangue humano bebeu ela na sua fúria!

Não poupou mesmo ninguém, como um tigre da Hircânia!

3755

E quase ninguém se empenha em que a morte seja suave.

Cada um torna-a penosa com suas acções desonestas.

Mas após ela ter vagueado ao acaso, quem não ficou consciente
do perigo que ela representa? Os mortos recomendam aos vivos
que daqui sairão que meditem nisso frequentemente:

3760

mas porque existe tanto esquecimento desta realidade
e o silêncio a encobre de todo?

Os homens vivem de forma tão semelhante às próprias avezinhas!

Como o deploro. Na verdade, os passarinhos

que preparam as armadilhas, dispoendo redes dum lado e doutro,

3765

quando vêm chegado o melhor momento para as apanhar,

puxando bruscamente a corda, enclausuram as aves.

Estas, se logram escapar, fogem assustadas,

em voo mui ligeiro, e não voltam enquanto a sensação

do perigo que correm as mantém afastadas.

3770

Desfeita essa sensação, elas costumam regressar às armadilhas.

Eis como se pode ver uma multidão incontável de homens

que, assustados com a morte dos outros,

cortam com seus vícios para, passados alguns dias,

regressarem aos mesmos vícios. Eu gostaria que estes andassem prevenidos

3775

e se recordassem do conhecido ditado que diz:
 “tantas vezes vai o cântaro à fonte buscar água
 até um dia se quebrar ao cair.”
 Onde está o orgulho do rico Filauto?
 Onde a sua indulgência para com seu filho Caristo? 3780
 Onde está aquela flor da adolescência primaveril?
 Desvaneceram-se: deles só resta o luto.
 Onde está o avarento que deliberadamente pôs termo à vida?
 Onde se encontra o ladrão que, à má fé, levou o dinheiro desenterrado,
 o gladiador glutão, pantomimeiro? Já pagou pelo seu furto. 3785
 Que é feito do que andava roído de inveja?
 E o outro, com o rosto incendiado de cólera?
 Partiram antes do tempo ao encontro do último dia.
 A estes, quem os prejudicou? Eu, ou os seus crimes? A sua desgraça
 forjaram-na eles, tal como o tordo prepara a isca contra si próprio. 3790
 Oxalá eu encontre homens como eu quero, firmes
 na justiça e no bem. Em tudo o que depender de mim,
 esforçar-me-ei por ser útil, ora aumentando
 ora conferindo honras. Que sejam assim
 e arrastá-los-ei para o prestígio e para a riqueza. 3795
 Quem avança para este teatro? Aparenta
 ser pessoa de virtude. Devo escutá-lo
 e se me agradar, cumulá-lo-ei com as maiores honras.

CENA V : SOFRÓNIO, VIDA HUMANA

Sofrónio – Ah! Que proveito diria eu tirar alguém
 das riquezas do mundo inteiro, se com isso 3800
 causou dano ao seu espírito?¹⁰⁵ Quem perdeu este uma vez,
 conseguirá, com suas riquezas em ouro, trazê-lo de volta?
 Eis o conselho que convinha que tu desses muitas vezes,
 ó Academia, fonte de saber. Com efeito, foi-te menos concedido
 curar os corpos através da medicina 3805
 ou, pela jurisprudência, dirimir litígios graves,
 do que, com esta palavra do Salvador, dar remédio
 à nossa imprudência. Que proveito tira o homem da riqueza,
 se o espírito morre e é entregue ao Orco?
 Que fazemos, nós miseráveis? Oh! Esmagados 3810
 sob o peso duma montanha de livros e de saber literário,
 descemos para o Tártaro quase sem darmos por isso,
 como se nos entregássemos às letras com esta motivação:

irmos para o fogo do Tártaro cobertos de erudição.¹⁰⁶

Eu sempre te pedirei, ó Criador do mundo, 3815
que a minha entrega aos livros desde a mais tenra idade
não se dissolva em leve vento, nem uma vã apreciação
reduza a nada o meu esforço.

É lícito rezear que no derradeiro dia da nossa vida
aconteça depararmos com estas palavras: “Trabalhaste para ti, 3820
como um servo da opinião, e agradou-te uma fama insignificante
que só a mim me desagradou sempre”.

Confesso ter errado, ó Criador, e a ânsia de glória
tomou conta da minha pessoa. A partir de agora
reflectirei na tua beleza. Tanta gente morta repentinamente 3825
ensinou-me a viver de forma mais prudente.

Desligo-me voluntariamente de todas as coisas
para que seja a Filosofia Cristã a dirigir-me.

Vida Humana – É um homem de valor, e confessarei que tal como
faz pouco caso da glória mortal, assim segue a glória eterna. 3830
Alegro-me por encontrar uma pessoa destas e lágrimas de alegria
correm-me pelas faces. Na verdade, não faltam homens bons,
ainda que errem inúmeros bandos de malfeitores.

Bom homem, com razão te chamamos Sofrónio,¹⁰⁷
conhecido não com os habituais elogios 3835
e digno de louvor por prezar a moderação.

Sofrónio – Quem dera me pudesses chamar de homem bom.
Servimo-nos deliberadamente dos nomes da virtude,
mas afastamo-nos dela na forma de proceder.

Ó Vida, eu conheço as fraquezas do meu espírito 3840
e é por isso que me envergonho do meu nome.

Vida Humana – Quanto mais te consideras pior, falando com modéstia,
mais considero seres possuidor de grande nobreza de espírito.

Há pouco um avarento escondeu a sua marmita,
mas um ladrão desenterrou-a e roubou-lha. Desgostoso com isso, 3845
o dito avarento armou um laço e enforcou-se.

Mas nem o ladrão se alegrou muito tempo com a marmita roubada.
Por ordem do magistrado, foi castigado pelo seu acto
e isto encontra-se sem dono. Convém que se dê o dinheiro.

Muitos o cobiçam, mas ele está destinado 3850
a ser dado a alguém que saiba para que fim Deus quer
que alguns sejam ricos. Toma este ouro.

Sofrónio – Ouro? Afasta-te.

Vida Humana – Estou admirada. Esta recusa, realmente,
não é própria dum espírito mesquinho. Oh! Quem dera existissem

muitos que recusassem com tal firmeza de ânimo 3855
 os lucros das riquezas! Que harmonia
 favoreceria o estado, em todos os aspectos!
 Nenhum pobre se queixaria de indigência,
 nem os ricos esconderiam injustamente os seus haveres.
 A verdade é que cada um pensa que apenas está 3860
 próximo de si próprio, preocupa-se unicamente consigo
 e serve apenas os seus próprios apetites.
 Possui tu, duma forma melhor, o ouro que agora te darei,
 não segundo as normas deste tempo, mas nas condições em que outrora
 muitos o possuíram, ou seja, para promover os pobres. 3865
Sofrónio – Ó Vida, não sobrecarregues com a guarda de dinheiro alheio
 quem deliberadamente foge de ter preocupações.
 Meus haveres, para que não me dessem cuidados,
 acabo de os abandonar e dei-os a multidões de pobres,
 a fim de procurar um lugar qualquer, livre de preocupações. 3870
 Sobrecarregar-me-ão agora de novo com este fardo do ouro?
 O cão voltar-se-á de novo para o seu vómito sem se impressionar?¹⁰⁸
 Não convém a Sofrónio regressar a essa situação.
Vida Humana – Eu obrigar-te a voltar atrás? Eu esforço-me em teu favor,
 para que aceleres mais esta tua viagem correndo com remos e velas. 3875
Sofrónio – Chamarás ao dinheiro remos e velas?
 Ó Vida, não é coisa tua servires-te de falsos nomes
 para seduzires o meu espírito. Eu sei
 que é mais propriamente uma âncora o dinheiro
 que nos prende com uma dentada bastante firme. 3880
Vida Humana – Sábias palavras!
Sofrónio – Porque me pressionas então?
Vida Humana – Eu quero empenhar-me
 em aprovar os meus ditos com os teus.
 Lançada da proa, a âncora pára a embarcação;
 quando levantada, não detém o barco por mais tempo.
 É assim o dinheiro dum avarento: oprime-o, 3885
 quase sem ele dar por isso; esmaga-o e arrasta-o para o Orco;
 mas ao rico que o divide com os pobres
 transporta-o, com uma espécie de asas, pelos ares até aos astros.
Sofrónio – Mas que rico dá dinheiro em quantidade tal
 que consiga elevar até ao céu? Voa rapidamente com uma mão; 3890
 com a outra cai com o peso do chumbo.
Vida Humana – Tu voarás para o céu com ambas as mãos,
 precisamente por com ambas dares desprendidamente.
Sofrónio – Porque me atormentas?

Vida Humana – Olha! O ouro possuído até há pouco,
pelo detestável avarento, toma-o: 3895
ele angariou-o em vão para si.
Tu, se o repartires, reconfortarás a vida de muitos.

Sofrónio – Vejo-me obrigado, sem querer, a este piedoso encargo.
É a própria realidade que me deixa de mãos atadas, contra a minha vontade.

Vida Humana – É por isso que confio esta marmita à tua guarda. 3900
A partir de agora, dá apoio aos órfãos, aos necessitados, às viúvas.

Sofrónio – Irei confortar com dinheiro os pobres que encontrar,
procurarei os necessitados que se escondem, humilhados
por situações penosas, e se fecham em casa com vergonha.
Falo das mulheres cujos maridos morreram, 3905
rodeadas de filhinhos pequenos;
das donzelas que, impedidas de casar por causa da sua pobreza,
privadas de dote, sem ninguém que as ajude,
são forçadas pela fome, má conselheira, a enveredar pela prostituição.

Vida Humana – Convém que, com dádivas, dês aqui 3910
exemplo da tua virtude, para que os outros aprendam a aliviar,
com a sua própria riqueza, os pobres votados ao desprezo.
Vai. A virtude preparar-te-á entretanto um lugar
donde irradiarás fulgor como uma lâmpada.

CENA VI : VIDA HUMANA

Vida Humana – Embora as páginas da Escritura proclamem feliz 3915
quem acode ao desvalido, é deveras espantoso
que existam muitos ricos, mas sejam poucos
os que comprariam a felicidade eterna,
se Deus a vendesse. Talvez não acreditem
virem a ter coisa tão importante por causa do pouco dinheiro. 3920
Ou então, atraídos pelas riquezas efémeras,
desprezam as eternas com desdém.
Mas o tempo passará rápido e trará a morte
a ambos, tanto aos que têm aversão aos necessitados
como aos que socorrem os pobres. Efectivamente, 3925
estes gozarão das alegrias eternas;
aqueles serão consumidos por chamas eternas.
Eis o que tu prometes, ó Deus, criador do universo:
com efeito, nem morrerá quem ajuda piedosamente os pobres,
nem ficará impune quem se recusa cruelmente 3930
a estender a mão ao miserável ou o despreza.

A verdade é que tu, ó Soberano que governas
 este mundo com tua providência, repartiste
 as riquezas pelos homens de forma a que não fosse igual para todos
 quer a carência quer a fartura. 3935
 Mas aprouve-te que alguns fossem ricos
 e outros fossem atormentados por constringedora penúria,
 para que os ricos, aplicando-se a fazer o bem,
 suavizassem de bom grado a sorte miserável dos carenciados.
 Na verdade, resultaria deste intercâmbio 3940
 que aqueles seriam ótimos pais dando;
 estes, recebendo, tornar-se-iam filhos agradecidos.
 Esta admirável equidade de pai,
 como a põe a ridículo a depravada perversidade dos ricos!
 Banqueteiam-se estes, enquanto os pobres morrem de fome. 3945
 Os mesmos matarão mais facilmente a fome a mil cães
 do que minorarão a fome duma só criança.
 Mas o derradeiro dia chegará, ó ricos:
 serão recordadas as quantidades de dinheiro e o Juiz
 perguntará pelas boas acções feitas por amor d'Ele. 3950
 Que dirá ao ver os vossos rostos luzidios, de boa alimentação
 e os dos pobres, ao invés, pálidos?
 Ó ricos, mesquinhos, cruéis e avaros,
 não vos tocará nenhuma preocupação com os males alheios?
 Votais ao esquecimento as recomendações de Deus 3955
 Para, a troco de dinheiro, esse chamariz
 da maior perversidade, comprardes
 amigos fiéis que vos dêem apoio
 quando emigrardes destes para outros reinos
 e vos enalteçam transportando-vos aos ombros? 3960
 Oh! Possivelmente falo em vão. Quem é este?

CENA VII : IRO,¹⁰⁹ mendigo; VIDA HUMANA

Iro – Como nos desprezam, a nós, pobres desgraçados!
 Porque pesas sobre os meus ombros, ó penúria?
 Afasta-te de mim e observa aqueles para quem
 sou motivo de chacota e de escárnio quando peço esmola. 3965
 Ó fome, oxalá fosses ter com os glutões
 cujo maior prazer é ter apetite,
 para se empanturrarem de comida feita,
 e de tal modo te abeirasses deles que passassem

da fartura do Pródigo para esta penúria que me atormenta 3970
e fizessem a experiência da minha miséria.

Vida Humana – Eis um que se queixa da penúria. Porque resmungas
e falas contra a pobreza? Ignoras
que a tua condição é melhor que a dos reis?

Iro – Cala-te, Vida Humana.
Muito estúpida é a comparação 3975
do pobre Iro com o rei Creso!

Vida Humana – Queres ser Creso?

Iro – Se fores capaz, peço-te,
transforma-me de Iro pobre em Creso riquíssimo.

Vida Humana – Partilharás também do fim dele?

Iro – Que fim, Vida?

Vida Humana – O que Sólon¹⁰ lhe tinha predito. 3980

Iro – Ó Grécia mentirosa, cheia de fábulas!
Seja. O ateniense Sólon teria recomendado a Creso
que não se considerasse feliz; apesar de ter vivido
feliz durante muito tempo, no fim da vida, contudo, foi infeliz.

Vida Humana – Teria desejado viver de forma mais austera, 3985
contanto que a sorte lhe reservasse um fim melhor.

Iro – Não me atormentes, por favor, com os teus raciocínios.
Eu não cheguei à condição ilustre dos reis;
desconheço as suas preocupações e mágoas;
conheço, isso sim, as que me vêm da fome e da sujidade. 3990
Mas não me julgues bastante ignorante da realidade.
Garanto-te o seguinte: foram muito poucos
aqueles para quem o orgulho de mandar foi tão penoso
que trocaram o palácio real por uma humilde cabana,
o trono por um banco de vime, o ceptro pelo sacho. 3995
Da minha condição poderia eu nomear muitos,
ao invés, ansiosos de riquezas e a quem a Fortuna secundou
realmente os seus desejos. O facto é que não foram poucos
os que ela colocou várias vezes nas alturas, numa forma pouco habitual.

Vida Humana – És realmente miserável porque te julgas miserável; 4000
desvalorizas-te no teu pensar.
Se não te julgasses escravo da fome,
mas uma criatura livre, nascida do céu,
tu próprio levarias a vida alegremente, comesses muito ou pouco,
desprezando vitoriosamente a dura indigência. 4005

Para os espíritos fracos, uma pequena carência é um mal;
mas para os fortes é um bem, se a suportarem com nobreza.
De todos os males é, pelo menos, o mais leve.

Iro – Oh! Vida, nunca digas isso, peço-te,
 porquanto ela é o pior de todos os males. 4010
Vida Humana – Mas que há de penoso nela, quando pode
 ser socorrida por único amigo?
Iro – Traz-me esse amigo
 que me suavize a pobreza, e reconhecerei que ela não é penosa.
Vida Humana – Trá-lo-ei, desde que pares de te queixar. Espera-me aqui.

CENA VIII : IRO, mendigo; SOFRÓNIO

Iro – Que pretende ela? Planeia furiosa 4015
 castigar um inocente? Comigo
 costuma ser muito razoável. Porque embora vivamos
 esmagados sob o jugo da necessidade, apesar disso,
 a nós, os pobres, consideram estarmos nas boas graças de Deus.
 Quem avança agora ao meu encontro enviado por ela? 4020
Sofrónio – Considero muito felizes os que nada têm,
 se suportam serenamente a sua pobreza.
 Como sossegou o meu espírito quando abdiquei
 das minhas riquezas! Agora, bastante tranquilo,
 usufruo da paz de espírito. Que me deixe estar sossegado, 4025
 eis o que pedirei Àquele que favorece os justos com a sua bondade.
 É confiando n'Ele que empreendo isto. A Vida Humana
 confiou-me o dinheiro; dei-o aos necessitados
 e hei-de dar o restante quando se me oferecer a ocasião. 4030
 Mas um feliz acaso apresenta-me um pobre,
 a julgar pelo aspecto. És pobre?
Iro – Porque não dizes
 paupérrimo?
Sofrónio – Olha, queres uma moeda?
Iro – Isso é pergunta que se faça? Claro que quero.
Sofrónio – Toma.
Iro – Que homem és tu que me caíste do Céu?
Sofrónio – Um pobre muito parecido contigo.
Iro – Não o creio;
 os pobres como eu imploram, não dão esmola. 4035
 Oxalá os deuses te façam feliz!
 Confortaste de bom grado um pobre, o que poucos fazem
 habitualmente; no nosso tempo, desgraçadamente, encontrarás
 mais depressa quem nos rejeite do que quem nos ajude.
Sofrónio – Que os outros sejam como preferirem ser; 4040

tu acredita confiadamente que Deus olha pelos pobres.
Alimenta esta esperança dentro do teu coração
e que nenhum desespero a abale.

Iro – Não abalará. Eu viverei recordado deste benefício.

Sofrónio – E para que fiques mais ligado a Deus pela gratidão, 4045
toma: dou-te de bom grado mais dinheiro.

Iro – Que te recompense Aquele que dá aos homens
boa disposição para ajudar os necessitados.
Iro recebeu tanta benesse?

Sofrónio – Não encares isto como um favor.
Não te pedirei nada.

Iro – Que te negaria eu sendo ingrato? 4050

Sofrónio – Devemos ambos trocar de veste.

Iro – Mas que é isto?
Cuidado, Iro.

Sofrónio – Tens medo?

Iro – Aqui há ratoeira.

Sofrónio – Nada peço que seja para prejuízo teu.
Fica tranquilo. Dou-te esta capa
que te será preciosa; dá-me o teu saio coçado. 4055

Iro – Trocarei uma roupa miserável por uma veste dessas?
Verei um homem nobre todo sujo?
Com a generosidade dele irei daqui para casa como um rico?
Não me convém aceitar o que tu pedes.

Sofrónio – Vá, concorda que deves fazer o que te pedi. 4060

Iro – Queres ficar coberto com sujidade tão imunda?

Sofrónio – Deixa-te disso. É apenas uma coisa fácil que quero pedir-te.

Iro – Julgas fácil o que para mim se afigura difficilimo.

Sofrónio – Deves aceder aos meus desejos, pois mereci o teu acordo.

Iro – Nunca negaria que te tornaste merecedor de tudo. 4065
Insistes? Toma; mas é com alguma relutância de Iro.

Sofrónio – Afasta-te.

Iro – Passa bem.

Sofrónio – Olha! Se alguém perguntar
quem te deu isto, diz que foi um desconhecido.

Iro – Serás ignorado dos homens, mas conhecido de Deus,
a quem sempre pedirei que te seja propício. 4070

Sofrónio – Se o fizeres, alcançarás graça em abundância.

CENA IX : SOFRÓNIO, sozinho.

Compreendo agora que apenas reinaram
 os que conseguiram mesmo ter domínio sobre si próprios
 e expulsaram do santuário sublime da razão
 para bem longe as falsas aparências 4075
 e o tropel ruidoso das paixões sem freio:
 cada um destes isolou-se do povo
 em remoto convento ou em gruta de montanha
 e, vivendo à moda antiga, desprezaram 4080
 voluntariamente as honras enganadoras,
 e mostraram que é possível viver a vida,
 sem quaisquer concessões à gula, banquetecendo-se,
 reconfortados com a meditação divina
 e saciados com o alimento espiritual.
 Depois que, pela experiência, comeci a aprender tais coisas, 4085
 melhores consolos me animam
 e lamento o tempo que passei
 na companhia de outros escravos da vã glória,
 sendo eu o principal escravo do dinheiro.
 Agora, mais defendido por uma conduta de vida mais íntegra, 4090
 respiro livre, desprendido e senhor de mim.
 Agora vejo jazer aos meus pés
 o que outrora eu carreguei sobre a cabeça,
 como vil laçao, como simples soldado
 que se alistou por baixo salário. 4095
 Deixarei a turbulenta Academia, sem me preocupar
 com os candidatos que nos rodeiam com solicitações;
 que este compre ou aquele venda sufrágios,
 é coisa com que já não se preocupa o morto Sofrônio.
 Ele já não navega no meio de tais tempestades. 4100
 Odeia a palavra Senado e as questões da Cúria.
 Adeus, exercícios literários;
 adeus, causas enfadonhas dos tribunais.
 Ó nuvens de aplausos por que outrora ansiei,
 já não peço que sopreis do palácio real. 4105
 Ide-vos. Que outro vento leve estes ventos;
 que melhor vapor dissipe este falso vapor.
 Toda a esperança nestas questões mundanas ou morre sempre
 ou então, se é coroada de êxito,
 somos nós, ignorantes, a esquecemo-nos de nós e de Deus. 4110
 Ah! se os mortais pudessem tolerar a calma
 e amar a paz desta solidão
 em que cada um vivesse apenas para si e para Deus!

Poucos crimes invadiriam o mundo
e a santidade interior far-se-ia notar no exterior. 4115
Oxalá vivas assim com serenidade, ó minha alma,
e pela contemplação me tornes odioso a mim próprio.
Pensa muitas vezes nisto: o que nós alcançamos
é o corpo ter de morrer e uma vida mal conduzida
deparar com todos os horrores que a forja 4120
do cruel Tártaro preparou para nos castigar.
Vamos, se te apetecesse viver de forma nobre
e sumptuosa que levarias tu daqui? Um pano de linho
é toda a vestimenta em que nos amortalham,
no silêncio que segue a nossa morte. 4125
Enquanto viver terei aquela caverna como o sepulcro preferido.
Vai em frente. Morrerá como um justo
quem antes da morte desejou morrer em vida.

CENA X : LEGADO RÉGIO, VIDA HUMANA

Legado Régio – Investiga a Lusitânia onde poderá encontrar
um homem desdenhoso de cargos públicos,¹¹¹ a quem confie 4130
um cargo da maior responsabilidade. Apresentam-se muitos
que nos rodeiam uns com dádivas, outros com pedidos.
Estes tentam engrandecer-se, não proteger o Reino
com igualdade de direitos, bons costumes, leis.
Enviado pois para aqui, examino este lugar, a saber 4135
uma cidade devotada às letras da qual é lícito esperar
que seja um domicílio frequentado por pessoas de bem e por letrados
que não se deixem inchar de orgulho com a aura da vã glória
nem abrasar pala paixão nefasta do dinheiro.
Se não conseguir encontrar aqui homens destes, 4140
não penso que deva passar a outras terras.
Terão as restantes cidades o que não oferecer
Coimbra, fomentadora e criadora de sabedoria?
É aqui, em minha opinião, que a genuína luz da mui distinta Ciência
derrama com mais abundância os seus raios 4145
e ensina que os cargos públicos não devem ser desejados em demasia.
Quanto aos que são dados por nomeação régia, recomenda
que deverão ser exercidos com grande sentido de responsabilidade.
Procuro tais homens. Mas é preferível regressar sem ninguém
convocado para desempenhar estes cargos do Reino, 4150
a levar daqui pessoas sedentas de glória

e de dinheiro, com prejuízo do bem comum.
Mas quem vem ao meu encontro?
Vida Humana – Escutei-te e sei
porque vens como embaixador à cidade de Coimbra. 4155
É com satisfação que dou devidas graças a Deus
por, finalmente, a Virtude ser conhecida pelo seu nome,
e se procurar um homem bom para ocupar um cargo público,
tendo em conta a sua virtude, e não um cargo para um homem.
Não te afadigues a procurar; dar-te-ei quem preferes:
alguém sensato, desinteressado, amante da vida pública, 4160
defensor da justiça, avesso à lisonja,
inimigo da mentira, da fraude e do dinheiro.
Legado Régio – Vá, prometes apresentar-mo?
Vida Humana – Claro. Apresentar-te-ei
a pessoa com o perfil moral que descrevi.
Legado Régio – Ó Vida, penso que tudo vai correr melhor 4165
enquanto reinar o rei que agora reina.
Ele não faz quaisquer concessões indevidas ao favor;
promove muito a fé e a moralidade; ordena que os julgamentos
decorram da forma mais isenta; com o seu conhecimento,
não há impunidade para quem trama más acções; 4170
reprime com dureza a odiosa devassidão de costumes;
perfilha igualmente a moderação, moderando-se também.
Ele próprio, através de representantes seus,
percorre agora a província; com uma integridade admirável,
repara as acções condenáveis com castigos justos. 4175
Enaltece com palavras e recompensas o que é louvável.
Vês que defensores ele dá à Santa Fé?
Os representantes do povo por ele designados?
Que ele reine sem interrupção, com o seu nome venerável.
Vida Humana – Queiram e permitam os deuses que ele reine 4180
como uma dádiva especial para a sua querida pátria.
Mas tenho grande receio dos crimes que muitas vezes não permitem
que dure um bem tão precioso. É esta, contudo, a minha esperança,
embora me assalte uma espécie de temor derivado do meu amor,
ó bem-aventurada Lusitânia por ter um rei 4185
que faz florescer a Justiça, a Castidade, a Piedade e a Boa-Fé.
Legado Régio – Espera sem recear. Em frente. Vamos ao que resta.
Apresenta a pessoa que me prometeste e de quem falaste,
e entrega-ma como o Estado a exige.
Ordena-lhe que parta daqui comigo para assumir 4190
um alto cargo.

Vida Humana – Fá-lo-ei sem tardar, mas sei
que ele está muito alheado destes assuntos.
Vamos. Com insistências, talvez consigamos demover
um espírito bastante agarrado aos seus honestos propósitos. 4195
Legado Régio – Ó Vida, eu gostaria que mo apresentassem já.
Vida Humana – Tendo-se afastado em tempos do mundo,
fugindo ao convívio dos homens, recolheu-se numa caverna aqui perto,
imitando aqueles amantes da santidade,
a quem agradava abraçar a solidão.
Legado Régio – Será crime confiar a pátria a um outro 4200
se Deus concordar benevolmente com um homem destes.
Vida Humana – Ele vive escondido naquela gruta.
Legado Régio – Avancemos sem demora para lá.
Vida Humana – Deixa que seja eu primeiro a falar-lhe.

CENA XI : VIDA HUMANA, SOFRÓNIO, LEGADO RÉGIO

Vida Humana – Ó habitante deste penhasco, para te dares
todo a Deus e ao Céu para sempre, 4205
sai por momentos.
Sofrónio – Quem me importuna? Ó Vida
não deixarás um mortal esconder-se numa caverna
para desfrutar deste ócio?
Vida Humana – De modo nenhum permitirei
que desfrutes sozinho desse ócio
quando há muitos que reclamam precisamente a tua ajuda. 4210
Sofrónio – Tu me empurraste, tu me conduziste há pouco para a gruta,
ó Vida Humana; arrastas-me agora de novo para fora,
inconstante, severa e leviana, mutável?
Se aprovas o silêncio deste refúgio,
porque me inquietas? Porque elogias agora 4215
o bulício das cidades ficando calada? Vamos! Se os negócios humanos
não me agradam, consente que me mantenha retirado,
como é meu desejo. Se te deleitam a vida pública
e os ajuntamentos humanos, porque me empurraste para a gruta?
Não se abandona a bem o que bem se começou. 4220
Vida Humana – Põe isso de lado. São estas as ordens de Deus:
olharmos pelo nosso bem-estar pessoal,
mas sem descurarmos o que convém ao bem público.
Os assuntos privados devem dar prioridade aos públicos.
Sofrónio – É contrariado que apareço em público. Que fazes, Vida? 4225

Retiras com o anzol um peixe do fundo do rio
e despreza-lo alegremente, deixando-o em terra seca.

Vida Humana – Admito. Sai daí, uma vez que a situação assim o exige.

Sofrónio – Eis-me. Que desejas?

Vida Humana – Escuta com calma este homem ilustre.

Sofrónio – Que fale. Estou pronto a escutar. 4230

Legado – Ao contemplar
esta tua forma de vida, receio dar conta dos motivos
que me trouxeram até aqui, mas falarei.
É sabido que há apenas uma boa solução para os problemas:
confiar os negócios do Estado precisamente
aos cidadãos mais íntegros, que não coloquem seus interesses 4235
à frente do interesse geral mas que, como representantes do povo,
se comportem com a maior dignidade,
e não como um tirano que faz todos os possíveis
por converter os negócios públicos em negócios pessoais
e, desejoso apenas de honrar-se a si próprio, saqueia as casas dos cidadãos. 4240
É por um presidente das cortes com este perfil que el-rei anseia.
Alegro-me por o ter finalmente encontrado.
É como seu emissário que trato destes assuntos. Põe-te disponível.
A tua virtude chama-te a assumir os mais altos cargos.

Sofrónio – Não me refugiei aqui para dar azo a honras 4245
que já abandonei. Fugi dos grilhões uma vez;
meterei de novo neles os meus pés livres?
Dei-me bastante à vaidade, bastante aos livros.
Nada há que me arraste os olhos, pobre de mim,
seja qual for a descrição da situação crítica do reino. 4250
Oh! Perdoa-me, por favor; não faltam bons cidadãos
a quem poderás propor missões aliciantes.

Vida Humana – Que é que fazes?

Sofrónio – Volto
para o meu sepulcro.

Vida Humana – Desprezas o pedido deste homem?

Sofrónio – Longe disso; fujo apenas dos cargos públicos,
que eu, cheio de pavor, conheço como inimigos.

Legado Régio – Quanto mais vejo que te opões, 4255
oferecendo resistência, mais resolutamente te importunarei
com minhas súplicas. Não recuses o que de ti exigem
os justos anseios do reino e as ordens dum rei excelente.

Vida Humana – Como sabes se é do agrado de Deus que te afastes daqui?

Sofrónio – Não estou certo de a minha retirada agradar a Deus. 4260

Legado Régio – Eu acredito que vim para aqui pelo desígnio de Deus.

Sofrónio – Se é esta a vontade certa do Eterno Pai
 Ele mo revelará. Dai-me oportunidade de rezar.
 Ele escutará benevolamente o seu suplicante, assim espero.
Vida Humana – É justo o que ele pede.
Legado Régio – Deixemo-lo rezar, sem limitações. 4265

CENA XII : SOFRÓNIO, ORÁCULO

Sofrónio – Sim, é um direito teu teres autoridade sobre mim,
 o mais insignificante dos teus súbditos, ó Soberano do universo, eu sei.
 Aproximo-me como um suplicante e antes de mais, ó Pai,
 peço isto à tua divina majestade. Não permitas que eu, teu servo,
 arranje forma de ir atrás da minha vontade; 4270
 é só a Ti que eu quero como meu senhor e meu rei.
 Arrebatado em tempos para aqui pela força do teu amor,
 abandonei as cidades e escondi-me nesta gruta,
 para não me deixar submergir por tempestades violentas.
 Pedem-me que volte de novo para os locais donde fugi. 4275
 O meu espírito ansiava viver tranquilo o resto de minha vida,
 neste penhasco rochoso, para livremente
 te dedicar noites e dias inteiros.
 Nenhum escravo pode dispor de si próprio.
 Dá-me as tuas ordens, meu Senhor. Seguirei o que me ordenares. 4280
Oráculo – Vamos, vai e não tenhas tanto horror aos grandes tumultos
 provocados pelas pessoas. É verdade que passarias o tempo
 mais tranquilamente nesta gruta; Deus preocupa-se com a coisa pública
 e alegra-se que as cidades sejam administradas pelos melhores homens. 4285
 Embora te cumulasse aqui do néctar divino, tal como
 o mel enche os favos, Ele fará sempre avançar sob a inspiração celeste
 quem foi chamado a assumir as tarefas do poder, e dar-te-á forças,
 enquanto a inteligência quiser manter-se consciente do bem.
Sofrónio – Obedecer-te-ei pois que o ordenas lá do Céu,
 ó Eterno Soberano; confio-me inteiramente a Ti. 4290
 Irei, e preferirei a fadiga ao ócio agradável.
 Aproximai-vos; submeto-me às ordens de Deus.
 De bom grado aceito que me levem daquele feliz refúgio
 para o meio das tormentas do palácio real.
Legado Régio – Tenho esperança de que,
 sob a tua direcção, os negócios do Estado e o Reino 4295
 ficarão muito beneficiados. Agarras o leme por recomendação dos céus,
 não pela avidez da glória e do dinheiro.

Vida Humana – Também eu confio que o reino há-de ver dias bons.
 Assumi vós deste modo os cargos públicos; aproximai-vos assim
 das responsabilidades públicas, vós aí sentados, satisfeitos 4300
 certamente com o desenlace desta comédia,
 e ponderai sabiamente no vosso íntimo que,
 os que seguram o leme por ordem de Deus,
 esses navegam com ventos favoráveis,
 ou então que, se os tempos trouxerem tempestades, 4305
 apenas eles costumam parar os redemoinhos.
 Vivei de forma que sejam as honras a virem até vós,
 e haverá um fim feliz. Vamos, aplausos.

CORO V

Versos sáficos contra a cobiça de dinheiro e de cargos políticos

Se és alguém que sofres com ânsia incontida de glória
 e com os filões do ouro devastador, 4310
 contém cautelosamente essa fúria insensata.
 Que um fogo devorador não te consuma o coração:
 daí resultará, talvez bem cedo, veres-te merecedor de cruéis castigos
 como um pobre sem consideração.
 Apenas por os desejar o mundo não viu 4315
 ninguém receber elogios merecidos,
 mas por levar a cabo, de forma persistente,
 o que ordena Virtude devidamente enobrecida por boas acções,
 ainda que ninguém, reconhecido, lhe dê realce
 ou a coroe com os louros duma recompensa tardia. 4320
 Ânsia de glória não deve caminhar
 à frente de Virtude, mas vá atrás,
 como escrava seguindo a dona.
 E o ouro caminhe um pouco afastado,
 pois Virtude envergonha-se de os ter por companheiros, 4325
 caminhando a seu lado.
 Daí, pois, que Virtude fuja deles sem tardar;
 que ela, isolando-se de ambos, se vá embora.
 Mas os dois servos, sem vergonha,
 a dona que se afasta não seguem, 4330
 antes se alegram por estar longe a testemunha,
 e lançam-se com ousadia naquilo por que ansiaram.
 Antes de mais a infame paixão do ouro
 insinua-se no espírito ávido de possuir,

e pensa gananciosamente em todos os estratagemas 4335
aprovados pela avidez doentia dos avarentos.
Nem cresce menos no palácio real
o delírio em busca de honrarias sem mérito.
Seja pelas revelações duma língua pregoeira,
seja pelas ocultas maquinações da intriga secreta, 4340
ela lisongeia os sentimentos dos príncipes, com os seus discursos,
faz escorrer da taça um veneno suave,
sob cujo efeito os reis se deixam adormecer.
Por vezes, para prejudicar, mistura enganosamente
acónitos¹¹² entre as flores do jardim. 4345
Mas o dia vingador dos crimes põe a descoberto
o mel adulterado com fel infecto
e, anulando-lhe o poder, aponta a espada
para lhe cortar a garganta.
Tu, que isto escutas, sejas quem fores, 4350
evita que a ânsia de glória e de dinheiro vá longe demais
antes que a benéfica Virtude purifique o teu percurso.
Só ela irá ao encontro da verdadeira glória,
só ela buscará conduta de vida livre de paixões ignóbeis
enquanto tu, entretanto, em nada te afadigas, 4355
mas te alegras por, abstendo-te de caminhos mais curtos,
alcançares a meta partindo do ponto de largada.
E como se dum inimigo teu se tratasse,
desprezas nobremente as honrarias.

EXORTADOR, PARA A PLATEIA

Que interessa a alguém dispor do mundo inteiro, 4360
se perde miseravelmente o seu espírito nas chamas infernais?
Por meio destas, o filho omnipotente do excelso Criador fez tremer outrora
as cidades dos filhos de Isaac e os mesquinhos habitantes de Jerusalém.
Ele falou e muitos, temerosos, tendo abandonado as riquezas
para levarem a sua alma para o Céu, ocuparam-se apenas 4365
das coisas celestes, seguindo os passos visíveis de Deus.
Isto mesmo proclamam agora os templos, apregoam-nas agora os púlpitos,
e poucos se esforçam por seguir as recomendações divinas.
Mais ainda: muitos ficam quietos como se tivessem ouvidos surdos.
Pelo contrário, nem se impressionam mais com sermões aterrorizadores, 4370
imóveis como se fossem calhaus duros ou a rocha de Marpésia.¹¹³
Ah! Miseráveis! Quando o éter ressoa com relâmpagos faiscando,

eles temem os raios de fogo ameaçando suas cabeças
 e aglomeram-se em círculo no templo sagrado,
 rezando para que o céu se acalme e as nuvens desapareçam. 4375
 Mas no meio dos fortes trovões que os ameaçam com a morte e o Inferno,
 os corações de muitos descansam como se estivessem tranquilos
 e não consideram consigo as coisas que mudaram para melhor.
 Nem falta quem, com palavras sacrílegas insinue o seguinte:
 que os santos do Céu e os astros propícios me dêem dinheiro 4380
 e que, após a morte, Deus me reserve o Céu como é meu desejo.
 Ó mentes cegas dos homens! Ó corações sem fé
 nas palavras divinas! Os ganhos arrebatados por tanta febre
 de cobiça (que diferença fará ganharmos o céu ou o ouro),
 não os podem eles proteger com algum fulgor da inteligência? 4385
 Sobretudo porque o rico¹¹⁴ arde agora, sepultado no Flegetonte¹¹⁵
 e testemunha bem alto por entre as chamas:
 “Aprendeí, com este aviso, a desprezar as riquezas, não o Céu.”
 E neste momento, abrasado em labaredas de fogo,
 o que ele deseja é uma gota de água que Lázaro lhe traga nos dedos húmidos, 4390
 para, molhando-lhe a língua, lhe suavizar o calor ardente.
 Se para as pessoas sensatas sempre pareceu profunda insensatez
 adquirir grandes riquezas com prejuízo do espírito,
 que loucura ter procurado o fogo eterno através de toda a espécie
 de prejuízos? Que é isto de comprar o Tártaro a troco de prejuízos? 4395
 Repara naquele a quem a vã soberba, com suas asas ligeiras,
 arrebatava para as alturas, em que redemoinho é levado
 e como acabará por ficar abandonado na areia fria.
 Que recordar dos que se habituaram a esconder o ouro como toupeiras?
 Ou dos que se deitaram sozinhos sobre as riquezas angariadas 4400
 e não quiseram deixar uma parte para os pobres?
 Colocaram o odioso ouro nas mãos de gananciosos
 e encontraram uma corda para com ela se enforcarem.¹¹⁶
 Quais os danos do luxo? Quais os danos de Vénus? Ainda que os mares
 da Europa e da Ásia tivessem silenciado Tróia, os séculos seguintes 4405
 até aos nossos dias mostrariam as calamidades de Vénus.
 Se a porta de Plutão se encontra aberta noite e dia,
 talvez a multidão entregue aos amores impeça que ela se feche.
 Acrescenta as graves doenças e contágios
 desconhecidos no passado, que agora afligem as nações. 4410
 Ó ira feroz, contrária aos esforços duma vida calma,
 moverás o Aqueronte para perturbares a terra com ódios.
 Com as tuas exaltações, avolumas as contendas, avolumas os danos
 Se dás azo a que os médicos possam ser recompensados

pelos cuidados dispensados aos ferimentos cruéis da tua espada. 4415
 Tu enriqueces ainda os artesãos com cuja trabalho
 as autoridades renovam as cadeias, acrescentam amarras
 às grades de ferro, e forjam espadas que se tingirão de encarnado
 na matança dos que, sob o teu impulso, praticaram funestos assassinatos.
 Que traz a gula aos que se banqueteiavam com deliciosas iguarias? 4420
 Muitas vezes a morte que os levará entre copos de vinho;¹¹⁷
 ou então, esgotados os recursos, se acaso chegaram aos confins
 da velhice, passam fome carenciados de bens,
 e nas chamas do Orco castiga-os uma pena adequada
 que, em vez de doce vinho, lhes dá absinto às refeições. 4425
 Ai, a inveja! Que tem ela? Com que se atormenta o invejoso de forma atroz?
 Foi ele quem cravou punhais afiados nas suas veias.
 Não tem necessidade de outro carrasco que o atormente.
 Já folgas, ó vil preguiça, com resultados que te confortarão
 o espírito? Sentada e avessa a qualquer esforço, 4430
 ela vive na penúria e, com muito ganho, pede tudo aos outros.
 Nem vê como nos campos os bois revolvem a terra com o arado
 e como no verão, receosa da fome no Inverno chuvoso,
 a previdente formiga transporta quanto grão encontra.
 Ó Vida Humana que, com os teus queixumes, perseguistes estes vícios, 4435
 com razão te afliges e apontas os homens como injustos consigo próprios,
 quando, levados pelas fúrias das Euménides, causam a si próprios
 danos terríveis e, rodeados por um mar de desgraças,
 viram contra a vida as maldições da sua língua.
 Como procedem melhor os que, acolhendo em seu espírito o que é eterno, 4440
 calcam aos pés as goelas da Hidra de sete bocas,
 fogem do horrível estrépito com que murmura o mar,
 ou com que um terramoto deixa em pânico cidades populosas,
 e mudam-se para um lugar onde não chegue a maldita ganância
 de possuir. Não ao conhecido Noto¹¹⁸ que ao princípio sopra 4445
 graças cativantes e no fim carrega sombrias nuvens.
 Bem faz quem prefere viver escondido no antro
 duma caverna, como Paulo ou como Antão de longa idade,
 e quantos habitaram os inóspitos lugares do Nilo Paretónio,
 donde voaram como cisnes, através dos astros cristalinos, 4450
 cada um cantando, na hora da sua morte, os dias que os viram nascer.
 Mas se vos prende mais a vida pública, a ânsia de riqueza
 e de glória, aprendei com prudência, com que economias de meios
 esforços bem sucedidos alcançam uma e outra coisa.
 Haja a intenção, antes de mais, de procurar as alegrias do reino eterno 4455
 e de ver administrada a justiça que torna justo o direito ao Céu,

e talvez vejais acrescentarem-se-lhes também estas coisas perecíveis.

FIM

Louvor a Deus e à Bem-aventurada Virgem Maria.